

Jussara Morandini Strehl

**NARRATIVAS DE PROFESSORES
SOBRE O MAL-ESTAR DOCENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação de Passo Fundo, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Graciela René Ormezzano.

Passo Fundo

2010

CIP – Catalogação na Publicação

S915n Strehl, Jussara Morandini
Narrativas de professores sobre o mal-estar docente /
Jussara Morandini Strehl. – 2010.
126 f. ; 30 cm.

Orientação: Prof^a Dr^a Graciela René Ormezzano.
Dissertação (Mestrado em Educação) –
Universidade de Passo Fundo, 2010.

1. Professores – Stress ocupacional. 2. Qualidade de
vida no trabalho. 3. Saúde e trabalho. 4. Relações
humanas. 5. Professores e alunos. I. Ormezzano,
Graciela René, orientadora. II. Título.

CDU : 371.12

O meu agradecimento a todos que, de alguma forma, estiveram comigo nessa caminhada;

*Aos meus filhos, **Matheus e Luiza** que, diretamente, foram os mais afetados pela minha ausência e ao mesmo tempo, os maiores torcedores pelo meu sucesso;*

*Ao meu esposo, **Ideraldo André**, pela dedicação, carinho, companheirismo e compreensão nas horas difíceis;*

*A Prof^a. Dr^a. **Graziela René Ormezzano**, pelo acolhimento, carinho, incentivo constante e exemplo de postura humana e científica;*

Aos professores do mestrado em Educação da UPF, pela partilha dos saberes, que me ajudaram na construção dessa dissertação;

*Aos colegas e amigos do curso de mestrado, pelo convívio de amizade e aprendizagem, em especial a amiga **Sandra Vanini**; e,*

Aos professores que, gentilmente, atenderam meu convite para participar da pesquisa, sem os quais esse trabalho não teria sido possível.

CONEXÃO

*Todos conectados por cabos, TVs, satélites e rádios
A informação flui pelo ar, pela terra e pelo mar
Todos atentos à espera da nova notícia*

*Todos desconectados de si mesmo
De seus filhos, pais, amigos
Um turbilhão de vazio e solidão apesar das últimas notícias*

*É tanta informação, mas muita solidão
Sofre-se sem saber a razão
Vive-se sem saber o sentido das notícias*

*Conexão, desconexão
Informação, solidão
Paradoxos de um mundo moderno à espera de mais notícias.*

(ANTÔNIO ENDLER)

RESUMO

Essa dissertação tem como problemática a saúde do professor e objetiva investigar qual o significado de mal-estar docente, quais as possibilidades de prevenção – na visão dos professores –, além de pesquisar as formas de prevenção para melhorar a qualidade de vida do docente. O trabalho tem embasamento teórico na educação estética, na dimensão humana e no que se refere ao sensível, levando em consideração a relação que o sujeito estabelece com o meio em que vivem e a sua crise da sensibilidade. Tem como enfoque o mal-estar do educador, pois a atividade docente propicia vivências que podem afetar a saúde física e mental; buscará subsídios para a prevenção deste mal-estar. Com base no que foi exposto, é possível afirmar que a proposta está vinculada na Linha de Pesquisa: Processos Educativos e Linguagem, dentro da área temática de Educação Estética. A pesquisa parte do pressuposto de que, conforme Ormezzano (2001), a concepção do estético é entendida como modo de ser e estar no mundo. Assim, o ser humano precisa construir a sua subjetividade na percepção dessa conexidade do eu com o cosmo, ou, em outras palavras, precisa estar imerso no mundo, expressando: o que é, como se percebe e como se conhece. Foi desenvolvida uma pesquisa de campo com oito educadores, de quatro escolas distintas da rede de ensino público estadual da cidade de Passo Fundo/RS, sendo necessário que os mesmos tivessem se afastado de suas atividades escolares por motivo de doença – com laudo médico –, mas que já tivessem retomado as suas funções. As indagações foram orientadas por entrevista, norteada pelo diálogo entre o sujeito da pesquisa e a pesquisadora, cujo intuito é favorecer a livre expressão dos entrevistados e estimular a abordagem da temática em estudo. A pesquisa se caracteriza por abordagem qualitativa de cunho fenomenológico. A escolha desta modalidade deve-se ao fato do investigador não considerar previamente uma compreensão do fenômeno, mas, ir à busca da natureza deste fenômeno num processo interrogativo. A organização e a compreensão das informações foram feitas através do método fenomenológico proposto por Giorgi (2009, 2010) e Comiotto (1992), na tentativa de descrever e perceber cada pessoa dentro de sua singularidade; se desenvolveu em cinco passos, até atingir as essências fenomenológicas. As essências que emergiram na pesquisa foram as seguintes: problemas profissionais e sofrimento; interação com a comunidade escolar; e, indicações de prevenção. A prevenção do mal-estar docente necessita de um olhar de toda a sociedade em torno da escola. Depende de políticas públicas, dos sindicatos dos professores, do setor administrativo da escola, para oferecer, ao professor, o apoio de outros profissionais que o ajudem em seu objetivo, que é a aprendizagem do aluno e a formação inicial e continuada; necessita levar em consideração as diversidades encontradas na escola. A profissão de professor requer atualização permanente, é um eterno aprender, tendo em vista que a sociedade está em constante mudança.

Palavras-chave: Processos educativos estéticos. Mal-estar docente. Prevenção. Rede de apoio.

ABSTRACT

This dissertation is problematic health teacher and aims to investigate what teaching malaise and prevention – in the vision of teachers – in addition to searching the ways of prevention in order to improve the quality of life of the teacher. The work has theoretical grounding in aesthetic education in human dimension and the sensitive, taking into account the relationship that he establishes with the medium in which they live and its crisis sensitivity. Focuses on the educator's malaise because the teaching activity provides experiences that can affect the physical and mental health; longs for subsidies for the prevention of this malaise. Based on the above, it is possible to say that the proposal is linked in the Search Line: Educational Processes and Language, within the thematic area of Aesthetic Education. Search assumes that, as Ormezzano (2001), the design aesthetic is understood as a way of being and being in the world. Thus, the human being needs to build its subjectivity in the perception of this relation of the self with the cosmos, or, in other words, need to be immersed in the world, expressing: what it is, how it perceives and as is known. A field survey with eight educators, four distinct schools of state public education network of city of Passo Fundo/RS, being necessary that they were away from their school activities by sickness – with medical – but already had resumed his duties. The quests were driven by interview, guided by the dialogue between the subject of research and researcher, whose aim is to encourage the free expression of respondents and stimulate the approach of the thematic study. The research is characterized by qualitative approach of phenomenological slant. Choosing this modality is because of the researcher not consider advance an understanding of the phenomenon, but go to the search of the nature of this phenomenon in a process interrogative. The organization and to understand the information were made through the phenomenological method proposed by Giorgi (2009, 2010) and Comiotto (1992), in an attempt to describe and understand each person within its uniqueness; developed in five steps, until it reaches the phenomenological essences. The essences that emerged in the survey were as follows: professional problems and suffering; interaction with the school community; and, prevention information. Prevention of malaise teaching requires a look of the whole society around the school. Depends on public policy, teachers unions, school administrative sector, to deliver, the teacher, the support of other professionals who help you in your goal, that is the student's learning and training initial and recurrent; need to take into consideration the diversity found in school. The profession of teacher requires permanent update, is a perennial learn as society is changing.

Descriptors: Aesthetic education processes. Teaching malaise. Prevention. Support network.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 EDUCAÇÃO ESTÉTICA E AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DO PROFESSOR.....	12
1.1 Educação estética.....	12
1.1.1 Sensibilidade.....	14
1.1.2 Crise da sensibilidade.....	18
1.2 O mal-estar docente e as tensões do seu cotidiano.....	23
1.2.1 As tensões com que convivem os docentes.....	26
1.3 Em busca de estratégias e prevenção na formação e nas condições de trabalho.....	29
1.3.1 Recursos materiais e condições de trabalho.....	37
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	42
2.1 Caracterização da pesquisa.....	42
2.2 Campo e participantes.....	43
2.3 Instrumento.....	45
2.4 Compreensão das informações.....	46
2.4.1 Primeiro passo – O sentido do todo.....	46
2.4.2 Segundo passo – As unidades de significado.....	47
2.4.3 Terceiro passo – Transformações das expressões dos participantes em expressões psicossensíveis.....	48
2.4.4 Quarto passo – Síntese das estruturas de significado.....	49
2.4.5 Quinto passo – Dimensões fenomenológicas.....	49
3 MAL-ESTAR DOCENTE E PREVENÇÃO.....	51
3.1 Problemas profissionais e sofrimento.....	52
3.1.1 Valorização profissional.....	52
3.1.2 Relação trabalho e vida pessoal.....	57
3.1.3 Problemas de saúde e atitudes frente à doença.....	61
3.2 Interação com a comunidade escolar.....	66
3.2.1 Realidade do aluno.....	66
3.2.2 Relação com a família dos alunos.....	70

3.2.3 O papel do professor.....	73
3.2.4 Relação com os colegas.....	76
3.3 Indicações de prevenção.....	80
3.3.1 Sistema de apoio.....	80
3.3.2 Investimento em infraestrutura.....	84
3.4 Formação inicial e permanente.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICES.....	106
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	107
APÊNDICE B – Roteiro da pesquisa.....	108
APÊNDICE C – Entrevistas.....	109
ANEXO.....	125
APROVAÇÃO DA PESQUISA.....	126

INTRODUÇÃO

A temática proposta é fruto de questionamentos, de reflexões pessoais e coletivas e de inquietações que têm marcado a trajetória profissional da pesquisadora no decorrer de dezessete anos; período que vêm atuando como professora estadual, no exercício de diversas funções dentro da escola, tais como: coordenadora, assistente pedagógica e docente.

A docência proporciona diversos desafios, sendo uma profissão que exige qualificação constante para acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade, as quais provocam transformações nos hábitos e nos valores humanos.

Hoje são frequentes as notícias na mídia acerca de atos agressivos dirigidos contra os professores, por parte de alunos e/ou pais; também, a eterna luta dos educadores para ver o seu trabalho reconhecido e pela melhoria de seu salário; e, a falta de um número suficiente de docentes nas escolas, acarretando na sobrecarga de trabalho, sendo necessário que atendam turmas paralelas e realizem várias atividades de planejamento, contando com pouco tempo para se organizar. Além dos problemas de cunho administrativo e relacionados aos recursos humanos, existem, também: a carência de recursos financeiros e de materiais nos estabelecimentos de ensino; grande número de estudantes usuários de drogas ou que não têm suas necessidades básicas atendidas; e, diversos pais que são ausentes da escola e da vida do filho.

Todos estes fatores fazem com que a rotina do professor seja permeada por um alto grau de tensão, de queixas e de ansiedades. Zagury (2006) afirma que o professor, hoje, é refém da má qualidade de ensino que recebeu; do tempo de que necessita, mas do qual não dispõe; da família que perdeu a autoridade sobre os filhos; das pressões que sofre por parte do sistema; dos alunos que hoje o enfrentam, em muitos casos; da própria consciência, que lhe revela sua impotência. Além disso, nas escolas o professor ainda precisa dar conta dos dias de formação, nos quais estuda sobre avaliação, sobre formas de motivar alunos que estão se evadindo e/ou que não estão aprendendo, e discute sobre a qualidade do ensino.

Dentro desta realidade é que o docente equaciona as pressões sociais e os problemas que enfrenta em seu dia a dia, suas tensões e emoções. Isso tudo pode desencadear o mal-estar docente que hoje é uma preocupação de governantes,

pesquisadores, sindicatos, educadores e sociedade em geral, pois além de afetar a saúde dos professores, influencia na qualidade do ensino oferecido.

Diante de tantos problemas e dos questionamentos que estes geram sobre a educação, o que mais provoca inquietação, no momento, é a percepção que o professor tem do mal-estar docente, quais são as suas causas, e sua visão na prevenção. Arroyo (2000), ao referir-se sobre o atual panorama da educação, aponta que as pessoas são o que produzem e, também, as formas como trabalham as estruturas e relações sociais. Assim, optou-se por pesquisar o que pensam e o que sentem os professores que atuam em sala de aula; quais são suas maiores dificuldades; como eles se veem enquanto educadores, levando em conta que suas vivências como docentes são afetadas pelas mudanças que acontecem na sociedade e que, de uma maneira ou de outra, atingem o ambiente escolar e, conseqüentemente, sua saúde e sua prática pedagógica.

A pesquisa foi realizada com oito professores da rede estadual de educação; a escolha destes professores sobreveio pelo fato da pesquisadora ser professora da rede estadual e perceber que não existem ações em nível de governo, ou sindicato, para a promoção da saúde do professor, sendo que a cada ano percebe-se um número crescente de laudos nas escolas estaduais.

Abaixo verificam-se os dados coletados através de correio eletrônico junto a Divisão de Qualificação e Reabilitação Profissional – DIREP/RS, sobre o número de laudos pedidos por professores, referentes à Licença para Tratamento de Saúde, não incluindo licenças gestantes e licenças para tratamento de saúde de familiares, entre os anos de 2006 a 2009, no Estado do Rio Grande do Sul e na cidade de Passo Fundo, no mesmo Estado. Através de contato telefônico junto à 7ª Coordenadoria Regional de Educação de Passo Fundo, recolheram-se informações para a realização da seguinte tabela:

	2006	2007	2008	2009
Rio Grande do Sul	18.519	18.614	19.125	21. 516
Passo Fundo	366	414	375	490

Observa-se que, tanto em nível estadual como municipal, há um aumento permanente e significativo de docentes que precisam se afastar de suas atividades

profissionais. Na tabela abaixo verifica-se o crescente número de laudos comparado com a significativa diminuição de docentes, no decorrer dos anos, em Passo Fundo/RS, informações obtidas com a 7ª Coordenadoria Regional de Educação de Passo Fundo e Departamento Médico e Estatística de Porto Alegre, em fevereiro de 2010.

PASSO FUNDO	2006	2007	2008	2009
Número de professores	1592	1522	1422	1316
Número de laudos	366	414	375	490
% de laudos	22,99%	27,20%	26,37%	37,23%

Segundo reportagem de Fávero (2010) no *Jornal O Nacional* do dia 26 de julho de 2010, desde o início do ano letivo, neste ano, a 7ª Coordenadoria de Educação de Passo Fundo já registrou 20 exonerações, 12 desistências de contrato e 230 laudos médicos.

Com base no que foi exposto, é possível afirmar que a proposta está vinculada na Linha de Pesquisa: Processos Educativos e Linguagem, dentro da área temática de Educação Estética. A pesquisa parte do pressuposto de que, conforme Ormezzano (2001), a concepção do estético é entendida como modo de ser e estar no mundo. Assim, o ser humano precisa construir a sua subjetividade na percepção dessa conexão do eu com o cosmo, ou, em outras palavras, precisa estar imerso no mundo, expressando: o que é, como se percebe e como se conhece.

Essas preocupações e ideias impulsionaram a propor uma pesquisa onde a problemática está centrada sobre a saúde do professor, com o seguinte questionamento: Qual o significado de mal-estar docente e quais as possibilidades de prevenção na visão dos professores?

Com base nessa questão, foram elaborados os seguintes objetivos: aprofundar os conhecimentos sobre o mal-estar docente; investigar o que significa o mal-estar docente para o professor; observar quais as dificuldades que o professor encontra na escola hoje, e se ele consegue relacionar estas com a sua saúde; e, coletar sugestões de alternativas para prevenir o mal-estar docente.

A presente pesquisa é composta por três capítulos: a fundamentação teórica orientada para o desenvolvimento de todo o estudo, trajetória metodológica e a discussão das essências fenomenológicas e suas dimensões.

1 EDUCAÇÃO ESTÉTICA E AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DO PROFESSOR

O presente capítulo tem por finalidade estabelecer a fundamentação teórica no que diz respeito à educação estética na dimensão humana referente ao sensível, levando em consideração a relação que o sujeito estabelece com o meio no qual está vivendo, sua interação com a sociedade e a sua crise da sensibilidade, já que o ser humano se desenvolve em um meio social e, hoje, a sociedade lhe impõe uma gama de comportamentos que exigem um ajuste constante em sua conduta.

Dentro deste contexto social, onde se tem de responder a diversas imposições da sociedade, que está cada vez mais competitiva, gerando insegurança econômica e impondo padrões de comportamento, o professor, como sujeito interativo da sociedade, é atingido pelo modelo social, já que a atividade docente lhe proporciona vivências que, muitas vezes, o levam ao mal-estar, afetando sua saúde física e mental e, por conseguinte, as suas práticas pedagógicas.

Desta forma, buscam-se subsídios para a prevenção do mal-estar docente.

1.1 Educação estética

Este estudo pretende promover reflexões sobre a educação estética na dimensão humana referente ao sensível, levando em consideração a relação que o sujeito estabelece com o meio no qual está vivendo e a sua crise da sensibilidade.

Estética e educação confluem na chamada educação estética. Neste sentido, a autora refere-se que é um processo em que se deve levar em consideração um conjunto de influências, “Matéria-espírito na produção de efeitos de sentido acontece na atuação sinérgica das quatro funções básicas da consciência: pensamento, sentimento, sensação e intuição” (ORMEZZANO, 2009, p.37).

Para Galeffi (2007) a educação estética é compreendida como o cuidar da sensibilidade, e ela começa com a educação de si mesmo e de sua relação com os outros, e o mundo em sua abrangência e finitude. Educação estética é muito mais do que aprender a ouvir música, cantar, observar arte, fazer teatro, aprender sobre literatura. A educação estética deve ser pensada como cada um é em sua superfície

existencial. Ainda, conforme o autor, cuidar-se, efetivamente, também pode ser um cuidado com as emoções.

O aprendizado estético é pertinente à conjuntura das emoções e dos afetos, da afetividade e da disposição amorosa, para a relação com o mundo-outro. Educar esteticamente, assim, é propiciar o aprendizado do ser, do ver, do conhecer, do viver junto e do fazer próprio e apropriador, a partir do sentimento de pertença e de harmonização de todo o sentido-ser (GALEFFI, 2007, p.108).

A educação estética pode ser entendida como um olhar para as emoções, sensações, sentimentos e pensamentos, que são aflorados em experiências na relação e interação com o outro; é um olhar de como o ser humano constrói a sua história; se autoconhecer para se entender e, com isso, entender o outro. Essa interação está permeada por valores que fundamentam as ações.

Segundo Duarte Jr. (2001), a educação possui uma dimensão estética ao levar o educando a pensar e a criar valores que fundamentem sua ação, agindo com coerência e harmonia entre o sentir, o pensar e o fazer. Caso contrário, estar-se-á diante de uma ação esquizoide dos tempos atuais: entre a dicotomia de falar e fazer, pensar e agir, sentir e atuar.

O conceito de educação abrange um espectro mais amplo que a simples transmissão do conhecimento, pois abarca o processo formativo do ser humano, no sentido de processo através do qual se dá o apoio necessário para o sujeito desenvolver sentidos e significados que direcionem suas ações no mundo. Neste sentido, o conceito de educação ultrapassa o ambiente escolar para mergulhar no contexto cultural onde está inserido o sujeito.

Maffesoli (1999) destaca a importância da educação estética na exteriorização do imaginário. O autor afirma que a educação estética propõe um modo de conhecimento que ajuda a reduzir a dicotomia entre a razão e o imaginário, integrando parâmetros como a emoção, a aparência, os sentidos e provocando uma sinergia maior entre o pensamento e o sensível. Tudo isso, no dizer do autor, implica educar em um sentir comum, no melhor modo de denominar sentimentos partilhados ou sensações.

Ormezzano (2007) acrescenta que a educação estética é um processo em que o sujeito sente, experimenta, vibra emocionalmente e, desta forma, expressa seu potencial humano tanto na distinção da singularidade como na percepção da união dinâmica com seus semelhantes, sendo capaz de comunicar seus ideais e a complexidade da sua interioridade.

O conceito de estética, no presente trabalho, “não é aquela que se pode situar no domínio das belas-artes: ela as engloba, mas também se estende ao conjunto da vida social. A vida como obra de arte de algum tipo, ou ainda a estética, como maneira de sentir e de experimentar em comum” (MAFFESOLI, 1995, p.53).

Nesse contexto, entende-se por estética a forma como os seres humanos sentem a si mesmos, como sentem o outro, como percebem, elaboram e ressignificam suas vivências, como atuam no meio em que vivem, como influenciam, como são influenciados, como reagem, como expressam suas emoções, seus sentimentos, enfim, como constroem sua história, e como elaboram todos os sentimentos afluídos na interação com o outro.

Na visão de Funch (2000, p.123), “As nossas condições de vida alteram-se, as nossas emoções mudam e precisamos de novas formas para constituir a nossa vida emocional”. O autor defende a ideia de que a experiência estética é uma instância de qualidade emocional e que ao longo da vida os seres humanos experimentam novas emoções. Isso acontece porque estamos sempre interagindo com novas situações, pois a sociedade está em um constante movimento, proporcionando a experiência de novas condições e novos valores, com os quais não havíamos nos deparado, e que serão diferentes no futuro.

A educação estética precisa estar voltada para a realidade, para as vivências de cada um, para o ver, o ouvir, e para interpretar o ser humano como um todo. A seguir serão trabalhadas algumas premissas teóricas do que se entende por sensibilidade no campo da educação estética.

1.1.1 Sensibilidade

A palavra estética remete ao belo, ao harmônico, ao perceptível, ao sensível, ao sentir. Conforme Duarte Jr. (2001, p.12) a “raiz grega da palavra ‘estética’ – *ais-*

thesis – indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado”. Já, como contempla Maffesoli (2005), deve-se entender a estética como um vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente. O mesmo autor acrescenta que “o paradigma estético não é nem um pouco individualista” (MAFFESOLI, 1995, p.35).

A vida humana é um constante fluir emotivo, sobre o qual advêm as significações que as palavras lhe dá. O homem experimenta o mundo primordialmente de maneira direta, emocional, voltando-se então sobre estas experiências conferindo-lhes um sentido, através de simbolizações adequadas. Qualquer espécie de conhecimento somente se dá a partir deste fluxo vital, que se desenrola desde o nosso nascimento até a morte. Isso quer dizer, primeiramente, que as experiências só se tornam significativas após terem sido vividas, quando o pensamento pode tomá-las como objeto e transformá-las em símbolos (DUARTE JR., 2008, p.29).

A estética, neste trabalho, será abordada na dimensão humana referente ao sensível, levando em consideração a relação que o homem estabelece com o meio no qual está vivendo; seus vínculos, os fatos do cotidiano, suas vivências – que só são possíveis por sua sensibilidade, a maneira como se sente, se percebe e também como sente e percebe o mundo que está vivenciando.

Uma estética que não se reduz a arte, mas remete às emoções partilhadas e aos sentimentos vividos em comum. Assim, o estilo, como conjunto de formas ordenadas, sentidas como tais são, pois, uma característica contemporânea amplamente difundida. É isso mesmo que é causa e efeito da sociedade que esta nascendo neste final de século (MAFFESOLI, 2005, p.34).

Para perceber-se e perceber o meio no qual se está experienciando, tem-se que ser sensível. Cabe destacar que o termo sensível tem várias significações, como a trazida nos dicionários.

1 que sente, que tem sensibilidade 2 que recebe facilmente as impressões ou sensações externas 3 que é percebido pelos sentidos; que impressiona os sentidos; perceptível 4 que faz sentir dor; que produz dor; doloroso (*golpes*) 5 receptivo a impressões sensórias (*s. à dor*) (*está com a região lombar s. devido ao tombo que levou ontem*) 6 capaz de sentir e captar o que existe e de expressá-lo (*um artista s.*) 7 que requer tato e habilidade; delicado (*assunto s.*) 8 que faz sentir; que produz impressão; que se percebe como real ou material 9 que faz perceber ou se nota facilmente pela razão ou pelo entendimento; visível. Evidente, manifesto 10 de alguma importância; apreciável 11 que tem sensibilidade em alto grau; dotado de uma vida afetiva intensa, rica; apto a sentir profundamente as emoções, fazendo que delas participe todo o seu ser; emotivo 12 que se comove facilmente, que se impressiona (*não fale desse assunto com ela porque ela é muito s.*) 13 propenso a participar das dores alheias 14 emocionalmente favorável e compreensivo; solidário (*demonstrou estar s. à nossa causa*) 16 que facilmente se ofende ou se melindra (*é difícil conversar com pessoas s. demais*) (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.2547).

Neste trabalho o termo sensível será utilizado como a capacidade de sentir e captar o que existe e de expressá-lo; e, também, o que é percebido pelos sentidos, o que os impressiona, o perceptível. Conforme o filósofo Merleau-Ponty (1971), o sensível é bem mais que o perceber; é o observar, o procurar entender, conhecer, o que se percebe pelos sentidos.

A qualidade sensível, longe de ser coextensiva à percepção, é o produto particular de uma atitude de curiosidade ou de observação. Ela aparece quando, em vez de abandonar ao mundo todo meu olhar, viro-me em direção a esse olhar e pergunto o que vejo ao certo; ela não figura no comércio natural de minha visão como o mundo, ela é a resposta a uma certa questão de meu olhar, o resultado de uma visão segunda ou crítica que procura se conhecer em sua particularidade (MERLEAU-PONTY, 1971, p.232).

O sensível compreende o sentir, pois é através dos sentidos que se percebe e se interage com o mundo, assim, os seres humanos pensam, interpretam, produzem significações.

Para Duarte Jr. (2008) o sentir vem primeiro que o pensar, pois compreende aspectos perceptivos internos e externos, aspectos emocionais; por isso ele afirma que o homem, antes de ser razão, é emoção.

Dessa forma o conhecimento do mundo é um processo onde o sentir e o simbolizar se articulam e se completam. Contudo, não há linguagem que explicitamente esclareça totalmente os sentimentos humanos. Não se pode, nunca descrever com palavras a dor ou como é a ternura que estamos sentindo. O conhecimento dos sentimentos e a sua expressão só podem se dar pela utilização de símbolos outros que não os lingüísticos; só podem se dar através de uma consciência distinta da que se opõe no pensamento racional (DUARTE JR., 2008, p.16).

Para o autor, existem sentimentos que não se podem conceituar pela linguagem, mas podem se expressar de outras formas para, assim, se poder dar significado.

Merleau-Ponty (1971, p.68) afirma que “o sentir é essa comunicação vital com o mundo que o faz presente como lugar familiar da vida. É a ele que o objeto percebido e o sujeito devem sua espessura. Ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento buscará para decompor”.

Ormezzano (2007), quando se refere à estética, lembra dos diversos enfoques que recebeu com o passar do tempo e reforça a importância da totalidade.

Desde a origem da civilização ocidental, o problema estético tem alterado seu enfoque: surgiu com a preocupação sobre o belo, depois sobre a criatividade e a percepção, mais tarde sobre a formação do gosto e, nos últimos anos, relaciona-se com as teorias do imaginário. Enfim, apesar das mudanças, a educação estética preserva o conhecimento da dimensão sensível do ser e permite perceber sua condição de *holon*, ou seja, a pessoa como parte do todo e a totalidade em cada pessoa (ORMEZZANO, 2007, p.36).

Apesar dos diversos aspectos que a educação estética foi tomando durante o passar dos tempos, ela sempre esteve relacionada ao ser humano e sua dimensão biopsicossocial, levando em conta a pessoa como um todo e não em partes isoladas.

Conforme Duarte Jr. (2001), o que interessa é a vida, com sua multiplicidade de sensibilidades e de formas de expressão; a vida cotidiana, com todo o saber que nela está encerrado e que se movimenta por entre as belezas e percalços do dia a dia. A sensibilidade que funda a vida consiste num complexo tecido de percepções que nunca deverá ser desprezada em nome de um suposto conhecimento verdadeiro.

1.1.2 Crise da sensibilidade

É notório que o estilo de vida está cada vez mais acelerado, que muitas vezes tem-se que responder as constantes demandas que a sociedade impõe; vive-se em ambientes altamente competitivos, atualizações constantes na vida profissional, na tecnológica; há momentos de insegurança econômica, medo da violência; convive-se com a incerteza, com desequilíbrios ambientais, patógenos cada vez mais resistentes aos medicamentos e a novas doenças; tudo isso contrastando com os paradigmas de beleza e de felicidade divulgados pela mídia.

O desenvolvimento tecnológico assistido nos dias de hoje traz profundas regressões nos planos sociais e culturais, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis do ser humano se relacionar com a vida. “A crise do mundo moderno atinge nossos sentidos físicos e as atividades mais elementares de nosso dia a dia” (DUARTE JR., 2001, p.70).

Apesar das facilidades encontradas no cotidiano e as tecnologias que permitem poupar tempo, como serviços *on-line* e tele-entregas, vive-se o paradoxo de se ter menos tempo para o lazer, o descanso e o relacionamento com outras pessoas, apesar de mais tempo disponível.

Como constata Dahlke (2001), em sua obra intitulada *Qual é a doença do mundo?*:

Desde o começo do século passado, as pessoas dormem, em média, duas horas ou três horas a menos por dia. O tempo de regeneração reduziu-se de nove para sete horas. No entanto, isso ainda parece demasiado. Toda a ajuda técnica simplesmente não proporciona tempo livre, pelo contrário. Exige as tais quinhentas horas adicionais de vigia (DAHLKE, 2001, p.77).

As pessoas conversam menos pessoalmente, porém enviam mais email; os contatos se tornaram virtuais.

[...] a importância do ato de conversar sempre foi reconhecida antes de nossos dias, nos quais ele vem sofrendo um significativo decréscimo. A conversa, além de ajudar a manter viva a sabedoria popular, consiste também num fator de identidade e de integração cultural. Por ela são trocados não apenas informações e dados, mas, sobretudo, afetos e sentimentos, esses elementos básicos para a manutenção ou a transformação de uma dada realidade (DUARTE JR., 2001, p.86).

Por ser a conversa um elemento fundamental da troca de experiências, para agregar conhecimentos e, conseqüentemente, haver uma interação na vida em sociedade, é que Duarte Jr. (2002) afirma estar na conversa a base para a inserção social. Porém, no mundo moderno, cada vez mais as pessoas tem menos tempo para conversar. O que no passado foi uma atividade rotineira e prazerosa para o ser humano, hoje é um ato de pouca ocorrência, cercada pelos limites burocráticos e oficiais. O autor cita o exemplo dos trabalhadores que hoje gastam preciosas horas do seu tempo espremido em coletivos, após longas jornadas de trabalho, em detrimento do tempo com a família; e, as poucas horas que lhes restam, na maioria das vezes, são gastas em frente a um aparelho de televisão. Todos estes fatores acarretam na redução do tempo de conversa sendo que, desta forma, perde-se a sabedoria popular, as informações, o afeto, as emoções, gerando um desajuste na vida social.

A vida moderna e a correria do dia a dia vêm privando as pessoas de compartilharem emoções. Dahlke (2001, p.80) afirma que “atualmente já se verifica uma redução sensível na participação da conversa direta nas atividades sociais e na comunicação”.

Não se pode negar que se vive em uma sociedade materialista, onde o dinheiro tem muita importância, pois ele é necessário para viver. Por isso, muitas vezes as pessoas não tem tempo para conversar ou, até mesmo, parar olhar a si mesmas e perceber os seus sentimentos; a modernidade transformou vários dos hábitos do nosso cotidiano.

A modernidade foi responsável por uma série de mudanças na nossa forma de ver e sentir o mundo. Dispomos de uma imensa variedade de coisas que facilitam nosso dia a dia, porém não encontramos tempo disponível para cultivarmos o nosso lado afetivo. O convívio reconfortante com a família, os amigos e o amor romântico parecem ser coisas do passado, algo lembrado com nostalgia, mas avaliado como utopia nos dias atuais. O desenvolvimento econômico nos tempos modernos fundamenta-se na crença cega de que não podemos ‘parar’ nunca: há sempre o que aprender, conquistar, possuir, descobrir, experimentar [...] Nada nem ninguém é capaz de nos satisfazer plenamente, pois sempre há novas possibilidades para serem testadas na conquista da tal realização pessoal (SILVA, 2008, p.191).

Os seres humanos estão vivendo em uma sociedade materialista, onde o que há de mais valioso é o dinheiro e tudo gira em torno dele, daí vem a equação “tem-

po=dinheiro”. “Nós damos tempo a nossa jornada de trabalho em troca do dinheiro e, com dinheiro compramos o tempo dos outros, no setor de prestação de serviços” (DAHLKE, 2001, p.11).

Assim, as pessoas se tornam consumidores de um vasto mercado de produtos, ideias e serviços.

[...] face às muitas armadilhas urbanas, incerto quanto ao que reserva o futuro e precisando adaptar-se continuamente às guinadas da moda (no vestuário, nas artes, nos utensílios a até na política e nos valores), ao homem comum não sobra outro recurso senão a manutenção do pequeno eu, data-do de suficiente maleabilidade e adaptabilidade às exigências do mercado e aos perigos do cotidiano. Suas opiniões, conceitos e pontos de vista devem ser minimamente pessoais e fluidos o suficiente para serem prontamente alterados ao sabor das convivências do consumo programado (DUARTE JR., 2001, p.74).

Assim, o mundo moderno exige uma reorganização contínua e o ser humano está sempre em crise. O comportamento sofre influência do social, e este depende do grupo ao qual pertencem, que poderá reforçar ou punir o comportamento inadequado ao grupo. Deste modo, as emoções sofrem influências sociais. Para Mello Filho (1992, p.95), “aquilo que nos entristece ou nos alegra decorre da visão de mundo que se adquire através do contato social”.

Os sujeitos são seres sociais e se desenvolvem em contato com os outros. Para serem aceitos pelo meio e fazer parte de um grupo, muitas vezes se moldam a parâmetros ditados pela sociedade, que a cada dia determina novas exigências. E, por consequência, o ser humano está cada vez mais atarefado, esquecendo dos aspectos que proporcionam a qualidade de vida.

As últimas duas décadas de nosso século vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossas vidas – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política (CAPRA, 1982, p.19).

A todo o tempo os seres humanos fazem movimentos de ajustamento, tentativas de se adequar e se assentar as mais diferentes exigências que são impostas pela sociedade. Para Duarte Jr. (2008), a realidade habitada tem a sua definição

ditada pelos grupos sociais e culturais a que cada um pertence, e uma orientação numa dada realidade pode parecer ilógica e, mesmo, insana, se vista a partir de outro grupo social.

Os grupos sociais exercem influências sobre as atitudes, modelam costumes, julgamentos, valores e crenças; as pessoas mudam seus hábitos e, com isso, perdem a capacidade de perceber e sentir o seu meio.

Para Duarte Jr. (2001), a crise do mundo moderno atinge os sentidos físicos e as atividades mais elementares do dia a dia. A vida moderna, em boa medida, priva as pessoas de certas sensações, percepções e sentimentos, fazendo com que passem a maior parte do tempo em ambientes climatizados e com iluminação artificial. A poluição atmosférica e o distanciamento da natureza impedem as pessoas de sentir o odor e o perfume da vida. A regressão do sensível afeta, hoje, a infância; em vários espaços, os encontros com a natureza são negados às crianças, como subir em árvores, brincar na terra, andar descalço, colher frutas em um pomar, confeccionar seus próprios brinquedos. No mundo moderno só restam brinquedos industrializados e áreas cimentadas; assim, a sensibilidade humana passou sistematicamente a perder espaço no cotidiano das pessoas.

O modelo de mundo da era digital e do progresso ilimitado traz consigo vários medos e incertezas, e uma gama de outros problemas que atualmente enfrentamos, sem, muitas vezes, percebermos a origem ou a solução. Isso afeta diretamente as emoções das pessoas que vivem ansiosas, angustiadas, estressadas, além de fisicamente doentes.

Duarte Jr. (2002) aponta que a cada dia aumentam as incertezas quanto ao amanhã, pois o ser humano vive medos e ameaças. Entre estes o autor cita os acidentes nucleares, a guerra atômica, os venenos, o efeito estufa, os famintos, os sequestros, a violência, os desabrigados, as doenças letais e incuráveis. Tudo isto está correlacionado ao estilo de vida que a humanidade vem adotando ao longo do último século.

A evolução, tão almejada pela humanidade para propiciar uma melhor qualidade de vida, mais conforto e mais tempo livre para as pessoas, trouxe consigo uma série de situações que não existiam e que criam um verdadeiro paradoxo.

O progresso o qual tanto esperamos, desencadeou angústia diante do futuro, causando uma inquietação social a qual hoje se torna difícil controlar. O autor aborda o fenômeno do poder contemporâneo, do processo de atomização cada vez mais acentuado na civilização urbana, da exacerbação da violência quotidiana e da indiferenciação generalizada que prevalece no nosso modo de vida (MAFFE SOLI, 2001, p.224).

Segundo Jesus (2007), uma das frases que faz parte do discurso do senso comum na atualidade é “Vive-se numa sociedade de estresse”. Todos se queixam do estresse do dia a dia, até as crianças queixam-se do estresse dos pais. Alguns fatores do estresse têm a ver com o estilo de vida, especialmente no contexto profissional como, por exemplo, o ritmo acelerado de vida, ambientes altamente competitivos – que muitas vezes resultam em perda dos valores humanos, como a solidariedade e a cooperação, a falta de sentimento e de controle diante dos resultados pretendidos.

Conforme Duarte Jr. (2001), o cotidiano carrega um enorme poder “anestésico”, e isso produz um bloqueio da capacidade sensível. O desenvolvimento de um sujeito pleno, um sujeito dotado de sensibilidade para com a sua vida se vê soterrado por caixas de medicamentos, que fazem esquecer as angústias fundamentais de se saber humano, para poder operar como uma peça dessa imensa máquina produtiva que vêm se tornando a sociedade. A morte do sujeito começa por sua falta de sensibilidade, de sentir-se e pensar em si e em sua própria condição humana.

De acordo com Silva (2008, p. 191), o cenário social atual favorece a criação deste “‘novo homem’, voltado somente para si mesmo, preocupado apenas com o que é seu e desvinculado da realidade vital dos que estão ao seu redor”.

Para Duarte Jr. (2002), todo o cabedal técnico e científico acumulado durante anos, passa, em um lapso temporal muito curto, a ser utilizado não para a emancipação do sujeito, mas para a sua destruição. Tudo isso desencadeia a instalação de um processo de mal-estar e descrença na tão falada racionalidade progressiva da humanidade.

Bauman (1998), em sua obra “*O mal-estar da pós modernidade*”, aponta que os mal-estares da pós-modernidade se originam de uma espécie de liberdade de procura do prazer que aceita uma segurança individual. Por isso o sofrimento, as aflições, as angústias e as tensões, que são típicas do mundo pós-moderno, criam uma sociedade que propicia cada vez mais liberdade individual, mas, em contrapar-

tida, menos segurança. Desse modo, o mal-estar nasce da liberdade e não da opressão. Esses sofrimentos são gerados nas pessoas justamente pela pobreza de sentido, pela permeabilidade dos limites, pela contraditoriedade da sequência, pela fraqueza das autoridades. A sociedade está orientada para o consumo, onde o prazer só é atingido através dele. Pois, nessa óptica, o consumo é quem propicia emoções e esse ímpeto é que traz consigo a sensação da liberdade.

A promessa de novas experiências, capaz de esmagar, de espantar o espírito ou congelar a espinha, mas sempre animadora, é o ponto a ser realçado na venda de alimentos, bebidas, carros, cosméticos, óculos, pacotes de feriados. Cada um acena com a perspectiva de 'viver a fundo' sensações nunca experimentadas antes e mais intensas do que qualquer antes provada. Cada nova sensação deve ser maior, mais irresistível do que antes, com vertigem de experiência máxima, total assombrando sempre o horizonte (BAUMAN, 1998, p.224).

O ser humano está em constante movimento, em busca de satisfazer as necessidades que surgem pelas exigências da sociedade. Na visão de Mello Filho (1992), o trabalho é uma das fontes de satisfação, além de criar condições para a satisfação das necessidades. Sabe-se, também, que as condições de trabalho coercitivo, sem criatividade, têm possibilidade de produzir sentimentos de alienação, falta de poder, insatisfação, impressão de um mundo hostil e insensível. Estes sentimentos têm sido correlacionados, pelo autor, como um dos fatores de risco de doenças.

1.2 O mal-estar docente e as tensões do seu cotidiano

A atividade docente propicia vivências que envolvem diversas emoções e que, muitas vezes, levam o professor ao mal-estar que afeta sua saúde física e mental e, por consequência, as suas práticas pedagógicas.

O termo 'mal-estar' refere-se, segundo o Dicionário da Academia Real da Língua, a um 'desolamento ou incômodo indefinível'. A dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando usamos o termo 'mal-estar' sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por que (ESTEVE, 1999, p.12).

Para o mesmo autor, o termo “mal-estar docente” é utilizado para descrever “os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência” (ESTEVE, 1999, p.25), considerando que o exercício de sua profissão representa um eterno desafio, uma vez que a atividade docente apresenta as mais diversas dificuldades em sua prática, desde a falta de apoio até as incertezas, frustrações e limitações decorrentes do labor. Além disso, ser professor exige mudanças, adaptações, atualizações e aperfeiçoamento constante.

Marchesi (2008) aponta que o mal-estar consiste no interrelacionamento de três componentes: a) esgotamento emocional, que está relacionado ao sentimento de sobrecarga pelas exigências e tensões emocionais; b) despersonalização, que aponta para a relação insensível ou distante com aqueles que devem receber sua atenção profissional; e, c) redução de conquistas profissionais, que se refere à redução das competências e do sucesso no trabalho.

Outros fatores determinantes para o mal-estar docente são apontados pela maioria das pesquisas realizadas sobre o tema, dentre os quais, a falta de apoio social, as características do contexto escolar, o deficiente funcionamento das escolas, as difíceis relações entre professores e alunos, além de determinadas variáveis pessoais dos docentes.

Segundo Fávero (2008), o mal-estar docente está relacionado a um conjunto de contradições que se avolumam no cenário social em que o professor está inserido, já que se vive em uma sociedade em que as exigências econômicas e sociais massificaram a escola.

O professor vive hoje a demanda de exercer diversos papéis contraditórios: de um lado é exigido que seja um companheiro, um amigo dos alunos; de outro, precisa desempenhar o papel institucional de aplicar, ao final do curso, uma avaliação, o que o obriga a adotar uma postura de julgamento. Exige-se do professor uma atenção ao desenvolvimento individual do aluno, mas ao mesmo tempo ele precisa dar conta da integração social, na qual cada indivíduo deve se conformar às regras do grupo. Essas constantes contradições fazem que se alastre o sentimento de mal-estar (FÁVERO, 2008, p.9).

Esteve (1999), ao classificar os possíveis fatores que concorrem para gerar o mal-estar docente, baseou-se na categorização estabelecida por Blase (1982, p.103 *apud* ESTEVE, 1999, p.27), que os separa em fatores primários e secundários. Os

fatores primários referem-se aos que incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas; já os fatores secundários estão relacionados com as condições ambientais, com o contexto em que acontece a docência-ação que pode ser indireta, afetando a eficácia do trabalho docente ao promover uma diminuição da motivação no desempenho das atividades e sua implicação no esforço do professor.

Na mesma linha de pensamento, prossegue o autor,

[...] esses fatores isolados têm significados intrínsecos, mas, quando se acumulam, influenciam fundamentalmente sobre a imagem que o professor tem de si mesmo, de seu trabalho profissional, gerando uma crise de identidade que pode chegar inclusive à autodepreciação do ego (ESTEVE, 1999, p.27).

Esteve (1999) assinala, ainda, que, com base nos estudos realizados em países desenvolvidos, mostra que os educadores correm risco de esgotamento físico ou mental devido às dificuldades materiais e psicológicas associadas ao trabalho.

Em outro tópico, Esteve (1999) afirma que, do ponto de vista qualitativo, as principais consequências do mal-estar docente poderiam ser agrupadas da seguinte maneira: sentimentos de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério; desenvolvimento de esquemas de inibição; pedidos de transferências como forma de fugir de situações completivas; desejo de abandonar a docência; absentismo trabalhista como mecanismo para cortar a tensão acumulada; esgotamento; ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa; estresse; depreciação do ego; autoculpalização ante a incapacidade para melhorar o ensino; neuroses reativas; ansiedade como estado permanente; e, depressões.

Jesus (2007), psicólogo e educador português, em seu livro "*Professor sem stress*", acrescenta que o mal-estar docente é considerado uma resposta ao estresse profissional prolongado e crônico, e pode ocorrer devido às dificuldades colocadas pela sua profissão.

Esteve (1999) afirma que os professores apresentam uma maior frequência de casos psiquiátricos em comparação a outros grupos de profissionais e à população em geral, além de demonstrarem uma menor satisfação profissional.

Nesse ponto, é importante mencionar os resultados de uma pesquisa inédita, realizada pelo SINPRO/RS – Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul, que abordou a saúde dos professores da rede privada de ensino. Conforme Wilson Campos, psicólogo especialista em saúde coletiva e responsável pela coleta de dados do estudo, em entrevista para Mendes (2009), estas foram as principais conclusões a que se pode chegar: existem problemas sérios na relação entre trabalho e saúde dos professores; o trabalho docente está prejudicando a saúde dos professores, pois os mesmos enfrentam, constantemente, pressão e assédio moral no local de trabalho, além de extensa jornada de trabalho, excesso de atividades, pressão por parte de chefias e de colegas, relação conflituosa com pais e alunos, sendo, estes, fatores que estão entre os principais geradores de agravos à saúde física e mental dos professores.

De acordo com Marchesi (2008), o trabalho do professor é repleto de emoções que desempenham um papel determinante na satisfação profissional, de modo que se torna imperiosa a preocupação com o bem-estar emocional. Esta é uma necessidade, pois a atividade docente reside no encontro, na comunicação, na cumplicidade, nos projetos compartilhados, na sensibilidade, na preocupação com o outro, sendo que, para educar bem, é necessário estar bem emocionalmente. Não se pode esquecer que o bem-estar emocional deve, também, estar relacionado com a responsabilidade moral, para que a atividade docente atinja sua maturidade.

1.2.1 As tensões com que convivem os docentes

Em 1981 a Organização Internacional do Trabalho já considerava a tarefa do docente como profissão de risco e uma das mais estressantes. E, pelas evidências, continua até os dias de hoje, em face dos vários desafios que ele encontra para desenvolver sua tarefa.

Cardoso (2006), em seu artigo para a *Revista Proteção*, informa que em um estudo realizado pela UnB – Universidade de Brasília, no ano de 1999, de 30 mil professores, de 1.440 escolas de primeiro e segundo graus em todo o país, 26% apresentou um quadro de exaustão emocional. Os fatores encontrados foram atribu-

idos à desvalorização profissional, baixa autoestima e ausência de resultados percebidos no trabalho.

Compete lembrar a eterna luta dos professores para ver o seu trabalho reconhecido e por uma remuneração condigna com a magnitude do seu ofício. Outro problema que estes profissionais enfrentam refere-se à falta de um número adequado de docentes nas escolas, acarretando na sobrecarga de trabalho, na medida em que precisam atender turmas paralelas e realizar várias atividades de planejamento, contando com o mesmo espaço de tempo disponível.

Dentre os desafios enfrentados, está a sua jornada de trabalho que, muitas vezes, é realizada em mais de uma escola; seu trabalho não está adstrito somente à sala de aula, mas exige, também, dedicação em outras atividades, como planejamento, elaboração de avaliações, correções, atendimento aos alunos após a aula para esclarecer eventuais dúvidas, questões pessoais dos alunos, reuniões com os pais, reuniões pedagógicas e muitas outras.

O Ministério da Saúde do Brasil (DIAS, 2001) tem registrado a ocorrência da síndrome de estresse pós-traumático em trabalhadores que vivenciaram situações de violência física e psicológica no trabalho. Também, têm crescido as agressões aos trabalhadores de serviços sociais, de educação, de saúde, de atendimento ao público, entre outros.

Marchesi (2008) aborda em um capítulo de sua obra intitulada *Os professores na sociedade da incerteza*, que as mudanças da sociedade do século XXI afetam, sem dúvida, as atividades docentes. Isto se justifica porque a situação educacional é expressão das transformações da sociedade, como as mudanças da família e dos próprios alunos, os valores sociais emergentes, o acesso à informação e ao conhecimento, a modificação no mercado de trabalho e a presença crescente de pessoas imigrantes no país.

Essas novas transformações influenciam a atividade dos professores que se apresentam para a formação das novas gerações. A educação está permeada por expectativas elevadas e pela busca de soluções imediatas para dificuldades que não se originam do ambiente escolar. Para estas questões, no entanto, não há uma resposta em curto prazo; não há dúvida de que a tarefa de ensinar as novas gerações está imersa em sérios dilemas e em contradições.

As pressões sobre o ensino são cada vez maiores, razão pela qual o professor, para quem também passam os anos, sente-se, muitas vezes, sobrecarregado, desorientado e perplexo. Não é estranho, portanto, que a maioria dos professores – exceto, talvez, aqueles que recém ingressaram na docência – considere que a cada ano é mais difícil ensinar (MARCHESI, 2008, p.7).

Em uma pesquisa realizada pela Fundação Victor Civita e pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística com professores da rede pública de todo o país, e publicada pela *Revista Nova Escola* (GENTILE, 2007), levantou, em uma amostra de 500 professores, que: 63% revelaram viver em um nível significativo de estresse; 48% sentiam falta de mais segurança contra a violência; 54% demonstraram estar descontentes com os benefícios; e, 47% com os salários – ao passo que apenas 21% diziam-se satisfeitos com a profissão.

O relacionamento interpessoal com os colegas de trabalho é um fator que se deve levar em consideração para que haja bem-estar no trabalho, assim como o apoio que recebe, o respeito, a colaboração para um trabalho em equipe, o reconhecimento e o sentimento de confiança.

Para Marchesi (2008), as dificuldades do trabalho em equipe com professores devem-se a vários fatores:

Os professores não trabalham em equipe por falta de interesse ou de convicção, mas, outras vezes, é a insegurança, o temor de ser desvalorizado ou as dificuldades na suas relações sociais o que bloqueia a sua vontade de trabalhar em equipe.

A desilusão e o cansaço profissional em nada favorecem a colaboração e o trabalho em equipe. A mesma coisa ocorre, embora com menos força, com as experiências negativas: grupo de trabalho que não cumpriram seus objetivos, que não foram capazes de superar suas dificuldades ou nos quais as exigências superaram as vantagens (MARCHESI, 2008, p.91).

Muitas vezes, o trabalho do professor é solitário por falta de tempo para compartilhar com seus colegas as angústias, preocupações, inquietações, ou, até mesmo, por vergonha de expor suas dificuldades e ser julgado como um mau professor; um professor que não está dando conta de seu trabalho, ou, ainda, por medo de não saber como ajudar seu colega caso isso lhe seja solicitado, e, assim, parecer incompetente. Tais suposições podem fazê-los perder a oportunidade de compartilhar sen-

timentos, de refletir sobre sua prática e de ajudar os colegas nesse exercício. Esse é mais um desafio, dentre muitos outros, que o professor encontra em sua profissão.

Zagury (2006), em sua pesquisa, mostra que o professor tornou-se uma espécie de refém das condições do seu cotidiano, pois se depara com várias dificuldades, dentre as quais o sucateamento das escolas públicas, a desvalorização da profissão, o acúmulo de trabalho, a descrença no ensino público e as mudanças rápidas no contexto social. Esta situação leva a autora citada a propor algumas indagações:

Como agir, então? Como conciliar tantas mudanças e desafios novos, se as dificuldades mais simples não são sanadas, como turmas grandes e com poucas horas de aula, por exemplo? Como esclarecer suas próprias dúvidas, sem parecer um profissional incompetente? E como atender às complexas tarefas de um currículo que, a cada ano, é acrescido de novos desafios (por exemplo: como tratar com segurança e adequação o tema transversal 'Prevenção ao uso e abuso de drogas' (ZAGURY, 2006, p.43).

Na mesma linha, Stobäus, Mosquera e Santos (2008) afirmam que as atribuições que flagelam o professor não são recentes, nem originais, pois estão ligadas à criação, ao desenvolvimento histórico e à valorização social desta profissão. O que mais causa impacto é o paulatino aumento destes problemas de forma globalizada e o fato de que, do mesmo modo que o tecido social, o exercício do magistério sofre o desgaste em face das, plenamente justificadas, insatisfações dos professores, do descontentamento dos alunos e da improdutividade do conhecimento, denominado má qualidade do ensino. Isto tudo, por sua vez, pode levar o professor a sentir-se improdutivo, uma vez que, em muitos casos, seus alunos não atingem o mínimo da aprendizagem esperada.

Para Esteve (1999), o professor tem, antes de iniciar sua carreira, uma idealização profissional e, ao chegar à prática, depara-se com suas próprias limitações e com o contexto escolar em que trabalha, ou seja, com uma realidade que não depende apenas de si para ser mudada. Porém, na tentativa de defender a identidade profissional idealizada, necessita ocultar os aspectos de sua prática docente que possam revelar suas limitações, razão pela qual não demonstram seus problemas. A negação de suas dificuldades, no entanto, não ajuda a solucioná-las; ao contrário, faz uma nova forma de tensão aparecer: “o medo de ser desmascarado”. Isto pode

levá-lo ao isolamento e à acumulação de problemas, e até mesmo ao mal-estar docente.

Diante disso, não há como negar que uma das profissões mais estressantes é a de professor; seu dia a dia é sufocante, marcado por sentimentos de angústia, irritação, ansiedade, alegrias, frustrações, preocupações. Estas são algumas das sensações a que o professor está exposto, com maior ou menor intensidade, em sua rotina. Estas vivências influenciam, também, sua prática pedagógica e a qualidade do ensino, além da própria vida, fornecendo indicativos de que o professor necessita trabalhar suas tensões e emoções, tendo espaço para a troca de experiências, para a reflexão sobre sua prática, sobre suas tensões – e, por que não dizer – a prevenção do mal-estar docente.

1.3 Em busca de estratégias e prevenção na formação e nas condições de trabalho

Em seu cotidiano, os professores são expostos ao estresse diário, provocado por diferentes fatores, que acabam influenciando a qualidade de seu trabalho. Tais sentimentos os afetam negativamente, gerando o mal-estar, como indicam as pesquisas. Dentro deste contexto, a prevenção do mal-estar docente revela-se como uma alternativa eficiente para a melhoria na qualidade da saúde física e emocional do professor.

O mal-estar do professor é um problema que merece uma atenção especial por parte de todos que se preocupam com as questões de educação, e não apenas dos professores, pois este é um problema que atinge toda a comunidade escolar. “O estresse dentro da atividade de ensino é considerável e pode ter amplas consequências para os alunos que fazem parte do processo de educação” (JESUS, 2007, p.16).

Esse mal-estar, além de comprometer a saúde física e mental do professor, também pode afetar a qualidade da educação oferecida, pois o professor doente não desempenhará com as mesmas condições as suas atividades. E se ele ficar afastado de seu trabalho, muitas vezes, a escola não possui outro professor para lhe substituir, ocasionando uma sobrecarga de trabalho para outro docente e, consequente-

mente, aumentando o risco do desencadeamento do mal-estar em outros professores, em um verdadeiro efeito cascata. A atenção para a saúde do professor deve ser uma preocupação de toda a comunidade escolar.

Para Esteve (1999), em primeiro lugar pode haver uma abordagem preventiva, que se encontra no período de formação inicial dos futuros professores; o papel do professor vem se modificando, pois se constatam profundas transformações no contexto social e nas relações interpessoais. Assim, a reformulação na formação inicial deve buscar uma maior adequação as novas exigências e problemas do ensino. Em segundo lugar, conforme o autor, convém articular ajuda para os professores em exercício, pois eles também tem de administrar as transformações produzidas pela educação, na sala de aula e no contexto social que a rodeia, ajustando, conseqüentemente, seu estilo docente e o papel a desempenhar.

A formação inicial necessita se preocupar com a prática dos futuros professores e com os desafios com que estes irão se deparar. A formação precisaria tratar:

[...] de estudar e antecipar os possíveis conflitos que os recém formados irão encontrar no exercício da docência. É, por essas razões, fundamental que cada futuro educador vá realizando, durante o processo de formação um conhecimento de si mesmo, de suas reações diante dos desafios da docência, dos problemas derivados da organização do trabalho de sala de aula e da atividade de ensino e aprendizagem e, com isso, consiga evitar o mal-estar docente (FÁVERO, 2008, p.14).

A formação inicial do professor tem um papel muito importante para o desenvolvimento de sua prática. Esta necessitaria ser atualizada, compatível com as necessidades dos professores e com a realidade que eles encontrarão em sua vida profissional.

De acordo com Jesus (2007), a formação do professor necessita ir ao encontro das necessidades dos mesmos, centrarem-se em seus problemas reais e estar relacionada à sua prática diária nas escolas. Para isso, a formação continuada precisa adequar-se à realidade vivida pelo professor, não ter apenas o objetivo de acumular créditos para a progressão na carreira, mas também de contribuir para a qualidade do ensino, para o desenvolvimento de competências e, principalmente, para o seu bem-estar.

Jesus (2007) acredita que a formação poderia centra-se nos problemas reais dos professores, em sua prática diária, na sala de aula, na escola. O professor poderia tomar consciência da importância da análise e reflexão de sua prática como algo determinante do seu desenvolvimento pessoal e profissional.

No entendimento de Mosquera (1978, p.253), “o conhecimento do professor como pessoa é substancial. Só através dos seus sentimentos podemos encontrar a sua essência e valorizar a sua dignidade”. Entende-se, por isto, ser de suma importância a valorização do professor em seu aspecto intelectual, social e econômico, mas nunca esquecendo que ele é, antes de tudo, uma pessoa; de modo que se faz necessário o desenvolvimento de sua auto-individuação e a procura de um ensino em prol de sua saúde psicológica.

Torna-se relevante que, nos momentos de formação dos professores, sejam disponibilizadas atividades que possibilitem olhar para si e para o seu cotidiano, que lhes permitam refletir sobre suas emoções e sobre a relação das mesmas com sua prática pedagógica. Assim, partindo de suas próprias percepções, o professor terá a oportunidade de ressignificar seus sentimentos, seus valores, e de estabelecer um diálogo consigo mesmo. O docente poderá, então, redescobrir-se, identificar as atitudes que adota na formação do outro, as relações que estabelece consigo mesmo e o papel que atribui à sua prática docente.

Existir implica olhar para si, levar em consideração seus sentimentos, identificar seus valores mais profundos, estabelecer um diálogo consigo mesmo, refletindo sobre seu preparo para a vida, esclarecendo suas metas e elaborando sua filosofia de vida (BRANDÃO, 1998, p.73).

O professor não necessita apenas dispor de tecnologia educacional, mas também saber trabalhar com a afetividade e possibilitar condições de diálogo; “o professor é uma pessoa e como tal deve ser trabalhado. Não existe uma raça de super-homens professores” (MOSQUERA, 1978, p.252). Fazem parte da identidade do professor, suas fraquezas e suas debilidades, assim como suas virtudes e grandezas; ele necessita desenvolver seus conhecimentos, abrangendo várias áreas, para o seu próprio desenvolvimento psicológico e profissional.

Cardoso (2006) relata a experiência do trabalho de uma psicopedagoga, que ocorreu em uma escola da rede pública de São Paulo, para amenizar o quadro de descontentamento dos professores; a experiência enfatiza a importância da formação pessoal dos docentes. Nestes dias de formação, que aconteciam semanalmente e eram voltados para grupos de sete professores, eles conversavam, expunham suas queixas, relatavam suas experiências e a psicopedagoga mostrava que era possível ressignificar os sentimentos negativos, conferindo outro lugar para eles. À medida que as oficinas foram sendo realizadas, os docentes demonstravam um alívio por desabafar, modificar a maneira de ver e perceber o espaço que estavam inseridos.

Müll e Esquinsani (2004, p.11) acreditam que “através de um processo de ressignificação, a educação poderá ajudar a instituir uma nova ordem social, econômica e política no mundo”. Isto ocorrerá por intermédio do se dar por conta dos acontecimentos, das concepções, das práticas efetuadas no cotidiano da escola, que auxiliará na ruptura das visões limitadoras e permitirá o desenvolvimento de novas formas de pensar a realidade educacional, desvendando, assim, novas formas de agir no contexto escolar.

Assim, a ressignificação promove a mudança de símbolos, dos rituais e das ações humanas; é um meio que introduz ou recria significados numa perspectiva crítica. É através dela que se pode proporcionar a transformação das práticas conservadoras, dos rituais, dos velhos métodos de compreensão, que podem ser reconvertidos em uma energia para a construção de uma nova ordem social, política e cultural. Enfim, é um exercício onde se espera que aconteça a transformação das práticas tradicionais de acomodação para práticas inovadoras pelo restabelecimento das dimensões críticas.

A ressignificação tem como princípio as relações humanas, resultantes das experiências que o sujeito acumula e constituem em um conjunto de saberes teóricos e práticos, que intervêm na forma de agir, de pensar e de sentir.

A compreensão do cotidiano escolar é um referencial muito importante para o desenvolvimento de um diálogo entre as pessoas envolvidas na rede educacional. Assim, através do diálogo podem-se revelar os incômodos, as frustrações, as expectativas, as necessidades de mudanças, as potencialidades e, também, as prováveis soluções.

Para Goulart, Santiago e Drügg (2003), é a educação que propicia, ao sujeito que opta por trabalhar nela, o enfrentamento de velhos problemas em novos momentos; velhos conflitos em novos relacionamentos. É um contínuo encontro do antigo no novo. Isto pode fazer parte de um trabalho de continuidade, de repetição de velhas fórmulas ou de ressignificação; pode se constituir em um trabalho dinâmico e criativo, ou paralisar numa repetição frente a uma determinada questão.

Por isso, fica evidenciada a necessidade da formação inicial e continuada ampliar o seu olhar para o docente, levando em consideração, além do aspecto pedagógico, as histórias e as necessidades dos professores; podendo, assim, tornar-se um importante instrumento de atualização, aperfeiçoamento, reflexão, auto-avaliação, troca de experiências, debates, cooperação e tomada de consciência das práticas pedagógicas. Por isso, necessita estar centrada na realidade, nos interesses dos professores e adequada ao meio no qual a escola está inserida, para que possa, de fato, auxiliar na tarefa de educar e educar-se. Conforme Freire (1996), a formação permanente de professores é um momento fundamental para a reflexão crítica sobre sua prática. Afinal, pensando sobre o hoje e o ontem é que se pode melhorar a sua próxima prática; a reflexão faz o ser humano conhecer a si mesmo e propicia a mudança.

Por esse motivo, a formação continuada tem de favorecer a comunicação e, como acrescenta Esteve (1999, p.142), “não deve reduzir-se ao âmbito dos conteúdos acadêmicos, mas, além disso, incluir também os problemas metodológicos, organizacionais, pessoais e sociais que continuamente misturam-se às situações de magistério”. Assim, a mudança e a inovação educativa são possíveis no trabalho em equipe, pois os próprios êxitos e as dificuldades compartilhadas com os colegas de trabalho tornam-se um meio de aprimorar e renovar a própria prática pedagógica.

Por esse motivo, as novas técnicas de formação dos professores necessitam levar em consideração os principais problemas práticos que os preocupam.

Segundo pesquisa realizada por Esteve (1999), uma das preocupações dos docentes está centrada na:

[...] identificação de si mesmo por parte do professor. Honeyford afirma que conhecer a si mesmo é a primeira regra para o bom domínio de classe. Já que o professor está implicado nas personalidades de seus alunos, precisa ter uma compreensão clara de si mesmo, suas necessidades, ansiedades, e seu estilo pessoal de se expressar e relacionar com os outros (ESTEVE, 1999, p.130).

Para Marchesi (2008), o domínio das competências profissionais depende de uma atualização permanente dos grupos de trabalho, das atividades de formação, das leituras, da participação em projetos de inovação. Todos estes aspectos são fatores que contribuem para melhorar e reforçar a segurança dos docentes. É necessário, portanto, manter um grupo de trabalho que propicie reflexão, troca de opiniões, manifestação de desejos e frustrações, intercâmbio de experiências com colegas e, assim, a sensação de apoio mútuo. Este processo de comunicação favorece, ainda, vínculos pessoais e sentimento de confiança recíproca, que anima o professor a atualizar-se e a compartilhar o sentido da atividade educadora que cada um possui.

Salienta-se que a formação continuada precisará proporcionar um espaço para os professores, visando à troca de experiências e à possibilidade de expressão de suas inquietações, ansiedades, tensões, medos, desejos, enfim, sua situação emocional oriunda dos problemas da docência. É fundamental que este espaço se constitua em uma oportunidade para a cooperação entre professores, favorecendo-lhes, por meio de apoio, aprendizagem e desenvolvimento profissional.

Jesus (2007), utilizando-se dos ensinamentos de Broussard, acrescenta que os professores que compartilham sucessos e problemas com os colegas, lidam de forma mais adequada com o mal-estar profissional. De acordo com o autor, é necessário dar ao professor condições de trabalho que permitam concretizar sua competência profissional com qualidade.

Nesse sentido, é prioritária a diminuição do número de alunos, no sentido de uma relação mais personalizada que possa permitir a empatia necessária para a confiança colocada sobre o professor, e a formulação de programas curriculares menos diretivos e extensos, permitindo uma maior autonomia e envolvimento de cada professor, são ainda necessários melhores equipamentos, principalmente audiovisuais e informática, bem como uma melhoria dos espaços físicos, no sentido de tornar as escolas mais agradáveis, contribuindo para a diminuição do estresse, não apenas dos professores, mas também dos alunos (JESUS, 2007, p.65).

Muitas vezes, as condições nas quais os professores desenvolvem seu trabalho constituem um desafio pela carga de trabalho, pelo número de alunos, tamanho das turmas e outros fatores já citados. Este contexto também pode ser considerado como um dos possíveis fatores do seu adoecimento e afastamento do trabalho.

Conforme Glock e Gotardo (2009), em reportagem intitulada “*Educar, profissão de risco*”, publicada no *Jornal Extra Classe*, as condições de trabalho são uma das prioridades para a saúde do professor. Estas condições dizem respeito ao ambiente físico, jornada de trabalho, excesso de atividades, pressão da chefia e dos colegas, e assédio moral; estes fatores estão entre os principais aspectos geradores dos danos à saúde física e mental dos professores.

Dessa maneira, fica evidente que a prevenção do mal-estar docente também precisa estar relacionada com as condições de trabalho. Para Tardif e Lessard (2008), o perigo que ameaça a pesquisa sobre a docência e a educação é o perigo da abstração, pois:

[...] elas se fundamentam as mais das vezes sobre abstrações – a pedagogia, a didática, a tecnologia do ensino, o conhecimento, a cognição, aprendizagem, etc. – sem levar em consideração fenômenos como o tempo de trabalho dos professores, o número de alunos, suas dificuldades e suas diferenças, a matéria a cobrir e sua natureza, os recursos disponíveis, as dificuldades presentes, a relação com os colegas de trabalho, com os especialistas, os conhecimentos dos agentes escolares, o controle da administração, a burocracia, a divisão e a especialização do trabalho, etc. (TARDIF; LESSARD, 2008, p.24).

O *Jornal Extra Classe* de junho de 2005 traz uma matéria a respeito da preocupação com a saúde do professor. O tema da reportagem é uma atividade desenvolvida pelo Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – SINPRO/RS – com o tema “*Saúde do professor: um olhar sobre o tempo livre*”. A justificativa para esta atividade seria o dia a dia do professor, pois ele tem de trabalhar com várias frentes conflituosas e desgastantes na sala de aula, tais como a indisciplina, o *bullying* (violência escolar), o transtorno de déficit da atenção, a hiperatividade (TDAH), dentre outros problemas. O objetivo do SINPRO/RS é trabalhar com a imagem positiva da categoria, sem vincular a figura do professor apenas às questões didáticas/pedagógicas latentes de seu ofício. O exercício do magistério traz uma tensão muito grande e o profissional da educação precisa descarregar suas tensões.

Torna-se importante levar em consideração a necessidade de investimento para a atualização do conhecimento do professor, que é seu principal instrumento de trabalho. Mas, ao mesmo tempo, o professor necessita de tempo disponível para refletir sobre sua prática; respaldo de um ambiente adequado, sadio; recursos mate-

riais suficientes; condições de trabalho dignas. Estes aspectos influenciam na realização da prática pedagógica e na satisfação profissional.

1.3.1 Recursos materiais e condições de trabalho

Para Mello Filho (1992), é fundamental que o profissional da área da saúde, ao investigar os motivos que levaram o sujeito a situação de mal-estar, indague como é o seu trabalho, como está o seu trabalho, quanto tempo a ele se dedica, onde mora, quanto tempo utiliza para ir de sua casa ao local de trabalho, pois, assim, ter-se-á uma revolução na promoção da saúde.

Esteve (1999) aponta que, além das tensões geradas pelo contexto social no qual o professor exerce a docência, existe uma série de outras limitações que interferem em sua prática cotidiana, limitando a efetividade de suas ações e constituindo, também, em aspectos que podem contribuir para o seu mal-estar. Entre elas podem se destacar a falta de recursos e a falta de material didático necessário, entre outros problemas, tais como a conservação dos prédios escolares, a escassez de móveis e a falta de uma climatização adequada do ambiente.

O Departamento Jurídico do SINPRO/RS faz um alerta através de um artigo disponibilizado em seu sítio, sobre a importância do ambiente de trabalho e sua relação com a saúde do professor. A proteção da saúde do professor neste ambiente de trabalho se dá através de regras que permitam uma atuação em local apropriado e em condições adequadas, que não traga danos à sua saúde, quer através do contato com agentes nocivos ou através do perigo que o desenvolvimento da atividade possa oferecer.

Em relação ao professor empregado, nota-se que as doenças ocupacionais estão cada vez mais presentes no seu cotidiano. Nesses casos, a manutenção de um ambiente de trabalho sadio passa, principalmente, pela instituição de programas de prevenção. Isso porque, usualmente, os maiores fatores de risco encontram-se no próprio ambiente de trabalho em razão de mobiliário e equipamentos que obrigam a adoção de posturas incorretas durante a jornada, má iluminação, temperatura inadequada, ruídos excessivos, dentre outros (SINPRO/RS, maio 2009).

As condições e o ambiente de trabalho são aspectos de suma importância para a realização do trabalho do professor e, conseqüentemente, interferem na saúde dos mesmos.

Cardoso (2006), em reportagem a *Revista Proteção*, aborda que é necessário, também, prestar atenção na saúde vocal. A voz é um dos principais instrumentos de trabalho do professor; mas por falar horas contínuas e usar incorretamente a voz – muitas vezes o professor imposta a voz aos gritos – suas cordas vocais podem sofrer danos e, com isso, gerar disfonia que, segundo dados da Academia Brasileira de Laringologia e Voz, é uma das principais causas de afastamento destes profissionais de seu ambiente de trabalho.

Na mesma reportagem, Cardoso (2006) aponta outros pretextos que possuem correlação com o adoecimento dos professores. Tais fatores estão relacionados aos problemas de postura, ao estresse e ao trabalho excessivo, que podem desencadear quadros de tendinite e bursite, dentre outras doenças relacionadas às horas que o professor fica em pé, com o braço estendido para escrever no quadro, na correção de centenas de provas, no uso do computador para a preparação das aulas, etc.

Outro dado relevante que precisa ser levado em consideração é a utilização do quadro negro e do giz, instrumentos de trabalho corriqueiros nas salas de aula, e que podem prejudicar a saúde do professor. Em entrevista para Cardoso (2006), Arlindo Gomes – médico trabalhista e diretor científico da Associação Nacional dos Médicos do Trabalho (ANAMT) – afirma que o giz é um produto irritante, porque o pó liberado pelo bastão de gesso (sulfato de cálcio) atua, principalmente, na pele, nos cabelos, nas unhas e nas mucosas, e tem o poder de reforçar as alergias respiratórias para aqueles que já têm sensibilidade a ácaros ou a poeira. A medida preventiva neste caso, para as escolas que não possuem condições de trocar o quadro pela lousa branca, está em trabalhar com o giz escolar plastificado, que libera menor quantidade de pó.

Essas informações vêm ao encontro dos dados da saúde que demonstram que o trabalho docente é uma atividade propensa a desencadear doenças profissionais, já que há elevada incidência de lesões físicas em tendões e articulações, nas cordas vocais, na coluna vertebral que, muitas vezes, provocam dores permanentes e cujo tratamento, seja medicamentoso ou invasivo, apenas ameniza os problemas. Isto sem falar nas lesões psíquicas relacionadas a quadros de ansiedade, depressão

e síndrome do pânico, dentre outras, que têm justificado um número expressivo de afastamentos por auxílio-doença.

Para Tardif e Lessard (2008), os principais motivos que devem ser levados em consideração, em relação à carga de trabalho dos professores, são os seguintes: os fatores materiais e ambientais – que estão relacionados com a insuficiência de materiais, a falta de equipamentos, a pobreza nas bibliotecas, a dependência dos horários de transportes em regiões distantes e a insuficiência de recursos financeiros.

Outros fatores que necessitam ser considerados, segundo Tardif e Lessard (2008), são os fatores sociais, a situação socioeconômica dos alunos e de sua família, a violência, o uso de drogas entre os alunos e, também, os fatores ligados ao tamanho das turmas, a diversidade da clientela e os alunos especiais, entre outras consequências educativas.

Os autores lembram, ainda, da importância dos fenômenos resultantes da organização do trabalho, como o tempo de trabalho, o número de matérias e as atividades da docência além do horário de sala de aula. “Esses fatores não se somam, simplesmente eles também atuam em sinergia, para criar uma carga de trabalho complexa, variada e portadora de tensões diversas” (TARDIF; LESSARD, 2008, p.114).

A revista *“O ensino público pede socorro”*, de abril 2010, divulgou uma pesquisa solicitada pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – CPERS/Sindicato, com o objetivo de apresentar um diagnóstico do ensino público no Rio Grande do Sul. A pesquisa avaliou as atuais condições nas escolas da rede pública e ouviu opiniões das equipes diretivas, dos professores e da comunidade em geral. Ela indica que a carência de recursos humanos é um dos principais problemas nas escolas – 47,1% dos diretores entrevistados afirmam que o número de professores nas escolas é insuficiente, e 58,5% reconheceram que o número de funcionários não atende as necessidades da instituição, para garantir o atendimento dos alunos. O segundo problema apontado diz respeito à falta de segurança nas escolas – 60,2% dos entrevistados lembram incidentes envolvendo a segurança na escola. Conforme dados dos entrevistados, a insegurança e, conseqüentemente, a violência, estão relacionadas com o aumento no uso de drogas e dos seus efeitos na comunidade escolar e na aprendizagem dos alunos. Em relação à infraestrutura das escolas – 57,9% do total dos entrevistados não estão satisfeitos com as condições e

manutenção das escolas. Durante os trabalhos de pesquisa, os pesquisadores puderam presenciar as precárias condições em que muitas escolas estão inseridas.

O somatório de sentimentos, desencadeados pelas situações vivenciadas pelos professores em seu cotidiano, podem ser geradores de diversas tensões. Segundo Esteve (1999), estudos realizados em países desenvolvidos apontam que os professores correm tanto o risco de esgotamento físico quanto mental, quando expostos as dificuldades materiais e psicológicas associadas ao seu trabalho. Estas dificuldades afetam sua saúde e, muitas vezes, contribuem para o abandono da profissão.

Marchesi (2008) aponta como fatores protetores e dinamizadores da atividade docente, que favorecem o bem-estar, os que dependem do professor, como o fortalecimento das competências profissionais, o equilíbrio emocional e o comprometimento moral; e, os que não dependem dos professores, como a valorização e o apoio social, os recursos disponíveis, o contexto sociocultural dos alunos e a colaboração das famílias.

McCann (2001) lembra que para melhorar a situação dos professores, no que diz respeito ao bem-estar, o Congresso Mundial de Educação Internacional de 1998 recomenda que as autoridades educacionais, governos e outras organizações, garantam que os docentes obtenham o reconhecimento moral e material condizente com as suas qualificações e responsabilidades; que disponibilizem um ambiente de trabalho adequado, com recursos e tecnologia que lhes permitam ensinar de forma eficaz; que façam com que a higiene e a saúde ocupacional tenham uma proteção efetiva; e, que equipem as escolas com bibliotecas e laboratórios de informática com livre acesso aos alunos. Que a remuneração dos docentes seja equivalente a de outras profissões que tenham similitude no nível de competência e responsabilidade – uma remuneração que lhes possibilite viver dignamente, sem necessitar de terceiros ou de outro emprego; que os professores sejam consultados e possam participar da formulação de políticas educacionais; que a formação inicial dos professores seja suficientemente boa para lhes preparar para a docência e que tenha um apoio contínuo para melhorar os seus métodos de ensino; que tenha liberdade profissional e acadêmica para utilizar os métodos e abordagens que se adaptam e atendam melhor os objetivos do sistema de ensino decidido democraticamente; que os proventos de aposentadoria lhe permitam viver de forma digna e segura.

O trabalho docente gera múltiplas situações que refletem na sua atuação em sala de aula, na sua forma de viver e na saúde. A prevenção do mal-estar docente não é uma preocupação unicamente do educador, mas da sociedade como um todo, desde os órgãos governamentais, sindicatos, administradores de escolas, médicos, especialistas em saúde e segurança do trabalhador.

[...] a responsabilidade deve ser compartilhada pelas administrações educacionais e pelos próprios docentes. As administrações educacionais devem ser conscientes de que o desenvolvimento profissional dos professores e a qualidade do ensino dependem, em grande medida, de que os professores se sintam comprometidos, valorizados e apoiados e precisam destinar os meios para atingir esse objetivo. Os professores, por sua vez, devem reconhecer que o acerto na sua atividade profissional e sua satisfação com o trabalho dependem fortemente do seu equilíbrio emocional, razão pela qual precisam estar atentos ao seu cuidado (MARCHESI, 2008, p.122).

Assim, é necessário ter em mente que o bem-estar docente é resultado de um processo que se inicia na formação do professor, se desenvolve em seu dia a dia, e não é de responsabilidade única e exclusiva do educador, mas, sim, de toda a sociedade, que depende de um professor não somente qualificado, mas, também, equilibrado emocionalmente.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo contempla a descrição do método escolhido para a realização da pesquisa, o campo de abrangência da pesquisa, os participantes e a sua caracterização, o instrumento para a coleta de informações, e, como foi realizada a descrição e a interpretação dos fenômenos. Todo esse trabalho foi acompanhado de uma contínua revisão de literatura.

2.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa se caracterizou por uma abordagem qualitativa de cunho fenomenológico, por preocupar-se com a realidade que não pode ser quantificada, e por aprofundar-se, como contempla Minayo (1994), no mundo dos significados, das ações humanas; é olhar para os motivos, para as aspirações, para as crenças, os valores e atitudes dos envolvidos na pesquisa.

Segundo Merleau-Ponty (1971), a fenomenologia é um estudo das essências, como por exemplo, a essência da percepção e da consciência, pois a compreensão de sujeito-mundo só pode acontecer a partir da sua facticidade, que está relacionada às vivências de cada sujeito.

Essa abordagem oferece ao pesquisador a possibilidade de captar a forma como os sujeitos da pesquisa pensam, experenciam e reagem frente às questões investigadas, proporcionando ao pesquisador conhecer a dinâmica e a vivência do ponto de vista do pesquisado, auxiliando, assim, na compreensão dos sentimentos diante da situação vivenciada. Para Comiotto (1992, p.175), “o objetivo da fenomenologia é revelar e desvendar o sentido da experiência”.

A escolha dessa modalidade deve-se ao fato do investigador não considerar previamente uma compreensão do fenômeno, mas, sim, inicialmente, ir à busca da natureza deste fenômeno num processo interrogativo (MARTINS; BICUDO, 1994).

É importante que o pesquisador, no seu trabalho fenomenológico, siga o sentido intuitivo e a lógica do fenômeno. Baseados na vivência de fenômenos, autores esclarecem que o investigador, agindo desta forma, permite que os sujeitos também

expressem os sentidos por eles desvelados sobre o fato, indo ao encontro da sua compreensão e olhando-o contextualizadamente.

2.2 Campo e participantes

Para a coleta de dados, optou-se por selecionar um público-alvo de oito docentes, de quatro escolas da rede do ensino público estadual da cidade de Passo Fundo/RS, que se afastaram de suas atividades escolares por motivo de doença, com laudo médico, mas que já tenham retomado as suas funções no momento da entrevista.

Para a escolha do público-alvo da pesquisa, foram sorteadas quatro escolas estaduais localizadas na cidade de Passo Fundo/RS, que participaram do estudo. O projeto de pesquisa foi disponibilizado para a direção da escola, sendo solicitada a indicação de professores que se encaixassem nos requisitos do grupo de pesquisa.

Na delimitação do grupo de docentes afastados do trabalho, foi utilizada como parâmetro a pesquisa de Esteve (1999). No entendimento do autor, as doenças que mais afetam os professores são as doenças traumatológicas, ginecológicas, respiratórias, dermatológicas, cardiovasculares, infecciosas, digestivas, oftalmológicas, hematológicas, odontológicas, endocrinológicas e neuropsiquiátricas.

Dois professores de cada escola, que estavam dentro dos requisitos citados e que desejavam participar voluntariamente da investigação, foram convidados a prestar o seu depoimento. O contato com os professores (público-alvo da análise) foi realizado pessoalmente para a apresentação da pesquisa.

Para garantir a integridade e o sigilo pessoal dos entrevistados, utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), em duas vias, das quais uma ficou na posse do sujeito da pesquisa e a outra do pesquisador responsável. O Termo segue as diretrizes da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e do Código de Ética, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, parecer 216-2/2009 (ANEXO A).

Os sujeitos só foram entrevistados após o seu consentimento, partindo da leitura e assinatura do Termo acima mencionado. Abaixo, tem-se a caracterização dos integrantes da pesquisa, com base nas informações por eles prestadas.

» **Entrevistada 01** – Sexo feminino, 39 anos, solteira, 10 anos de magistério, carga horária de 40 horas, em duas escolas: uma de ensino fundamental (no interior), e outra de ensino técnico. Sua formação no ensino médio foi a Preparação Para o Trabalho; Graduação em Ciências Biológicas, com Bacharelado e Licenciatura; Especialização em Genética, Evolução e Biodiversidade. Seu afastamento foi por doença traumatológica.

» **Entrevistada 02** – Sexo feminino, 42 anos, solteira, oito anos de magistério estadual e 19 anos de magistério municipal, carga horária de 40 horas, em duas escolas, sendo uma de ensino fundamental e outra que atende alunos especiais. Sua formação no ensino médio foi no Magistério; Graduação em Letras; Especialização em Orientação e Supervisão Escolar; Especialização em Déficit Cognitivo. Seu afastamento foi por doenças traumatológicas.

» **Entrevistada 03** – Sexo feminino, 37 anos, casada, sem filhos, 16 anos no magistério público estadual, carga horária de 40 horas – divididas em 20 horas como vice-diretora de uma escola e 20 horas como professora de matemática em outra escola. Sua formação no ensino médio foi no Magistério; Graduação em Matemática, Licenciatura Plena; Especialização em Gestão e Organização Escolar; cursando Especialização em Multimídias e Pró-EJA. Seu afastamento foi por doenças respiratórias e digestivas.

» **Entrevistada 04** – Sexo feminino, 44 anos, separada, dois filhos, 28 anos de magistério público estadual, carga horária de 20 horas e possui uma escola de música – detinha uma carga horária de 40 horas, mas se exonerou de 20 horas. Sua formação no ensino médio foi no Magistério; Graduação em Educação Artística, Licenciatura Plena; Especialização em Leitura, Animação e Cultura. Seu afastamento foi por problemas neuropsiquiátricos e digestivos.

» **Entrevistado 05** – Sexo masculino, 37 anos, viúvo, um filho, 18 anos de magistério estadual, carga horária de 40 horas – divididas em 20 horas como supervisor pedagógico e 20 horas como professor em sala de aula, além de prestar assessoria para escolas particulares e secretarias de educação. Sua formação no ensino médio foi a Preparação Para o Trabalho; Graduação em História; Especialização em Admi-

nistração e Supervisão Escolar; Mestrado em Gestão de Políticas Públicas. Seu afastamento foi por doenças cardiovasculares.

» **Entrevistada 06** – Sexo feminino, 42 anos, casada, um filho, 15 anos de magistério público estadual, carga horária de 20 horas – chegou a possuir uma carga horária de 40 horas, mas pediu exoneração de 20 horas após o afastamento por licença médica. Sua formação no ensino médio foi a Preparação Para o Trabalho; Graduação em Letras; Especialização em Educação em Deficiência Visual. Seu afastamento foi por doença ginecológica relacionada ao estresse.

» **Entrevistada 07** – Sexo feminino, 48 anos, solteira, 20 anos de magistério público estadual, carga horária de 40 horas, em duas escolas de ensino fundamental. Sua formação no ensino médio foi o Curso de Técnico em Contabilidade; Graduação em Letras, Licenciatura Plena; Especialização em Literatura e Língua Estrangeira. Seu afastamento foi por doenças neuropsiquiátricas.

» **Entrevistada 08** – Sexo feminino, 40 anos, casada, 17 anos de magistério público estadual, carga horária de 40 horas – divididas em 20 horas em uma escola de ensino fundamental e 20 horas em uma secretaria municipal. Sua formação no ensino médio foi o Curso de Técnico em Prótese Odontológica; Graduação em Ciências, Habilitação em Biologia; Especialização em Educação Sócio-Ambiental. Seu afastamento foi por doenças respiratórias.

2.3 Instrumento

Segundo Carvalho (1987), a entrevista fenomenológica é uma maneira acessível de penetrar na verdade, seja ela qual for, sem qualquer falseamento ou deslize, sem qualquer preconceito ou engano.

As indagações foram orientadas por entrevista aberta e norteadas pelo diálogo pesquisadora-pesquisados, cujo intuito é favorecer a livre expressão dos sujeitos e estimular a abordagem da temática em estudo. Para isso, foi apresentada como

pergunta-chave: **O que significa mal-estar docente para você?** Os entrevistados também preencheram uma ficha de identificação (APÊNDICE B).

As entrevistas foram realizadas em um local privativo, entre os meses de fevereiro e abril de 2010; quatro delas na própria instituição onde os sujeitos da pesquisa trabalham e as outras em local indicado pelo entrevistado. Os encontros foram individuais, com o cuidado para que não ocorresse indução nas respostas durante a pesquisa. Cada entrevista foi realizada de acordo com as necessidades de cada entrevistado, em um período que variou entre uma hora e uma hora e trinta minutos.

As entrevistas foram gravadas em meio magnético, meio digital e transcritas na íntegra de acordo com as exigências metodológicas. As gravações serão armazenadas por um prazo de cinco anos, a contar de data de início da coleta de dados, e, após, serão destruídas.

2.4 Compreensão das informações

A organização e a compreensão das informações serão realizadas através dos quatro passos do método fenomenológico propostos por Giorgi (2010), acrescido de mais um passo proposto por Comiotto (1992). Isto tudo com o objetivo de descrever e perceber cada pessoa dentro de sua singularidade.

2.4.1 Primeiro passo – O sentido do todo

Nessa etapa, o mais importante é a linguagem. O pesquisador deve captar a entrevista oral, gravá-la e transcrevê-la, pois esta contém as vivências do entrevistado. Neste ponto, o pesquisador se depara com uma descrição transcrita do fenômeno específico. “Para iniciar a análise, o pesquisador deve assumir a atitude científica da redução fenomenológica, uma perspectiva psicológica e ser sensível às implicações dos dados para o fenômeno a ser pesquisado” (GIORGI, 2010, p.128).

A leitura das transcrições é necessária para que se tenha uma noção da descrição do fenômeno por inteiro. A abordagem fenomenológica é holística, uma vez

que percebe os significados dentro de uma descrição. No entanto, esta fase da análise não tem o intuito de esclarecer ou tornar mais explícito o sentido global da descrição. Esta tem como objetivo, unicamente, compreender o sentido geral do que é descrição.

Enfim, esse passo tem por finalidade a leitura das transcrições das entrevistas, com o objetivo de impregnar-se do conteúdo das mesmas para compreender a linguagem do entrevistado.

2.4.2 Segundo passo – As unidades de significado

Após a visão de todo o fenômeno, o próximo passo é a redução fenomenológica. Nesta etapa a percepção é muito importante. Uma vez que, na maioria das vezes, as descrições obtidas através das entrevistas são demasiadamente longas, para que sejam tratadas de forma holística, é preciso dividi-las em partes. Para tanto, cada unidade é numerada em ordem crescente junto ao número de cada entrevista.

O objetivo desse passo “é estabelecer algumas ‘unidades de sentido’ que estão contidas na descrição” (GIORGI, 2010, p.129). Durante a redução fenomenológica científica, os critérios fenomenológicos também estão sendo observados. Assim, as partes ou unidades de significado são determinadas a partir de uma perspectiva fenomenológica, que lhes faz imediatamente relevante.

No entanto, pode-se dizer que a parte da descrição poderia ser cada frase. Mas a frase é uma unidade de gramática e não necessariamente sensível à realidade psicológica. Na realidade, as sentenças são psicologicamente neutras no sentido de que elas poderiam ser psicologicamente carregadas ou vazias. Sentenças não são as principais formas que a realidade psicológica se revela, pois ela pode se revelar em expressões. É claro que a gramática de algum tipo é necessária, mas é outra dimensão de expressividade, e não é adequada para revelar significados psicológicos.

Desse modo, as constituições das partes no método baseiam-se na dimensão do que é mais sensível para o objetivo final da tarefa. Operacionalmente, as unidades de significado são estabelecidas da seguinte forma: uma volta ao início da descrição, para uma releitura. Mais uma vez, a atitude que deve ser considerada é a

redução fenomenológica, científica, dentro de uma perspectiva global psicologicamente sensível; é estar consciente do fenômeno específico que se está investigado.

Quando se começa a releitura das descrições, se faz uma marca adequada nos dados, cada vez que ocorre uma mudança significativa em seu sentido. Ao fim desta etapa, a descrição é dividida em uma série de unidades de significado.

As unidades de significado, em si mesmas, não carregam um peso teórico. Elas, simplesmente, representam os resultados práticos de fazer a descrição para gerir e ajudar a localizar outros locais críticos na descrição original, que motivam as transformações que o investigador faz.

Em outras palavras, não há 'objetivo' nas unidades de significado, na descrição como tal. Elas se constituem como um resultado da sensibilidade psicológica que o pesquisador traz para a tarefa. O que importa, em última análise, é como as unidades são transformadas em significado (GIORGI, 2010, p.130).

Isto acontecerá no próximo passo, em que as unidades de significado são re-integradas em sua totalidade ao do fenômeno vivido.

2.4.3 Terceiro passo – Transformação das expressões dos participantes em expressões psicossensíveis

Nesta etapa, o pesquisador deve ficar aberto e sensível ao que está sendo evidenciado pelos entrevistados. É a realidade, o mundo dos entrevistados, e necessitar-se-á entrar nele até atingir sua essência. Para Giorgi (2010, p.130), "Esse passo é o coração do método e é, talvez, o mais trabalhoso, pois, tem-se a tarefa de descrever com cuidado as transformações dos dados originais dos participantes, não é fácil".

Nessa terceira etapa, uma vez mais, o pesquisador vai voltar para o início da descrição, que está delineado em termos de unidades. Em seguida, ele começa a interrogar o significado de cada unidade, para descobrir como expressar de uma

maneira mais satisfatória as implicações psicológicas da descrição da experiência vivida.

O terceiro passo é um processo que levará algum tempo, não é feito rapidamente. O pesquisador tem que insistir com os dados, alterar e possuir uma cautela imaginativa, que inclui imaginar o oposto do que se poderia desejar expressar, até achar uma expressão que é adequada.

O pesquisador poderá escrever várias versões antes de atingir a expressão desejada, já que, nessa fase foram feitas as transformações da linguagem dos sujeitos em linguagem científica. Desta forma, é possível penetrar nos aspectos essenciais do fenômeno que se desvelava, reescrevendo as falas com suas estruturas de significado, respeitando, sempre, o discurso original.

2.4.4 Quarto passo – Síntese das estruturas de significado

Nesta última etapa, conforme GIORGI (2009), as unidades de significado transformadas servem como base para a elaboração de uma escrita, onde serão incorporadas em um único texto claro e objetivo, que visa atingir as essências do fenômeno. Estas essências correspondem às experiências vividas pelos participantes da pesquisa, de acordo com nossa percepção.

Na elaboração do texto, o pesquisador necessita ter o cuidado para não se arraigar nas análises parciais, mas, sim, em uma visão geral de toda a descrição; pois, a escrita tem uma perspectiva muito mais abrangente do que as transformações.

2.4.5 Quinto passo – Dimensões fenomenológicas

Comiotto (1992) sugere que, a partir das sínteses realizadas sobre as percepções dos participantes da pesquisa, no que diz respeito à trajetória de seus mundos, suas experiências e a leitura exaustiva dos discursos de cada sujeito, surge a necessidade de agrupar os fenômenos representativos em uma ficha denominada Dimensões Fenomenológicas. Esta abrange as vivências significativas, experienciadas

no decorrer da trajetória de vida, que foram trazidas nas entrevistas como aspectos marcantes.

Segundo a autora, é através das dimensões que as essências se revelam, pois, elas são partes constitutivas das essências. Deste modo, foi acrescentado o quinto passo. Este quinto passo tem como objetivo encontrar as dimensões mais significativas do fenômeno, que irão surgindo ao longo do trabalho e que compõem as essências.

Depois de realizadas todas as entrevistas, foram seguidas as etapas que o método escolhido recomenda, para encontrar as essências e suas dimensões. Primeiramente, foi realizada uma leitura cuidadosa de todas as entrevistas, para ter-se a noção do todo. Em seguida, separaram-se as descrições em partes, que são as unidades de significados. O próximo passo foi transformar cada unidade de significado, originalmente expresso pelos entrevistados, em linguagem científica. Estas unidades de significados, junto com a releitura das entrevistas, serviram como base para a elaboração do texto onde os sujeitos expressam o significado de mal-estar docente para eles. Para finalizar, foram realizadas várias leituras do texto, até chegar às essências fenomenológicas e suas dimensões, que compõe o capítulo a seguir.

3 MAL-ESTAR DOCENTE E PREVENÇÃO

Neste capítulo, compartilham-se as essências e suas dimensões fenomenológicas no que se refere ao que significa mal-estar docente e modos de prevenção, para os entrevistados, que afloraram no desenvolvimento da pesquisa.

A seguir cada uma das essências, desvendadas através das falas dos participantes, constituídas de suas respectivas dimensões.

Problemas profissionais e sofrimento

- ◇ Valorização profissional
- ◇ Relação trabalho e vida pessoal
- ◇ Problemas de saúde e atitudes frente à doença

Interação com a comunidade escolar

- ◇ Realidade do aluno
- ◇ Relação com a família do aluno
 - ◇ Papel do professor
- ◇ Relação com os colegas

Sugestões de prevenção

- ◇ Sistema de apoio
- ◇ Investimento na educação
- ◇ Formação inicial e permanente

3.1 Problemas profissionais e sofrimento

Esta essência surgiu através das falas dos sujeitos da pesquisa, quando revelaram que o mal-estar docente está relacionado aos problemas de valorização profissional, como as cobranças sofridas no ambiente de trabalho e na sociedade; as frustrações, devido aos objetivos de trabalho que não estão sendo atingidos; isto tudo acaba desencadeando a insatisfação e a frustração, gerando a desesperança.

Os entrevistados apontam, também, que os problemas profissionais acabam afetando seus relacionamentos familiares e, isto tudo, de uma maneira ou outra, afeta a sua saúde.

3.1.1 Valorização profissional

Através das falas dos entrevistados, foi possível perceber o sentimento de desvalorização e insatisfação que o professor vive. Entre as causas destes sentimentos, encontra-se o salário, a falta de reconhecimento de seus direitos e a valorização da sociedade no que se refere à profissão do docente; outro aspecto significativo foi à falta de identidade do professor com sua profissão. Estes são alguns fatores que despertam, no professor, insatisfação e desesperança.

No que se refere ao salário de professor, os entrevistados relatam que o profissional docente não ganha o suficiente para se manter, que está sempre na dependência financeira de outras pessoas.

[...] primeiro condições econômicas do professor. Professor de escola pública, principalmente do estado ganha mal, vai sempre depender de alguém para alguma coisa, da família do marido quem tem, alguma coisa vai [...] Então [...] Isso nos desestimula como é que você vai fazer um curso, como é que você vai se aperfeiçoar; é tudo muito caro [...] (ENTREVISTADA 01).

Sobre essas questões de carreira, salariais e valorização do magistério, o *Jornal Correio do Povo* do dia 12 de julho de 2010 (DANNENBERG, 2010), traz uma

reportagem sobre a procura dos cursos de magistério, que cada vez tem menos procura pelos estudantes. A baixa valorização salarial e a falta de condições de trabalho têm afastado os jovens da profissão do magistério; atualmente, o piso da categoria no Brasil é de R\$1.312,00 (Hum mil trezentos e doze reais) por 40 horas. No Rio do Grande do Sul, são de R\$413,00 (Quatrocentos e treze reais) por 20 horas.

Sabe-se que um salário justo e um plano de carreira que valorize os esforços do professor seria o começo do reconhecimento profissional. Faz 30 anos que Mosquera (1978) vem afirmando que o salário baixo é um dos fatores que frustram os professores. Ele é muito mal remunerado, o que acontece em todos os países. Se comparar a hora/aula de um professor e o tempo que ele passa para preparar sua aula, não teríamos base para um ponto de partida para sua recompensa. Pois, “[...] no sentido econômico o professor almeja possuir uma renda que lhe faculte poder viver uma vida razoável [...]” (MOSQUERA, 1978, p.92).

Já, em outra entrevista, percebe-se que a baixa remuneração do professor também influencia na procura para o aperfeiçoamento, como exemplifica o relato:

[...] você pega uma professora com 47 anos, como eu canso de ver nos municípios que eu vou, que tem três filhos, que tem casa, que tem marido, que tem 40 horas, que ganha mil reais, ela vai fazer mestrado como, ela vai fazer uma especialização como, em que horário [...] (ENTREVISTADO 05).

Em relação à valorização da carreira do professor, Soratto e Oliver-Heckler (2002) fazem vários questionamentos. Dentre eles, destacam-se os seguintes: Quais as possibilidades de progressão na carreira do magistério? Para onde ele pode crescer dentro da instituição por sua experiência no exercício de sua profissão, pelo bom trabalho que desempenha, por sua competência, pela busca de aprimoramento? Uma vez que, o profissional que ingressa no magistério público não tem muitos degraus ou reconhecimento dentro da instituição, e a rede estadual não oferece condições desejáveis e compensadoras para o trabalhador em educação.

O professor não está se referindo somente com relação ao salário; ele manifesta sua insatisfação com várias outras formas da desvalorização de sua profissão de educador, como a falta de reconhecimento da sociedade e a cobrança que a

mesma faz, o respeito ao seu trabalho. Sobre este aspecto, um participante da pesquisa relata:

[...] a gente não quer ficar ganhando prêmios, não é nesse sentido, mas é ser valorizada, que a educação dá resultados e dá, pena que as pessoas não saibam como valorizar isso, bons exemplos a gente tem, mas são poucos, poderiam ser muito mais e a gente vê as pesquisas de índices que a educação está mal, que baixou de nível, que baixou a qualidade e aí sempre repercute no professor, que não quer fazer o trabalho direito, que não quer mais nada com nada, eu não gosto de ouvir isso, e acho que é muito chato de ouvir ninguém quer mais nada com nada, é difícil (ENTREVISTADA 08).

Para Marchesi (2008), entre os fatores dinamizadores da atividade docente que favorece o bem-estar, vários deles não dependem do professor, como a valorização, o apoio social, os recursos disponíveis, o contexto sociocultural e a colaboração dos pais dos alunos.

[...] na TV tem um horário só para esporte, não sei quantos minutos, tem um horário só para a educação, você já viu, por exemplo, nesses canais que as pessoas mais veem por exemplo os brasileiros, não tem 'né', então assim qual é a importância [...] não só da pessoa professora, mas da educação, que reflete em todos os outros setores, os estragos ambientais, a falta de respeito que é isso, de educação 'né', a falta do uso adequado dos recursos naturais, isso, a violência, o uso do crack, o tráfico, etc. [...] então eu vejo isso assim uma grande preocupação pra essa nossa sociedade, esse mundo aí [...] (ENTREVISTADA 08).

Outro aspecto levantado pelos professores, que se sentem desrespeitados, faz referência à falta de reconhecimento dos direitos, como expressa a Entrevistada 03: “[...] a falta dos nossos direitos reconhecidos, que isso pra mim no ano passado foi uma coisa que me deixou bastante chateada [...]”.

[...] eu vivi uma angústia muito grande, porque tentei uma licença a qual tinha direito, eu recebi uma negação ao meu pedido, cansada de ter que cumprir a jornada de trabalho em três escolas e além de ter de fechar o número de períodos lecionando uma disciplina da qual eu não possuo habilitação, ensino religioso, participar das atividades extracurriculares em três escolas, duas de 20 horas, então 10 numa escola e 10 na outra, mais 20 horas em outra, são três escolas 'né', resolvi depois de pensar muito, avaliar a minha caminhada [...] (ENTREVISTADO 06).

No Caderno de Teses para o 7º Congresso Estadual do Sindicato (CPERGS, 2009), encontram-se as propostas para a implementação dos direitos funcionais da categoria, os quais não vêm sendo respeitados pela administração estadual. O Sindicato pretende intensificar a mobilização e a luta em defesa da escola pública e dos planos de carreira dos professores e agentes educacionais, além da atualização das promoções atrasadas, e a garantia de concessão de licenças previstas no Plano de Carreira.

Para Marchesi (2008), a instituição de uma carreira profissional deixa mais forte a identidade dos seus componentes, amplia as perspectivas, incentiva o esforço e favorece a valorização pessoal e o incremento da valorização social.

O plano de carreira é um instrumento que demonstra a valorização e o reconhecimento do docente, pois nele estarão expressas, dentre outras, as regras para progressão dentro da carreira e os critérios objetivos que serão utilizados para a progressão. Com isso, o professor tem perspectivas concretas e objetivas de crescimento, além de um incentivo para sua constante atualização.

O fato é que as pessoas querem ser reconhecidas, querem ver seu esforço valorizado. A retribuição para o trabalho realizado tem uma dimensão subjetiva expressa através de reconhecimento, status, e uma dimensão objetiva através de dinheiro, currículo. Ambas fundamentais para o trabalhador e inclusive, do ponto de vista emocional, tocando na auto-estima, no sentimento de realização profissional e na satisfação do trabalhador (SORATTO; OLIVIER-HECKLER, 2002b, p.95).

O professor também se sente cobrado no resultado de seu trabalho, e muitas vezes não tem os recursos mínimos para o bom andamento do mesmo, colocando em dúvida a sua competência.

É a cobrança, além do mais o professor assim, tem épocas do ano que ele tá, vamos fazer a provinha Brasil, vamos fazer a provinha isso, vamos fazer a provinha aquilo, o que é isso, na verdade também é um sistema de avaliação, uma avaliação externa, eu digo assim, é importante, claro que é importante até para um parâmetro do nosso trabalho, até para a gente ver, eu acho muito importante, mas é muita cobrança em cima dos professores, e às vezes o professor se depara com o giz e o quadro negro para trabalhar, fica ruim de você trabalhar, é difícil [...] (ENTREVISTADA 02).

Batista e Codo (2002) sustentam que, de acordo com as regras impostas pelo sistema de avaliação educacional, o bom professor faz com que seus alunos obtenham alto rendimento nas provas do Ministério da Educação, além da elevada frequência as suas aulas. No entanto, ele não é um bom professor se não conseguir um rendimento favorável na avaliação de seus alunos; isso é artifício enganador, gerado pela definição social do que é um bom professor. Não existem parâmetros, nem quem defina o significado de ser um bom professor, pois não são os professores que indicam o verdadeiro sentido da expressão, uma vez que as balizas do que seja sua competência profissional lhe são subtraídas e, por isso, a definição lhe é imposta. O professor, normalmente, possui consciência disso, mas não pode mudar as regras do jogo social. Assim, muitas vezes são vistos como incompetentes, diante da sociedade, não sendo levadas em consideração as dificuldades para realizar o seu trabalho e todo o seu esforço.

[...] o que mais afeta a saúde do professor é a cobrança, a cobrança dos pais, a cobrança da diretora, a cobrança da escola em si, é toda uma estrutura de cobranças que vem de todos os lados, 'né', cobrança dos próprios filhos, 'mãe porque tu trabalha tanto e não tem tempo pra mim, não tem tempo de olhar meus cadernos' [...] (ENTREVISTADA 04).

Tardif e Lessard (2008) lembram que ao longo da jornada de trabalho do professor, do mesmo são cobradas diversas tarefas, além do tempo dedicado a sala de aula, como: encontro com os pais, reuniões pedagógicas, preparação de aulas, correção de provas, entre outras atividades, discutidas a seguir, que acabam influenciando na vida do professor.

Não se pode negar que a sobrecarga de trabalho a qual o docente está submetido em suas tarefas diárias na escola, além do trabalho extra que leva para casa, como corrigir provas, elaborar exercícios, preparar aulas, leituras, acaba por afetar o professor em sua vida pessoal.

3.1.2 Relação trabalho e vida pessoal

O trabalho docente não se limita só as horas que o professor ministra suas aulas, exige muito mais tempo para as pesquisas, preparação de aulas, exercícios, avaliações e muitas outras atividades. Como podemos acompanhar nas falas a seguir, onde as entrevistadas expressam as outras funções e preocupações do professor.

[...] professores que trabalham 60 horas, então não estão em casa com os filhos, não estão em casa para almoçar, não estão em casa para ver a criança fazer um tema, para assistir ou estar presente na educação do seu filhos, então o que acontece, no final de semana que seria o momento de estar, o tempo do lazer, da família, de estar presente, de estar participando mais, ela tem que preparar as aulas da semana inteira, porque não 'dá' tempo, se ela trabalha 20, 40 até mesmo a que tem 40 horas sobrecarrega ela ainda de fazer trabalhos adicionais [...] isso 'dá' um desgaste [...] (ENTREVISTADA 04).

[...] tem que descansar (risos), mas, o professor leva material para casa para corrigir, para organizar, apesar que agora eu tenho me organizado mais, mas tem apostilas para montar, para rever [...] (ENTREVISTADA 06).

Mosquera (1978), também já falava que o profissional da educação acumula várias tarefas fora da sala de aula ao ter que corrigir trabalhos, verificar e preparar aulas. Ainda hoje as horas de trabalho do professor vão muito mais além daquelas que ele passa no recinto da escola.

Não bastasse todo o trabalho realizado pelo professor na sala de aula, o qual não é fácil, a sua obrigação profissional não finda na saída da escola, pois ele leva para casa, além de trabalho, o cansaço e as preocupações; o professor, como membro de uma família, pode ter seu relacionamento com os familiares interferido, em razão do cansaço oriundo de sua profissão, como revela a entrevistada:

Eu chego da escola, cinco horas da tarde, cinco e meia, chega, escola deu, o meu dia hoje só, a nossa profissão eu acho que nesse sentido, é muito cruel, porque tem que levar coisa pra casa, cruel nesse sentido, tu não consegue desligar, chega a sonhar com as crianças [...] (ENTREVISTADA 02).

De acordo com Vasques-Menezes, Codo e Medeiros (2002), os profissionais da educação passam em função do trabalho a maior parte de seu tempo produtivo e, às vezes, tem-se o sentimento que o trabalho lhes tira o tempo livre, que poderiam estar aproveitando com a família ou acompanhando os filhos, dando atenção aos pais, cuidando dos relacionamentos; estes aspectos de relação entre trabalho e família tornam-se uma fonte de sofrimento, como narram os entrevistados a seguir:

[...] a gente não pode mais ser Bob Esponja, porque professor hoje é assim, ele absorve, daí a gente chega em casa os maridos não nos aguentam, a família também porque meu Deus tu tá sempre cansada, estressada, quando a gente não chega sem voz porque na sala de aula com 35, 38 alunos [...] (ENTREVISTADA 03).

É claro, 'né', porque toma parte do teu tempo em casa, você tem que te dedicar aquelas coisas que tu tem que fazer em casa, não adianta, não existe outro tempo fora daquela, do ambiente familiar, na escola não existe tempo, então você tem que trabalhar em casa [...] Vai para dentro de casa [...] E a gente tem que tirar aquele tempo, não adianta, não existe protelar ou deixar para depois é bem pior [...] É uma mistura, a gente não consegue separar o trabalho de casa, em casa você leva trabalho também [...] (ENTREVISTADA 07).

Mosquera já abordava o tema sobre o cansaço do professor, e sua relação com a família:

Em geral o professor é uma pessoa cansada que não tem tempo para expandir no seu próprio lar e que não possui recursos para dinamizar a sua vida pessoal, isto porque em geral o professor encarnou de tal modo o seu papel que o vive até dentro do próprio lar. Não raramente traz os problemas da sala de aula para dentro de casa e isto reflete-se na sua maneira de relacionar-se com a própria família (MOSQUERA, 1978, p.97).

Nas próximas falas dos entrevistados, é possível perceber o quanto o professor se envolve em seu trabalho, ocasionando que muitas vezes não tem tempo para pensar em si mesmo, e esquece o quanto é importante um momento de lazer.

Meu Deus, se 'tu', daí assim, 'ó', como que eu fazer um programa fim de semana fazer um programa para desopilar, pra esquecer aquilo ali, se 'tu' ganha tão mal, mas como eu vou dizer 'bá', agora é inverno tem nossa serra 'dá' uma volta, o que isso, sabe, o que seria bom, 'tu' sai, conhece outras pessoas, 'né', 'tu', vê outra cultura, sendo assim você só vive naquilo (ENTREVISTADA 01).

[...] às vezes 'tu' não tem tempo nem pra ti, 'tu' tem que saber separar, 'tu' é profissional e 'tu' é mulher, 'tu' é namorada, 'tu' é filha, 'tu' é irmã, 'tu' é vizinha, e essa vida corrida [...] sabe que às vezes passa a tua amiga, e quanto tempo que a gente não se reúne, quanto tempo que a gente não se vê mais, e acho que tem momentos que 'tu' tem que desligar, entende, então eu acho que a correria do dia a dia te tira isso, o eu, além de se conhecer [...] também, ter as tuas coisas, resolver os teus problemas, nesse agito do dia a dia 'tu' tem que extravasar também, porque 'tu' é ser humano, 'tu' é normal também, 'tu' tem dificuldade [...] 'tu' tem que relaxar, tem que assistir um filme, 'tu' tem que dar risada, tem que comer alguma coisa diferente, tem que beber alguma coisa, tem que conversar alguma coisa diferente de escola [...] nós somos amigas de professores, 'tu' tá no MSN, 'tu' tá no telefone, discutindo e conversando problemas da escola, a gente não desliga (ENTREVISTADA 02).

Para Gomes e Brito (2006) apontam que todas as atividades extras que o professor tem de realizar para exercer a sua função e lembram, também, do deslocamento do professor, pois os mesmos, muitas vezes, trabalham em mais de uma escola, e em bairros distantes de sua residência. As autoras advertem que todos estes fatores contribuem para o comprometimento do tempo, que poderia ser utilizado para descanso, para as refeições, sendo que os professores acabam, muitas vezes, realizando lanches rápidos, ou fazem de forma acelerada, e o professor precisa, ainda, organizar o seu tempo com o trabalho que leva para casa e o tempo destinado ao trabalho doméstico. Esta invasão nos espaços domésticos interfere na vida pessoal.

O trabalho real do/a professor/a extrapola os limites do tempo e do espaço do trabalho na escola. De acordo com a prescrição do trabalho, esse profissional deveria cumprir por semana um determinado tempo em sala de aula e outro tempo seria reservado para elaboração de aulas e demais atividades (GOMES; BRITO, 2006, p.55).

No que se refere ao deslocamento e sua interferência em suas vidas, podemos acompanhar o que os entrevistados pensam e as suas dificuldades.

[...] fazer aquelas reuniões em turnos extras, [...] era pesado pra mim porque eu tinha oito turmas de sala de aula e ainda aquele horário extra do turno intermediário, então eu tinha que chegar em casa e ainda vir, nem dava às vezes de passar em casa tinha que vir direto pra escola [...] (ENTREVISTADA 03).

[...] mal-estar docente só vai mudar ou ele pode atenuar se houvesse uma reformulação total na nossa educação, começando pela questão de onde o professor trabalha, porque o que não pode mais se admitir nos dias de hoje, por exemplo assim, você mora do lado de uma escola e atravessa a cidade pra dar aula, quer dizer se você mora do lado dessa escola, o teu comprometimento é maior (ENTREVISTADO 05).

A professora refere que trabalhava em duas escolas diferentes, e residia a duas quadras de uma das escolas que necessitava de professores de sua disciplina, e não podia atuar naquela instituição por questões que não sabia explicar, pois se ela atuasse em uma única escola, teria mais qualidade de vida, e não mudaria nada para o Estado.

[...] estou me perguntando ainda e não posso vir para a minha escola que é duas quadras da minha casa, onde eu atuava com matemática, com todas as turmas eu não sei qual é a diferença em dar aula de matemática na escola 'X' e dar aula de matemática na escola 'Y' [...] essa diferença que eu não entendo [...] (ENTREVISTADA 03).

Não se pode negar que o envolvimento emocional e a sobrecarga de trabalho acabam refletindo nos relacionamentos familiares e sociais, além da saúde do professor, como acrescenta a entrevistada:

[...] 'daí', 'tu' fica te perguntando, te questionando, no meu caso com 37 anos, 16 'aninhos' de magistério, é o que sempre eu quis fazer, eu protelei tudo na minha vida em nome do meu trabalho, eu continuei estudando, então eu casei mais tarde, eu fui fazer a minha casa, minhas coisas mais tarde, aí eu engordei muito porque eu acho que isso tudo me gerou uma ansiedade que eu perdi o controle, então eu tive que me submeter a essa cirurgia [...] gástrica, fazer todo esse tratamento e agora estou pensando em engravidar, mas estou tomando medicação como que 'tu' consegue, 'tu' tem que parar, 'tu' tem que estar bem, 'tu' tem que estar tranquila, 'tu' tem que estar no teu eixo, a tua vida organizada e estruturada, mas dentro do que a gente vive hoje dentro das escolas é complicado [...] tenho esperança que eu possa mudar isso, que eu possa modificar isso na minha vida e que eu possa ter tempo pra todas essas coisas que eu gosto de fazer, mas também ter tempo pra minha família, cada vez mais a gente vai protelando [...] (ENTREVISTADA 03).

O professor, como todo o trabalhador, necessita ter um tempo livre além do trabalho, para realizar as suas coisas, descansar e se dedicar a outros interesses que não somente o trabalho, pois todos têm responsabilidades ocupacionais, temos que lidar com os fatores estressores normais da vida em sociedade. Observa-se que o cotidiano do professor é muito turbulento, com muitas exigências, sobrecarga de trabalho, muitas vezes não conseguindo separar a vida pessoal do trabalho, o que pode levar a um esgotamento, e até a possibilidade de adoecer.

3.1.3 Problemas de saúde e atitudes frente à doença

As exigências do dia a dia e a falta de recursos no trabalho têm afetado a qualidade de vida dos professores e, conseqüentemente, a sua saúde. Um dado que comprova isso é o crescente número de laudos nesta profissão.

Essa dimensão aborda como o professor está enfrentando os efeitos de seu trabalho sobre a sua saúde. Através das entrevistas, eles procuram diversas formas para minimizar suas dificuldades. Uns procuram médicos; outros lembram que não adianta só a medicação, que a pessoa tem que se ajudar; existem os que se afastam do trabalho por um curto período de tempo; alguns que necessitam de um laudo mais prolongado e os que se exoneram da profissão.

Sobre a falta de recursos, e como isso afeta a saúde do professor, tem-se os seguintes relatos: no primeiro, a professora refere-se que na escola pública, por muitos anos, foi usado mimeógrafo, e relata que ainda se usa, pois a Xerox é muito cara. O uso contínuo do mimeógrafo, para preparar melhor as suas aulas, lhe causou uma LER (Lesão por Esforço Repetitivo).

[...] tive um problema seriíssimo no meu braço direito, de uma tendinite crônica, que eu sei nunca mais vou me curar totalmente. Já fiz tratamento, graças a Deus. Agora eu tenho alguns momentos que eu sinto bastante dor, mas me deixou as minhas férias inteiras não pude varrer uma casa, não pude lavar uma louça, não pude lavar as roupas, fazer os mínimos movimentos (ENTREVISTADA 03).

Para Gomes e Brito (2006, p.56), “a carência ou as más condições dos recursos materiais faz com que atividades aparentemente simples transformem-se em verdadeiros desafios”. Outra professora refere-se ao uso do quadro-negro com giz, o qual prejudica a sua saúde e de outros professores: “[...] quantos professores que a gente fala ‘ah’ ‘tu’ está com renite eu também estou. O que você usa? Um giz, giz e um quadro” (ENTREVISTADA 06).

Além dos recursos, os professores revelam suas vivências, suas dificuldades e outros fatores que afetam sua saúde e, conseqüentemente, os sintomas que apresentam diante destas situações.

Para Jesus (2007), o conjunto de sintomas que o professor apresenta diante das situações vivenciadas, que pode ser o mal-estar ou *burnout*, são considerados uma das respostas ao estresse profissional prolongado e crônico, que podem acontecer quando as capacidades ou competências de resiliência, ou as estratégias usadas, são insuficientes ou inadequadas.

Esclarecendo o conceito de *burnout*, segundo Codo e Vasques-Menezes (2002), é um sentimento de discrepância entre o que o trabalhador investe no trabalho e aquilo que ele recebe em termos de reconhecimento de superiores e colegas, e dos resultados observados no comportamento geral do aluno. Ainda não existe uma definição unânime para esta síndrome; o que existe é um consenso em considerar que aparece no sujeito como uma resposta ao estresse vivenciado no seu ambiente de trabalho.

Podemos observar, nos relatos a seguir, como o cotidiano da profissão afeta o estado emocional e físico e, por conseguinte, a saúde dos professores.

A gente não consegue dar respostas, a gente não consegue trabalhar com essa criança [...] Ter resultados como as crianças [...] Que a gente quer, então [...] As professoras ficam muito ansiosas, elas dizem: eu não sei trabalhar, eu não fui preparada pra trabalhar, eu não consigo trabalhar, a minha turma não me ajuda, a família também não ajuda, isso causa um mal-estar muito grande [...] Isso te deixa muito emocionalmente muito abalada [...] Você fica mal, às vezes chega até atacar assim o teu físico, você fica com dor de cabeça, eu principalmente perco o sono [...] Eu me sinto mal [...] Muito ansiosa (ENTREVISTADA 02).

[...] Introspecta aquela insatisfação e ele vai se tornando amargo, ele vai se amargurando, ele vai perdendo aquela coisa assim, do ser professor, ele está professor mas ele não é professor, que tem uma grande diferença você ser professor e você estar professor. Com certeza, que vai afetando a saúde [...] Quando eu tive o meu AVC, eu estava dando aula dentro da sala de aula [...] Se você está insatisfeito, está entristecido com alguma coisa, as tuas defesas vão baixando e isso vai puxando uma complicação, uma doença qualquer [...] (ENTREVISTADO 05).

[...] No início do ano passado eu tive desidratação, depois baixou a minha imunidade, eu tive problema ginecológico, toda essa coisa de alergias, depois veio a gripe [...] Me causando algumas angústia e 'aí' já começando na parte física, mas como é que eu ia tirar laudo se eu tinha compromisso com alunos se formando na outra escola, 'aí' entra também a minha preocupação como profissional, e também deixar os outros alunos pequenos indo para casa sem ter alguém que me substituísse, entende? [...] E muitas vezes diziam: tira laudo se 'tu' está precisando [...] (ENTREVISTADA 06).

Conforme Esteve (1999), o afastamento do trabalho é uma das formas de buscar alívio, pois permite ao professor escapar momentaneamente das tensões acumuladas que o trabalho proporciona. Então, desta forma, recorre-se a pedidos de licença ou ausência do estabelecimento escolar por períodos curtos.

Podemos perceber como os entrevistados lidam com esses aspectos, nos relatos: “[...] durante a gravidez saí de laudo antes. Antecipei a minha licença, minha licença gestante, porque eu precisava disso. Meu nenê estava bem, se eu estivesse em uma escola tranquila [...]” (ENTREVISTADA 06).

Eu tive minhas dores de garganta [...] ‘Né’ [...] Dores de garganta, porque eu tava rejeitando o meu trabalho [...] Quê que era aquilo [...] Eu tinha medo de me confrontar com aquelas pessoas [...] Então era mais fácil eu ficar doente [...] Não poder falar [...] Que é meu instrumento de trabalho e ficar em casa [...] ‘Né’ [...] Ficava em casa, um ou dois dias, me recuperava e voltava [...] ‘Né’ [...] Voltava para aquilo e, assim, você vê que aquilo não vai mudar, que isso vai piorar, se não for feita alguma coisa vai piorar, porque daí virou uma bola de neve (ENTREVISTADA 01).

É bem difícil porque eu acho que a gente vive um conflito interno muito grande [...] Eu nunca chegava atrasada, e daí aquilo pra mim começou a ser uma rotina, não era mais uma questão esporádica [...] eu me alimentava e aí eu tinha esse refluxo [...] Eu não conseguia vir para a escola [...] Então aquilo pra mim, assim, estava gerando uma ansiedade, um mal-estar, uma coisa assim que eu estava me cobrando e ao mesmo tempo eu não tinha muito o que fazer, porque eu ia no médico, o médico dizia que era assim mesmo, eu tava cheia de remédio [...] Eu só chorava de dor [...] Foi diagnosticado um problema sério estomacal e aonde estou em tratamento até hoje (ENTREVISTADA 03).

Nas falas dos entrevistados, eles revelam que, muitas vezes, as vivências geram mal-estar, mas como cada um reage a estas fontes de pressão é um processo individual. Os professores expressam em suas falas a importância de reagir às pressões cotidianas e lembram, também, a importância do descanso para sua saúde.

[...] então assim 'ó' [...] Qual é a reação que você tem? Você tem duas formas. Ou você se lamenta e o teu quadro se agrava, porque nesse sentido que eu quero dizer. Se você está insatisfeito, está entristecido com alguma coisa, as tuas defesas vão baixando e isso vai puxando uma complicação, uma doença qualquer. Ou você pensa assim: bom se eu quiser sair dessa, eu tenho que me ajudar. Eu tenho que me ajudar. Eu tenho que me manter forte, eu tenho que continuar acreditando que isso é momentâneo e que amanhã eu vou estar bem, felizmente comigo deu certo (ENTREVISTADO 05).

Eu acho que a depressão também a gente além de ir para o psiquiatra se tratar, colocar as situações para o psiquiatra, tomar remédios, a gente tem que se ajudar, a gente tem que mudar o pensamento, aquele pensamento de negativismo, de pensar que a 'fulana' falou isso eu vou ficar assim, porque 'sicrana' falou, tu não pode levar tudo a 'ponta de faca', você tem que mudar teu pensamento e pensar, bom se aconteceu isso eu vou deixar para depois e vou melhorar a minha vida, eu vou tentar melhorar, e deixa os outros cada um que viva a sua vida, 'né', ser mais positiva e enfrentar, senão 'tu' não sai do problema, senão fica ali guardando e mexendo com aquilo é muito pior [...] Se eu não tivesse tido aqueles 15 dias de férias, certamente eu tinha entrado em laudo de novo (ENTREVISTADA 07).

Para Jesus (2007), o professor aperfeiçoa recursos de adaptação de tal forma que, se no futuro for confrontado com situação idêntica, fica mais confiante. Neste sentido, situações difíceis podem constituir um desafio e ser um fator de desenvolvimento de competências e estratégias para a solução de problemas. No entanto, se o professor não for bem sucedido, a tensão pode permanecer elevada; e podem manifestar outros sintomas, para a situação, pois quando as exigências são muito intensas, excessivas, e o sujeito não possui competências para lidar com essas situações, surgem os sintomas de mal-estar.

Para outros professores, a situação de sofrimento pode desencadear, até mesmo, o abandono da profissão ou a redução da carga horária, como aconteceu com dois dos entrevistados.

Gomes (2002) afirma que, enquanto o docente se mantém em seu posto de trabalho, vai acumulando fadiga com um conjunto e variedade de sintomas que se apresentam em forma intermitente; não aparecem, a princípio, como alarmantes, e

são atribuídas a causas alheias ao trabalho. O docente pode chegar num estado de fadiga em que se produz uma desorganização severa de sua saúde mental ou se instala uma patologia orgânica, tendo como conseqüências o absenteísmo, a saída do trabalho, a incapacidade ou, até mesmo, o abandono.

A atitude extrema da exoneração não é algo fácil para o professor. De acordo com Lapo e Bueno (2003), se tornar professor é um processo que se constrói ao longo de sua carreira; deixar de ser professor é, também, algo que se desenvolve ao longo do percurso profissional; no entanto, não é fácil saber onde o processo de desligamento se inicia. Os autores, ainda, argumentam que não significa apenas a simples renúncia ou desistência de algo, mas o desfecho de um processo no qual ocorreu insatisfação, fadiga, descuido e desprezos, que levam o professor a se exonerar do cargo.

Percebe-se, pelas falas dos professores, que o processo de exoneração não é tão simples quanto possa se imaginar, e é permeado por vários sentimentos, antes e depois de tomada a decisão. “[...] Resolvi depois de pensar muito, avaliar a minha caminhada docente, resolvi largar 20 horas, isso também me causou uma angústia, ficando assim somente em uma escola” (ENTREVISTADA 06).

O professor, infelizmente, está desistindo do magistério público [...] Eu já desisti meio turno. Inclusive era uma convocação que eu já tinha sete anos, então em três anos eu poderia adicionar na minha aposentadoria, porque já tenho 28 anos de magistério, mas essa convocação de sete anos ininterruptos e eu poderia levar junto na minha aposentadoria, cheguei num estresse tão grande numa coisa que eu disse, não vale a pena, o que estou fazendo hoje, hoje estou mantendo as minhas vinte horas que vale mais a pena em função do IPE, assistência médica, a segurança do emprego público, o concurso em si (ENTREVISTADA 04).

Os estudos noticiam e as pesquisas comprovam: o professor está adoecendo. A cada mês aumenta o número de professores em laudo, e alguns chegam a pedir exoneração. Além dos fatores já mencionados, que podem provocar desconforto nos professores, serão descritos, a seguir, outros fatores relevantes, que surgiram nas entrevistas e que provocam o mal-estar.

3.2 Interação com a comunidade escolar

Nesta essência, busca-se descrever a inter-relação do docente com a comunidade escolar. Nela são reveladas as angústias e as preocupações dos entrevistados. Compõem esta essência, as seguintes dimensões: a realidade do aluno; a realidade social que o professor se depara dentro da escola; a relação com a família do aluno; o papel do professor hoje e a relação com os colegas. É inerente que esta rede de relações acabe influenciando a qualidade do trabalho do professor e, conseqüentemente, o seu bem-estar.

3.2.1 Realidade do aluno

Em seu trabalho, o professor se depara, muitas vezes, com uma comunidade escolar, que é composta por uma diversidade de valores, com uma realidade socioeconômica marcada pela escassez de recursos e vivências diferentes daquela que o professor conhece. Esta nova experiência, que pode favorecer o crescimento do professor pelo contato com uma nova realidade, pode, também, se transformar em uma armadilha para o professor, porque ele não se sente preparado para desenvolver seu trabalho dentro desta realidade. É possível observar a preocupação dos professores com esta realidade, nos relatos abaixo:

Porque hoje em dia as características da turma 'muda' muito, são aqueles alunos que não param quietinhos, que não fazem silêncio, é aquela troca, aquela gritaria, aquela reação muito grande deles com o que eles assistiram na televisão, que escutaram dos pais, da família, eu não tenho material, eles estão com fome, eles estão sujos, então o professor com todas essas diferenças fica muito difícil (ENTREVISTADA 02).

Tem alunos adolescentes junto com os pequeninhos, que os interesses são diferentes [...] E tem surdos, tem alunos do 'ACELERA', tem alunos de 10 anos, tem alunos de 15, tem alunos de 16 [...] Dentro de uma sala de aula onde 'tu' tem vários grupos diferentes e 'tu' tem que dar atenção pra todos (ENTREVISTADA 03).

'Aí', então, 'tu' chega lá e 'pá', te dão um estágio numa periferia assim, professora eu trouxe o revólver do meu pai senão ele ia me matar, e 'daí' você 'hahahaha', vamos guardar, que lindo depois o papai vem buscar e 'papapa' e 'aí' 'tu' fica ali com as canelas tremendo 'né' e dizendo 'hahahaha', vamos lá minha gente, pega a bolsa e junto com a bolsa você escreve no quadro, como uma coisa assim, pois é 'tá' com a bolsa, ah nem notei, vou botar no armário acintosamente pra não dizer que são uma classe desprivilegiada que pode trazer danos econômicos pra você, roubo e etc. (ENTREVISTADA 04).

Para Esteve (1999), a acelerada mudança no contexto social apresenta novas exigências para o ensino. O sistema educacional está sendo massificado nas últimas décadas e ainda não dispõe de capacidade para atender as novas demandas sociais. Diante desta situação, os professores se encontram frente a dificuldades e demandas mutantes.

Os professores convivem com diversas situações, que abrangem a falta de recursos mínimos para a sobrevivência, os desvios de comportamento e valores, os sofrimentos diferenciados, que também influenciam em seu trabalho. Estas são situações que o professor não imaginava que iriam acontecer, e não estava preparado para esta realidade.

[...] No momento que 'tu' entrar dentro da sala de aula que tem aluno com piolho, que tem aluno com não sei o que, que tem aluno desmaiando nos teus braços [...] Que um dia desmaiou uma enorme, que eu não sabia o que fazer [...] Que eu nem sabia o que era piolho para começar [...] (risos) Eu cheguei em duas escolas de periferia e 'aí', 'caí', assim, de pára-quadras, aqui estão os alunos, eram alunos rodando pilastras, se jogando contra você, contra os outros [...] (ENTREVISTADA 06).

[...] A gente sempre imagina aquele aluno ideal, a gente não imagina trabalhar com diferenças tão gritantes de falta de respeito [...] de situações de bagunça no geral, você imagina uma sala de aula que o educador quer ensinar, os alunos que querem aprender, que perguntem, que troquem ideias, mas isso é muito difícil de acontecer [...] É um problema, alguns alunos usam outros, como assim, como se fossem alguma coisa para bater, para botar para fora os problemas deles 'né' [...] faz com que o aluno sofra *bullying* [...] (ENTREVISTADA 07).

Aquele suporte de ter o que precisa, o mínimo necessário, quero dizer, para a criança se sentir confortável, o alimento, o agasalho, 'né', a ajuda nas tarefas escolares, aquele apoio quando ela precisa, eu acho que isso está assim afetando demais a educação (ENTREVISTADA 08).

Em vários momentos de sua caminhada, os professores das escolas públicas têm que lidar com alunos que são, praticamente, atraídos pela socialização das ru-

as. Os autores Batista e Codo (2002) contemplam este aspecto, lembrando que esta vivência dos alunos, muitas vezes, são desconhecidas para o professor.

Nestes casos, os professores empreendem uma luta sem quartel contra um mundo de sombras que nem sempre conhecem, e, se conhecem, agora eles estão “do outro lado”, do lado da socialização da escola. São crianças e jovens que trazem para o cotidiano das escolas suas experiências com a “fauna” da megalópole de final de século. Eles, crianças de rua ou na rua, são parte e testemunhas da existência de um universo paralelo e um pouco oculto, que pode se tornar visível nas situações mais corriqueiras. Um *frisson* na sala de aula; as vivências dos educandos se entrelaçam com as das prostitutas, traficantes, policiais violentos, vítimas e vitimários, meninos e meninas com a solidão urbana pintada nos rostos. Quantas vezes os professores terão que vivenciar no cotidiano do trabalho as misérias do mundo urbano, a face oculta da modernidade. Um mundo que os interpela com sua feia face, violência e precariedade dos laços afetivos (BATISTA; CODO, 2002).

Essa realidade que é vivenciada na sala de aula, faz com que o sentimento de impotência desperte nos professores. Isto fica evidenciado nas falas a seguir.

[...] eu tive que entrar numa sala de aula e aquilo assim, ‘ó’, começa a me angustiar, porque eu sei que lá dentro eu ‘vô’ ter um que é traficante, outro que é uma prostituta [...] Nada contra, mas [...] Se cada um soubesse se por no seu lugar [...] Outro que ‘tá’ ali pra tirar um sarro da tua cara [...] As pessoas tão se aproveitando da fragilidade da estrutura de ensino, que ‘tá’ sendo imposta pelo professor para o professor, ‘né’ [...] Pra se beneficiar [...] Para ter o direito de agredir um professor psicologicamente [...] O professor que tem medo [...] Tem carro totalmente arranhado, pneu rasgado, ou ele apanha, ele é perseguido [...] (ENTREVISTADA 01).

[...] Esse estresse emocional? [...] É em decorrência dessa impotência diante das situações adversas relacionadas ao desrespeito [...] Violência nas salas de aula, brigas, agressões, grupos que se unem para realmente “inferniçar” os professores na sala de aula, bagunçar, para tirar do sério, ‘né’, então isso causa um desinteresse geral porque um grupo é capaz de tirar a sintonia dos que estão interessados (ENTREVISTADA 04).

Batista e Pinto (2002) lembram que uma parcela dos professores é tomada por profunda dor e perturbação quanto à realidade do seu trabalho e exigências de sua profissão. Como, por exemplo, as cenas de violência presenciadas nas agressões entre alunos, que obrigam o professor a se envolver no assunto; seja porque suas aulas são interrompidas, ou porque estas cenas são rotineiras na escola. Esta

situação cria uma tensão para o professor, que começa a questionar sobre sua atividade.

Eu 'tô' ali para ensinar biologia no ensino médio [...] Eu não 'tô' ali pra conhecer o padrão de vida [...] Eu presumo que uma pessoa, que 'tá' dentro de uma sala de aula, ela deveria, já, por ela mesma, estar ali pra melhorar a vida dela [...] Sem eu ter que dizer [...] 'Fulaninho' [...] Por favor, estuda, porque o teu futuro depende disso [...] Eles não 'tão' nem 'aí' [...] Eles não querem aprender [...] Eu já tive situações assim, 'ó' [...] Que ensinar era uma ofensa [...] Entende [...] é como se [...] Você fosse desnecessária, naquele lugar, ali [...] Existe em outras coisas assim [...] Mais importantes [...] Porque, o traficante vai ganhar muitíssimo mais do que eu [...] A prostituta, conforme for o estilo da guria, ela vai ganhar muito mais do que eu [...] Não por isso, existe uma desmotivação cultural das pessoas [...] Elas não querem aprender [...] Elas querem consumir [...] É o momento [...] Vou trabalhar hoje, pra mim, fim do mês 'tê' o celular mais bonito, da moda [...] Pras pessoas me aceitarem bem na sociedade [...] (ENTREVISTADA 01).

[...] Impossibilidade de dar aula, 'daí' o que acontece a pessoa chega a um desgaste físico e mental tão grande, uma frustração de não conseguir atingir seus objetivos, 'aí' aquela sensação de fracasso enorme, chega em casa arrasada, 'né', já se, ele não pode resolver fica se culpando, mas o que eu errei meu Deus, estudei tantos anos, me dediquei, gastei, na verdade a culpa não é do professor, a culpa está na sociedade, está na desestruturação familiar, está na falta de virtudes (ENTREVISTADA 04).

[...] O trabalho não é satisfatório, não é aquilo que a gente planejou e esperava, e o desgaste assim mental, psicológico porque 'daí' a gente às vezes se culpa, a gente quer resolver todos os problemas, a gente não quer ver as crianças no caso ou adolescentes sofrendo, porque eles sabem que é uma fase difícil, que muitos tem muitos problemas e como é que eu vou querer que o meu aluno memorize o conteúdo se ele tem uma série de outras situações no momento a aflorar (ENTREVISTADA 08).

Conforme Batista e Codo (2002), os professores estão vivenciando uma crise de identidade, todos questionam o saber fazer dos educadores, da competência para lidar com as exigências crescentes do mundo atual, tanto no que diz respeito à educação como com a realidade social, que acaba afetando o seu trabalho em sala de aula.

[...] olhava assim para as crianças o que eles tinham era fome, eles não queriam saber da língua estrangeira, eles estavam ali por outro motivo, por outras carências e muitas vezes 'tu' olha, 'tu' tenta solucionar aquela carência, mas 'tu' também está com os teus desafetos, essas coisas sabe, e 'aí' o que 'tu' faz, 'tu' tenta junto a direção da escola, SOE se existe SOE e 'tu' se sente como é que eu vou dizer, impotente frente a tudo isso, e isso vai te desgastando, vai te deixando triste com essa situação sabe, porque a tua disciplina vai ficando em último plano (ENTREVISTADA 06).

Evidencia-se nas falas dos professores, a pluralidade de situações vividas em sua atividade, e de que maneira elas afetam o desenvolvimento e a qualidade do seu trabalho. Estas situações experimentadas na escola estão atreladas a realidade do aluno e, conseqüentemente, com os valores da sua família. Neste contexto, revela-se uma nova dimensão: a relação do professor com a família dos alunos.

3.2.2 Relação com a família dos alunos

Nesta dimensão são consideradas as mudanças na sociedade que afetaram as estruturas das famílias, e os efeitos no ambiente escolar.

A realidade social exige que muitos pais dediquem a maior parte do seu tempo ao trabalho, e a educação dos seus filhos é delegada a pessoas distintas. Alguns pais estão confusos na questão sobre a melhor maneira de educar os filhos, e outros não tiveram a oportunidade da escolarização, ou esta estava inserida em uma realidade diferente da escola atual. Todo este enredo, de uma maneira ou de outra, influencia o ambiente escolar e a atividade docente.

Para Marchesi (2008), as contradições da sociedade também têm reflexos nas famílias, que acreditam que boa educação é uma grande conquista para seus filhos, mas delegam para os professores a realização de suas expectativas; mas existem, também, as famílias com pouca cultura, com dificuldade de compreender os objetivos da escola e ajudar os filhos nas tarefas escolares.

Sobre a ausência dos pais na formação dos filhos e o acompanhamento nas tarefas escolares, têm-se as seguintes revelações, nas falas dos professores entrevistados:

[...] me sinto sozinha pra desenvolver um trabalho com os alunos, tanto o apoio da família quanto em certos momentos o apoio da própria escola, na família acontece quando a família está sozinha, está com dificuldades de conseguir ajudar essa criança pelo déficit (ENTREVISTADA 02).

[...] tem muitos pais ausentes deixando tudo pra escola. De modo geral vejo alunos desanimados e agressivos, sem muito respeito pelo profissional que está ali na frente dando aula, tentando ser um mediador, um facilitador [...] (ENTREVISTADA 06).

Conforme Esteve (1999) os educadores são perseguidos pela evolução da sociedade e pelas mudanças no contexto social, pois, em um passado recente, havia um esforço por parte dos pais para ensinar o sentido da disciplina, a cortesia e o respeito aos filhos, não sendo permitido a estes qualquer enfrentamento aos professores; muitos pais demonstravam aos filhos, de forma explícita, o apoio incondicional aos professores, diante do menor conflito. Nos dias atuais, diversos professores se queixam que os pais deixaram de inculcar nos filhos valores morais mínimos, e transferiram essa incumbência ao professor, convictos de que esta é mais uma obrigação dele. Do mesmo modo, diante do menor conflito ficam ao lado dos alunos, com o argumento de que se o filho é mal-educado, a culpa é do professor que não soube educá-lo corretamente.

Sobre essa problemática da educação, com os pais depositando a responsabilidade na escola, e como isso afeta o cotidiano escolar, tem-se as seguintes falas:

[...] Não há mais uma educação prévia [...] Acho que essa formação hoje os pais estão passando pra nós professores até mesmo porque [...] Saem cedo, trabalham o dia todo, não tem tempo às vezes nem de ver o filho, 'aí' passa para a escola essa função e o pior eles cobram-nos as coisas [...] Uma criança, apronta, apronta na escola [...] Porque a estrutura familiar é confusa, é totalmente desestruturada (ENTREVISTADA 03).

Então o que acontece, a visão dos pais de escola hoje em dia está se tornando assim um depósito de crianças, eles vão lá, a senhora educa, a senhora ensina valores também, a senhora resgate os estudos porque isso 'aí' não tenho tempo, e ainda a senhora discipline o meu filho, discipline, porque como eu trabalho [...] Está se invertendo os valores, os papéis da sociedade, enquanto uma vez a família era o eixo, era o pilar da formação da índole de uma criança [...] Os primeiros sim, os primeiros limites, isso pode, isso não pode [...] Temos que fazer todo esse resgate [...] Então os pais estão transferindo os seus deveres como família para o dever da escola [...] (ENTREVISTADA 04).

Para Marchesi (2008), a dedicação e o envolvimento da família são fatores considerados indispensáveis para a melhora da educação, mas ao mesmo tempo os professores apresentam uma visão pessimista quanto à possibilidade de o fato ocorrer; este descrédito faz com que o professor não invista nesta relação, pois os mesmos também não têm tempo disponível em sua carga horária para este assessoramento das famílias.

Destaca-se, nas falas a seguir, que os entrevistados referem-se sobre a necessidade do envolvimento dos pais, mas também percebem que a família está necessitando de ajuda e, muitas vezes, os professores estão ocupando um papel que não lhes pertence.

Número de 20, teria que ser, para você conseguir atingir esse aluno, porque tem alunos que tem que ser individual, a maior preocupação, eles não tem apoio em casa, muitos de nossos alunos, eles não trazem o tema, eles não trazem o material, o que eles tem é aqui na sala nessas quatro horas, você tem que fazer mais por eles aqui nessas quatro horas quando eles não tem isso em casa e se tem mais do que 20 na sala, não tem como o professor fazer isso, é humanamente impossível, não tem como você exigir isso de um professor [...] (ENTREVISTADA 02).

A desestruturação da família é aquela falta de ter a pessoa, o referencial em casa, de ter aquela ajuda, de ter aquele suporte, a base para uma criança, por exemplo, estou me referindo mais as crianças [...] Eu acho que a família está precisando muito mais de ajuda do que a gente possa imaginar, assim como a escola que também precisa da comunidade da sociedade, e a gente está assim, a gente tem procurado fazer esse chamamento, mas nem com a sociedade muitas vezes, nem com a família, então é uma educação assim fragmentada que eu posso dizer, são coisas separadas, que deveriam ser tudo conjugadas (ENTREVISTADA 08).

Segundo Thiele e Webler (2007), a participação da família é fundamental para que a criança se desenvolva como estudante. Por isso, a relação família-escola deve ser motivo de preocupação, o resultado do ensino precisa desta relação; não dá para obter resultados de ensino sem pensar em reeducar os pais, que em sua grande maioria não conhecem a proposta pedagógica da escola, o que ela oferece e como os filhos aprendem. Para as autoras, uma das propostas é conscientizar-se que o novo papel do professor inclui atender o aluno que não vem pronto de casa para adquirir conhecimento.

É evidente que a relação família-escola é de suma importância para uma aprendizagem bem sucedida, e a família é o apoio fundamental no desenvolvimento como um todo; estas duas instituições têm grande importância na formação do aluno. As falas a seguir refletem fatos que os professores vivenciaram em seu cotidiano.

[...] eu até lembro que eu tive um aluno com pânico de escola, e que eu tinha que, a mãe não vinha na escola, a mãe não mandava a criança pra escola e 'aí' quando trazia ela dizia assim que ele não tinha entendido o que a 'prô' explicava, mas ele vinha assim, uma vez na semana e os outros dias da semana vinha ela na porta quando eu tava iniciando a minha aula, pra ver o que eu tinha dado na aula anterior e eu explicar todo o conteúdo pra ela [...] ela ficava na porta parada, esperando e assim meio que obrigava a gente a fazer esse tipo de coisa [...] e 'aí' as crianças ficavam sem ser atendidas enquanto eu tinha que explicar a matéria pra mãe, ensinar ela, então isso também era um mal-estar [...] (ENTREVISTADA 03).

O professor, muitas vezes ele não tem o apoio dos pais, muitas vezes você chama na escola e eles não vão, então isso é mais um desgaste, é mais uma preocupação, muitas eles, uns não podem, outros não entendem, outros não compreendem, outros não sabem nem qual é a tarefa de ser pai ou de ser mãe, então isso é muito complicado, e eu acho assim que a escola por mais que esteja fazendo, esteja preocupada, mas ainda precisa dessa base familiar (ENTREVISTADA 08).

Conforme Britto (2008), a tarefa do professor está submersa em uma comunidade repleta de carências, e isto se torna muito desgastante; muitas vezes o professor se envolve a ponto de romper as fronteiras que caberiam às famílias ou, até, à outros profissionais, pois acaba realizando afazeres que não lhe competem, sendo que além de a estrutura familiar apresentar problemas, outras áreas também deixam a desejar.

Diante dessa realidade vivenciada pelo o professor, é visto que o mesmo acaba assumindo vários papéis que, às vezes, não lhe competem; desta forma, ele se sente sobrecarregado com a quantidade de tarefas que lhe são atribuídas.

3.2.3 O papel do professor

Percebe-se, diante de todo esse panorama, que a tarefa do professor não é só desenvolver o conteúdo de sua disciplina. Sua atividade passa a ser mais complexa e dinâmica, exige muitos outros conhecimentos e tarefas que antes não eram de sua competência, mas que devido às transformações sociais acabaram sendo cobradas, também, da escola.

Sobre essas novas incumbências do professor, Gasparini, Barreto e Assunção (2005), afirmam que o docente, na atualidade, expandiu a sua missão para fora das paredes da sala de aula e extrapolou a mediação do processo de conhecimento

do aluno. O professor, além de ensinar, participa da gestão e do planejamento escolar, que significa mais dedicação e se estende às famílias e à comunidade. Sabe-se que hoje o professor, também, tem tarefa de garantir a articulação entre escola e comunidade.

A professora entrevistada aponta sobre essa realidade em que, muitas vezes, o professor envolve-se e resolve problemas que julga não ser de sua responsabilidade, mas diante da situação é necessário adotar alguma atitude.

[...] pelo acúmulo de funções que o profissional tem, que o professor tem, 'né', tem que resolver vários problemas que às vezes não é nem de sua competência mas que acaba abraçando que com o aluno ali você tem que tomar algumas decisões, algumas medidas, situações que vem da família e que na verdade a gente deveria estar contribuindo e não resolvendo essas situações (ENTREVISTADA 08).

Para Esteve (1999), as mais diversas fontes concordam em assinalar que, nos últimos anos, tem aumentado as responsabilidades e exigências que se projetam sobre os educadores, coincidindo com o processo histórico de uma rápida transformação do contexto social, o qual tem influenciado, significativamente, nas modificações do papel do professor. Isto implica em uma fonte importante de mal-estar para muitos deles, já que a maioria não sabe ou, simplesmente, não tem aceitado acomodar-se às novas exigências.

Essa nova realidade de exigências que o professor encontra nas escolas e que muitas vezes não se vê capaz de lidar, julgando-se incompetente por não saber como agir ou pela falta de conhecimento, é perceptível nos trechos das entrevistas: “[...] não, eu não estudei para isso, eu estudei para dar uma disciplina, não para educar [...] Claro, educar faz parte do educador, mas não regras básicas, valores, isso me angustiava” (ENTREVISTADA 06).

Professor e aluno hoje é a mesma coisa [...] Não existe assim, 'ó', o professor, 'né', tem o conhecimento para passar. Claro que a gente aprende com as pessoas, só quem dá a letra, como dizem os adolescentes, quem dá a letra é o professor, vamos seguir por aqui, no momento que o aluno começar a fazer isso acabou a aula. Acabou a aula, acabou, o conhecimento não existe, prá que, que existe escola. Eu, sabe como é que eu me sinto falando em escola regular, eu me sinto uma, como é que se diz aqueles que cuidam de presidiário [...] A gente [...] Penitenciário, eu me sinto um agente penitenciário e não uma professora (ENTREVISTADA 01).

Mosquera (1978), referindo-se ao papel do professor na sala de aula, acrescenta que a sua tarefa requer muitas aptidões e que, muitas vezes, são quase impossíveis de serem possuídas, pois, além do número de alunos que compõe a sala de aula, existem as individualidades de cada aluno, uma vez que a tarefa de ensinar requer metodologia e implicações psicossociais, e envolve tomada de decisões.

Nos dias atuais, exige-se muito mais do professor em sala de aula, pois o processo de inclusão aumentou, além da diversidade, as dificuldades que ele tem que saber administrar. Outro fator que se deve levar em consideração é, também, que muitas vezes o professor não está preparado para enfrentar esta realidade, e isto pode ser uma fonte geradora de desconforto, como podemos observar na fala da professora a seguir.

[...] é impossível, 'tu' não consegue, então hoje vou atender dois, três, aqui dos surdos, dois, três ali do 'ACELERA' e o restante eu trabalho um todo, toda a explicação no quadro, mas depois eu tenho que sair dali e ir para determinados grupos e ainda manter aqueles sem machucar ninguém. Então hoje 'tu' é guarda, 'tu' é professor, 'tu' é interprete, 'tu' é [...] uma série de papéis num ambiente (ENTREVISTADA 03).

Atualmente, o professor ensina seu conteúdo, avalia, é conselheiro, é amigo e assessora as famílias que, diante deste novo contexto social, também já não sabe bem qual é o seu papel. Como expõe a professora a seguir:

[...] escola é pra transmitir conhecimento, não é pra educar filho de ninguém. Professor não é pai, não é mãe, não é tio, não é parente. É professor [...] A sociedade quer o quê, que a professora tire o traficante da droga, a prostituta da rua, que 'tu' seja psicóloga, 'né', e 'tu' não é [...] (ENTREVISTADA 01).

Soratto e Olivier-Heckler (2002b) afirmam que se atribui uma importância indiscutível a educação, e a escola é vista, muitas vezes, como uma extensão da família. Os professores acabam assumindo o papel de conselheiro, amigo e confidente. Não se pode esquecer-se de que sua função principal é oferecer condições de aprendizagem e desenvolvimento para seu aluno; todo este esforço faz com que o trabalho do professor se torne desgastante. As autoras acrescentam que, diferente

de muitas profissões, o trabalho do professor se reveste de várias peculiaridades que não são levadas em conta.

[...] hoje o aluno que a gente recebe, ele vem com uma série de problemas e desemboca onde, nas nossas mãos e a gente tem que 'dá' conta tanto da aprendizagem quanto de recebimento de pais, da própria coordenação e isso a gente tem que lidar com isso [...] (ENTREVISTADA 03).

Para Esteve (1999), as investigações sobre o esgotamento dos professores mostram que a acumulação de expectativas e responsabilidades nas suas tarefas diárias estão desproporcionais ao tempo e ao meio que dispõe para realizarem seu trabalho. O professor está sobrecarregado de trabalho: deve manter a disciplina, mas ao mesmo tempo ser simpático e afetivo; deve atender as individualidades dos alunos, com os mais lentos tem de ser uma aprendizagem mais devagar, com os mais rápidos tem de ser uma aprendizagem mais rápida; tem que cuidar do ambiente da sala de aula; programar aulas; avaliar; orientar; receber pais, informar para eles como está o desempenho de seu filho; organizar diversas atividades burocráticas; enfim, uma lista interminável de exigências.

Além de todas as exigências impostas pela realidade do trabalho do professor, que tem de saber contorná-las para conseguir desempenhá-lo da melhor maneira possível, os docentes se defrontam com outro problema, que é a falta de apoio dos colegas.

3.2.4 Relação com os colegas

A relação com os colegas no ambiente de trabalho é muito importante, pois é através dela que o senso de coletividade se desenvolve, e é neste ambiente que o professor se sente acolhido e valorizado. Nesta dimensão serão abordadas às dificuldades que os professores entrevistados sentem nas inter-relações com seus colegas que, conforme os relatos, muitas vezes sentem-se hostilizados, desvalorizados e desestimulados. Estes fatores afetam o desenvolvimento do trabalho e a saúde.

Na entrevista abaixo, percebe-se que as discussões presenciadas na sala dos professores atingem o estado emocional da professora.

[...] 'tu' chegava na escola, 'tu' era recepcionada com brigas entre colegas, mas não eram briguinhas, eram brigas de 'bateção' de boca que aquilo me fazia muito mal, eu saía, eu chegava cedo, na escola, uma hora eu já estava lá, mas eu comecei a chegar mais tarde pra não ter que ouvir aquilo porque aquilo me fazia mal, eu via que já chegava na sala de aula chegava triste, nervosa, ansiosa porque ver aquela situação, ter que conviver, ter que ouvir tudo aquilo pra mim me agredia, porque era uma 'bateção' de boca assim, muito baixa, muito baixa dentro da nossa classe e aquilo assim me deixava extremamente decepcionada, então aquilo mexia no meu íntimo de uma maneira [...] eu acho que tudo isso mexe com a tua estrutura (ENTREVISTADA 03).

Para Soratto e Olivier-Heckler (2002a), os professores, no desempenho das atividades docentes, necessitam de uma integração para que o ensino não seja fragmentado; necessitam desta interação entre colegas para que as diferentes disciplinas consigam atingir seu objetivo maior, que é a formação do aluno. Assim sendo, necessitam do outro para a complementação de seu trabalho.

A falta dessa interação faz com que o professor se sinta desvalorizado em seu trabalho ou, até mesmo, perceba a desvalorização de sua disciplina por parte de alguns colegas. Esses acontecimentos interferem diretamente no relacionamento dos professores, gerando descontentamentos. Isso é reconhecido nas falas dos docentes: “[...] é a desvalorização também dos colegas, ah espanhol para que, dá aula de inglês, muito eu ouvi isso, muito, muito, muito [...] a colega dizia, a, onde 'tu' vai, 'aí' 'musiquinha' de novo, porque eu estava sempre com o CD [...]” (ENTREVISTADA 06); outro professor também refere sobre a desvalorização de seu trabalho pelos colegas.

[...] você chega lá no conselho de classe, o 'fulano' reprovou com o 'beltrano', 'aiiiiiii' como é que ele vai reprovar numa disciplina só [...] tem que passar, no momento que você diz: tem que passar, você está anulando todo o trabalho de um ano de um colega, começa por aí, então é assim, o próprio colega começa desvalorizando o trabalho do colega, repetindo o ano todo, isso é grave, são essas pequenas 'coisinhas', esses 'cancerzinhos pequeninhos', esses tumores na verdade, são esses tumores que existem que vão gerando um câncer, e esse câncer o que é a insatisfação do professor, o professor é na verdade ele está doente enquanto profissional, só que essa doença profissional se não tratada, ela vai afetar o pessoal do professor, o psicológico do professor, e se a pessoa não está bem psicologicamente a pessoa não desenvolve nada perfeitamente na minha opinião (ENTREVISTADO 05).

De acordo com Jesus (2007), para a realização de um trabalho de qualidade em educação é necessário um bom relacionamento entre os professores. Mas, para isto, é necessário que os mesmos apresentem atitudes de autenticidade, empatia, cooperação e valorização das experiências e sugestões apresentadas pelos colegas.

Para Tardif e Lessard (2008), o professor deseja, ao mesmo tempo, cooperação e respeito à sua individualidade. Eles gostariam de receber ajuda de seus colegas para enfrentar problemas e dificuldades, porém, preservando a autonomia para trabalhar privativamente com seus alunos. Isto faz com que ele se sinta valorizado em seu trabalho.

A seguir percebe-se, na fala da entrevistada, a importância do ambiente de trabalho e como ele influencia as pessoas; se for um local de apoio, pode trazer emoções positivas, mas, do contrário, pode trazer sentimentos negativos, atingindo até a saúde.

Às vezes dentro da escola, às vezes fora da escola, tem colegas que depende as situações que às vezes aumentam as coisas e 'tu' é mais sensível, fica chateada, e coisas assim, e aquilo 'tu' vai guardando [...]. Eu acho que o que ajuda bastante é o ambiente de trabalho. Se o ambiente é bom você todo dia você se renova, apesar da situação você leva, você enfrenta a situação, acha pesado, mas não tão pesado como quando você fica doente, e eu acho que muito é do ambiente escolar, o apoio da direção, dos colegas, isso ajuda bastante, porque a gente convive diariamente (ENTREVISTADA 07).

Conforme Lapo e Bueno (2003), a atividade do professor está focalizada nas relações interpessoais e nas dinâmicas relacionais geradas no ambiente escolar,

que são decisivas para o êxito do ensino e da qualidade de vida do professor. Nesse contexto, é possível afirmar que a convivência com diretores, com outros professores e com os alunos é um dos principais elementos de satisfação ou insatisfação no trabalho e, também, um eficaz motivador para o engajamento do professor nas atividades profissionais. Se essas relações não estão em harmonia com as expectativas e representações dos docentes, elas têm a possibilidade de atingir, de forma negativa, o grau de envolvimento com a atividade docente e a própria realização profissional do professor.

A qualidade do ambiente escolar está atrelada a satisfação e ao comprometimento do professor. Em um ambiente em que seja respeitado por suas opiniões e sua disciplina, que seja harmonioso e acolhedor, o docente realizará melhor a sua atividade. Esse contexto pode ser encontrado na fala a seguir:

[...] eu realmente me estressei e tivemos uma briga muito feia com uma professora [...] eu sempre chego a mesma conclusão, se o professor não estiver bem, se ele não estiver feliz onde ele estiver, o trabalho não anda, porque não tem estímulo para trabalhar, não tem estímulo para planejar, não tem estímulo para fazer uma aula melhor, ele não tem aquela coisa assim, eu tenho uma excelente ideia; mas 'bah', porque eu vou levar isso pra lá, se ele não se sentir parte integrante da escola que acontece com ele, 'ah' eu vou acordar com dor de cabeça amanhã de manhã, 'ah' eu não vou trabalhar, agora se ele se sentir parte integrante, se ele se sentir comprometido com a escola, se ele se sentir valorizado com a escola qual é o pensamento que ele vai ter, 'ah' eu não posso deixar a minha escola na mão, como é que eu vou deixar os meus alunos, é, quer dizer assim, pra resumir o que eu te disse, no meio que você vive e as relações que você tem dentro da escola vai determinar a postura que você vai ter enquanto profissional (ENTREVISTADO 05).

Para Tardif e Lessard (2008), a qualidade das relações sociais na escola é um dos fatores importante para favorecer um bom ambiente de trabalho. A colaboração entre professores pode, muitas vezes, ser construída a partir de uma amizade ou favorecer amizades; ao contrário, os conflitos pessoais, que também fazem parte da vida na escola, podem gerar resistência à colaboração. Para haver a cooperação é necessário que os professores não se sintam ameaçados ou desvalorizados por seus colegas, que tenham confiança em si mesmo e no seu trabalho.

Através das falas dos professores fica evidenciada a importância do bom relacionamento e o quanto ele reflete no ambiente de trabalho. Além disso, é necessá-

rio levar em consideração que, para uma escola desenvolver suas atividades de forma eficiente, ela prescinde de outros profissionais, tais como merendeiras, secretárias, pessoal da manutenção, limpeza, diretores, coordenadores, supervisores, entre outros profissionais. Sobre essa rede de apoio que o professor necessita para desenvolver o seu trabalho, o investimento em educação e os aspectos relevantes na sua formação inicial e continuada serão abordados na próxima essência, pois estes fatores afloram quando os professores entrevistados abordaram a prevenção para o mal-estar docente.

3.3 Indicações de prevenção

Esta essência é decorrente da preocupação dos professores entrevistados a respeito do mal-estar docente e quais as atitudes que, em sua concepção, poderiam prevenir ou diminuir este mal-estar. Das indicações dos entrevistados sobre a prevenção, surgiram três dimensões: um sistema de apoio para auxiliar no desenvolvimento do seu trabalho; os investimentos em infraestrutura; e, a formação inicial e continuada. Estes são fatores destacados pelos professores, por julgá-los relevantes e que devem ser levados em consideração na prevenção do mal-estar docente.

3.3.1 Sistema de apoio

Diante dos inúmeros desafios que o professor encontra em sala de aula e no ambiente escolar, fica evidenciada a necessidade de um sistema de apoio para contribuir com o bom andamento de seu trabalho, oferecendo suporte aos problemas enfrentados com os alunos e sendo um elo entre a escola e os familiares, na organização de seu trabalho e no apoio para a prevenção de seus problemas de saúde.

Soratto e Oliveir-Heckler (2002a) lembram que a escola é semelhante a uma empresa, pois representa uma estrutura de alta complexidade. Nela se encontram problemas de recursos humanos, financeiros e materiais, iguais aos de qualquer

empresa, com a diferença de que os empresários são bem remunerados para executar seu trabalho.

Sobre a falta de recursos humanos na escola e como isso reflete no seu trabalho, os professores entrevistados expressaram esta realidade nos relatos a seguir: “[...] a escola não fornece o sistema de monitoria, que na atual realidade da escola não é possível [...] Não tem material de apoio” (ENTREVISTADA 02).

[...] a gente se dá conta que a gente podia fazer melhor, mas como fazer isso melhor se ‘tu’ tem que se virar sozinho, ‘tu’ não tem com quem dividir [...] É uma estrutura, é uma rede, teria que ter uma rede dentro da escola que a gente pudesse encaminhar ‘né’, ‘aí’, não cabe a nós professores só que a gente vive essa angústia, a gente vive essa angústia, e aí o que fazer com ela, a gente somatiza, fica doente, fica impotente diante do mundo, ‘aí’ começa a pensar na situação, porque continuar nessa profissão (ENTREVISTADA 03).

[...] muitas vezes não tem o profissional do SOE, da coordenação, que é um profissional que faz aquele, aquela ligação de professor/aluno/sala de aula/fora, faz todo aquele trabalho que contribui, que contribui com o trabalho de todos (ENTREVISTADA 08).

Percebe-se, nas falas dos professores, a falta de recursos humanos para o encaminhamento das dificuldades que eles encontram em sala de aula, afetando o seu trabalho e, também, a sua saúde. Caso o docente contasse com a ajuda desses profissionais para dividir suas preocupações, o trabalho em sala de aula renderia mais e o professor ficaria menos carregado de preocupações.

Conforme dados publicados pelo CPERS (2009), além da falta de professores nas escolas, também faltam profissionais para o SOE (Serviço de Orientação Educacional), supervisão escolar, biblioteca e laboratórios. A pesquisa revela, ainda, que 60% das escolas não têm Serviço de Orientação Educacional e que os recursos humanos são insuficientes para garantir os atendimentos dos alunos. Para atender estas demandas, as escolas dependem de profissionais de boa vontade, que precisam ser deslocados de suas áreas de atuação.

[...] o professor detecta os problemas, só que é os problemas que ele vai contar pra quem, ele vai contar com quem pra ajudar resolver, teria que ter uma rede [...] uma rede assim que você encaminhasse, pelo menos se 'tu' não consegue resolver, que foge ao teu alcance, por exemplo, 'tu' estás em sala de aula tem coisas que fogem ao espaço sala de aula, que você não tem como resolver mas pra ti se dar conta eu acho que também o professor teria que ter uma base de apoio (ENTREVISTADA 03).

[...] a coordenação pedagógica tem que se preocupar muito mais com o professor que com o aluno, quem faz a escola andar. Sim, precisamos de alunos, é importante o aluno, mas se a escola anda é porque tem professor. Então eu acho, que esse olhar sabe, acho que tem que melhorar isso [...] (ENTREVISTADA 06).

Sobre a importância do SOE e do SSE (Serviço de Supervisão Escolar) no espaço escolar, Silva, Cetra e Diehl (2005) esclarecem os seguintes aspectos sobre estes setores que prestam um serviço de apoio a comunidade escolar. O SOE tem como objetivo realizar as mediações necessárias entre professores, alunos, pais e funcionários; e, o SSE, apóia o professor em sua prática, além de fazer a mediação entre professores e direção. O serviço de orientação juntamente com o serviço de supervisão busca o desenvolvimento de uma educação de qualidade. O trabalho em conjunto, destes dois setores, tem como objetivo conhecer o contexto no qual a escola está inserida, dar suporte e assessorar a direção, professores, alunos e comunidade.

As autoras alertam, ainda, para o fato de que esses profissionais, que hoje estão atuando nesses setores das escolas, não possuem formação adequada. Algumas instituições convocam professores sem habilitação para assumir esses setores que, por se tratar de um trabalho de fundamental importância, deveria contar com pessoas qualificadas para oferecer um assessoramento de qualidade (SILVA; CETRA; DIEHL, 2005).

A respeito da falta de professores habilitados para atuar no setor de supervisão escolar, e como isso pode afetar o desenvolvimento do trabalho na escola, o entrevistado aborda o assunto na fala a seguir:

[...] digamos assim, eu não tenho formação nenhuma na área de supervisão, mas eu vou coordenar o teu processo de trabalho, 'ai' eu vou tomar decisões que vão afetar diretamente a tua vida sem saber o que eu estou fazendo, isso vai gerar o que, ou gera uma insatisfação, isso gera o conflito entre os colegas, 'né', isso vai repercutir de uma forma negativa com certeza (ENTREVISTADO 05).

No artigo “*Conflitos e tensões na profissão docente*” (FREDRIKSSON; BAUNAY; JOUEN, 2001), a educação converte-se em um trabalho que necessita de equipes multiprofissionais, onde cada um colabora com o seu conhecimento e com as suas competências ao serviço da escola, auxiliando a resolverem os seus problemas. Para dar resposta ao conjunto de incumbências confiadas à escola, a atividade dos docentes deve ser complementada por outros profissionais especializados: psicólogos e conselheiros de orientação, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, pessoal administrativo, além de outros profissionais.

[...] a gente não tem o privilégio de ter uma profissional da psicologia que possa ir lá e conversar conosco. As pessoas não têm essa disponibilidade, o gestor não organiza isso, quero dizer, assim, a nível maior, que proporcione isso, então o que acaba acontecendo, nós mesmos acabamos nos trocando ideias para resolver isso, então a gente não tem mais como proceder com um plano, aquela turma está nessa situação, o que a gente pode fazer, então a gente pensa muito, vamos fazer isso, e todos falando a mesma linguagem, e uma coisa que eu acho assim bem importante nas escolas é você criar normas assim, normas de boa convivência, regras que todos saibam que aqui existe isso, isso e isso [...] (ENTREVISTADA 08).

Destaca-se, na fala da professora entrevistada, a necessidade de suporte dos profissionais da psicologia para atuar na escola, no auxílio das dificuldades encontradas no contexto escolar.

Martins (2003) chama a atenção para a importância do psicólogo escolar, pois, este profissional, através de sua escuta, pode conhecer a realidade escolar em sua história e criar situações coletivas para a construção de meios que possibilitem a superação das dificuldades existentes no ambiente educacional, partindo das experiências dos envolvidos no processo. Com isso, os problemas vivenciados podem ser discutidos e a busca de solução partilhada.

Outra entrevistada relata a necessidade do apoio psicológico para os professores no decorrer da carreira. Pois, para entrar na carreira do magistério público estadual ela passou por um exame psicológico, mas, depois, não houve mais acompanhamento, e o plano de saúde dos professores não oferece este serviço. Afirma, também, que ao ingressar no magistério foi submetida a uma série de exames médicos. No entanto, durante o tempo em que atuou como professora não foi requisitado nenhum exame, nem mesmo quando pediu exoneração de suas 20 horas.

[...] não existe apoio psicológico para os professores [...] eu acho que deveria ter uma avaliação psicológica 'tá', cada, não sei há cada quanto tempo, para entrar precisou, porque que durante não tem, durante a caminhada, durante a jornada, deveria ter, porque muitas vezes eu não estou consciente que estou com problemas ou também colocar isso que eu estou conseguindo colocar agora, isso é um desabafo, isso, isso que está sendo feito agora [...] sabe, porque deveria ter, ter um psicólogo pessoal, mas o IPE não cobre o psicólogo, psiquiatra sim, mas psicólogo [...] esse apoio psicológico para o professor precisaria [...] eu quero dizer assim 'oh', tá eu fiz o exame para entrar e depois para sair é feito? o professor se aposenta, tchau [...] (ENTREVISTADA 06).

A falta de funcionários para a limpeza da escola e o quanto isso afeta o seu trabalho, também é destacada por uma das entrevistadas: “[...] nas escolas muitas onde trabalhei, falta funcionários para organizar a escola ‘aí tu’ trabalha no meio da sujeira, poeira, etc., causando um grande desconforto” (ENTREVISTADA 06).

Para Codo e Soratto (2002), os funcionários são fundamentais no contexto escolar, pois são eles que preparam as bases para o desenvolvimento do trabalho dos outros profissionais. Não se pode esquecer, que eles também fazem parte do ensino; não do ensino formal, mas atuam no que diz respeito a valores e a atitudes, pois os alunos solicitam o apoio e a atenção de todos os funcionários que fazem parte da escola. A merendeira pede disciplina no refeitório, o porteiro oferece limites aos que chegam atrasados e os agentes de limpeza, muitas vezes, tem a função de orientação na hora do recreio.

Fica evidenciada a necessidade e a importância de múltiplos profissionais para o bom funcionamento da escola e para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade pelo professor. O suporte de outros profissionais, um programa de saúde que oportunize exames periódicos e acompanhamento psicológico para os docentes é necessário para ajudar na prevenção do mal-estar, além do investimento em infraestrutura, outro fator abordado pelos professores.

3.3.2 Investimento em infraestrutura

Nesta dimensão serão desenvolvidos os temas atinentes a falta de planejamento na melhoria das escolas e o investimento na infraestrutura. Os entrevistados

acreditam que dar mais atenção para estes fatores contribuiria no desenvolvimento de seu trabalho, minimizando as dificuldades existentes.

Schwingel (2007) aponta que as características organizacionais são, também, fatores que afetam as pessoas no trabalho, e dentre elas está o ambiente físico. Estudos sobre estresse indicam que as condições do ambiente físico devem ser levadas em consideração nos estudos da ergonomia; ruídos excessivos, iluminação insuficiente, ambiente com pouca higiene e falta de material necessário para o desenvolvimento são variáveis que interferem na saúde psicológica e física dos trabalhadores.

Esses aspectos são confirmados nas falas dos entrevistados, de onde se extrai que não existe uma programação para a execução dos reparos a serem realizados nas escolas. O barulho e o pó produzidos nas reformas dificultam as atividades em sala de aula e provocavam estresse.

[...] ia pra sala de aula. A batida do martelo direto no quadro, na parede do quadro, porque eles começaram a demolir os banheiros [...] e a 'bateção' começava cedo [...] o pó ia pro corredor e o corredor todo fechado de vidro [...] aquele pó ficava ali dentro, porque não abria a janela desses corredores e entravam pra sala de aula. Então 'tu' tinha que ficar com a porta fechada, mas a batida vinha igual. Era bem ao lado. Então [...] Isso, além do barulho das crianças, mais essa 'bateção' até 28 de dezembro [...] O pó, a poeira, era liso os corredores a gente quase caia. Não adiantava, ela continuou desde o final de agosto, até o último dia de aula. Tudo isso gera estresse (ENTREVISTADA 03).

As entrevistas revelam que a falta de recursos e de um ambiente acolhedor interferem na motivação dos alunos para frequentar as aulas. Também é exposto o quanto a falta de higiene afeta a saúde.

[...] ele tem que querer ir para a escola, porque a escola é gostosa, porque o ambiente é bom, porque ele entra no banheiro e o banheiro é limpo. Quantas e quantas vezes, eu, como professora, não queria entrar nos banheiros da própria escola, no banheiro dos professores, entende? E, às vezes, voltava para casa me segurando para não ir e isso não vai daqui a pouco afetando meu rim, minha bexiga, não sei o que, sabe, acho que tem que ter o mínimo [...] (ENTREVISTADA 06).

Escola pública falta. Falta, por exemplo, estrutura física. Tem muitas com muitas dificuldades. Falta iluminação, falta material, falta lugar adequado, falta salas, falta um ambiente aconchegante, acolhedor, que as crianças também se interessem, gostem de ir para a escola, 'né'. Um ambiente escuro, frio, que não tem condições, que não tem uma estrutura física adequada, também não estimula [...] (ENTREVISTADA 08).

Para Gomes e Brito (2006), o retrato do momento das escolas públicas brasileiras exibe uma cena de escassas condições de trabalho, que incluem a falta de conservação das estruturas escolares e as péssimas condições de materiais, como cadeiras, carteiras, material didático e livros. As carências e as más condições que se encontram nas escolas fazem com que a atividade do professor se torne um desafio, e toda essa falta de material acaba interferindo no seu desempenho em sala de aula. Pois, os professores não possuem o material necessário para desempenhar seu trabalho e tem de trabalhar com os poucos meios que dispõem; como esses meios são insuficientes, suas aulas, às vezes, não atingem o objetivo almejado. Diante dessas situações, os docentes se sentem frustrados, impotentes, já que seu trabalho fica comprometido pela falta de recursos.

Nas entrevistas, os professores revelaram que essa carência de recursos tolhe o desenvolvimento de atividades variadas com os alunos, deixando suas aulas pouco atrativas. Se o professor quer um material diferenciado, muitas vezes ele acaba adquirindo com recursos próprios. Na entrevista o professor que a falta de recursos afeta a qualidade de sua aula: “Uma, porque ele não tem nem tempo de preparar uma aula bem feita, pesquisar, porque o colégio não tem recurso” (ENTREVISTADA 01). Esse fato também é destacado nas falas a seguir:

[...] a minha sala teria que ter mais recursos e não tem. Tem aqueles jogos porque sou eu que compro [...] Eu acabo investindo muito aqui na sala, não vem recursos, é muito pouco, não tem recursos [...] Eu teria que ter mesas diferentes na sala, ter cadeiras diferentes e eu não tenho. Tinha que ter diversidade de materiais, eu não tenho. Quando eu quero uma coisa diferente, eu tenho que comprar, eu tenho que adquirir [...] Como é para mim, é para os outros professores também. Não é uma realidade minha, é uma realidade da classe (ENTREVISTADA 02).

É que o ensino público está com uma precariedade tão grande de recursos [...] A não ser o quadro de giz, 'né'. Então ali fica uma aula estática, desinteressante, com poucos recursos, e 'ai', o que acontece? A criança, o adolescente, o adulto, ele sente na hora: o que eu estou perdendo umas quatro horas aqui (ENTREVISTADA 04).

A exposição do professor a um ambiente inadequado para que ele exerça as suas atividades pode desencadear uma série de transtornos físicos e psicológicos, que podem afastar o docente de suas atividades.

[...] as condições de trabalho, ou seja, as circunstâncias sob as quais os docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar podem gerar sobre esforço ou hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas. Se não há tempo para a recuperação, são desencadeados ou precipitados os sintomas clínicos que explicariam os índices de afastamento do trabalho por transtornos mentais (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, p.192).

A carência de materiais nas escolas é ampla e atinge desde o básico para o desempenho razoável da docência, passando pelas condições físicas e de conservação dos prédios, pela limpeza, pela iluminação e mais uma série de itens. Esse conjunto de fatores afeta o trabalho do professor.

Segundo Soratto e Oliver-Heckler (2002a), a infraestrutura de algumas escolas está muito comprometida, pois falta o material básico como giz, apagador, carteiras e cadeiras. Em outras escolas os mobiliários se encontram em péssimas condições de uso; depara-se com o básico necessário para o funcionamento da escola, tendo, somente, a estrutura mínima para desenvolver o processo educacional. Isso tudo dificulta para que o professor enriqueça suas aulas, tornando-as mais atraentes, eficientes.

A diversidade de material para o desenvolvimento do aprendizado é um instrumento valioso para o professor. Pois, além de propiciar aulas mais atraentes e diferenciadas, facilita o aprendizado do aluno e torna as aulas mais agradáveis – tanto para o professor, que se sente satisfeito com seu trabalho, quanto para o aluno que se sente mais motivado para o aprendizado.

Para Esteve (1999), os docentes que de uma forma idealista buscam a inovação pedagógica de o seu agir na escola, de um modo corriqueiro, estarão tolhidos pela falta de material didático e a ausência de verba orçamentária para a aquisição dos mesmos. Com isso, os professores enfrentam um paradoxo, pois a sociedade e os coordenadores do sistema educacional lhes exigem inovação metodológica, no entanto, não lhe oferecem os meios necessários para realização do seu trabalho.

[...] falta incentivo para o aperfeiçoamento do professor, falta material didático e 'aí' eu falo da minha disciplina específica. Não temos livros, não temos recursos. Todo o material que se tem que comprar é material caro, material estrangeiro, tem que sair do bolso do professor [...] Referindo a minha disciplina, não existe laboratório (ENTREVISTADA 06).

Conforme pesquisa da UNESCO (2004), infraestrutura, equipamentos e condições físicas da escola são fatores a serem considerados na influência da aprendizagem. É possível que estes fatores gerem insatisfação nos professores, influenciem no exercício do magistério e tragam dificuldades ao trabalho docente.

A qualidade da educação pode ser influenciada de forma significativa pela infraestrutura escolar. Essa qualidade está atrelada a existência de prédios e instalações adequadas, laboratórios, bibliotecas – com livre acesso a livros –, material didático e pedagógico, quadras esportivas e a uma adequada relação de alunos com o professor em sala de aula.

Batista e Odélius (2002) creem que a infraestrutura das escolas é conexas à qualidade de ensino, pois o ambiente de trabalho e os recursos disponíveis podem trazer para o trabalhador mais conforto e menos desgaste, tornando a tarefa mais prazerosa e produtiva. No ambiente escolar, a infraestrutura serve de amparo para as atividades e fornece condições de trabalho que afetam o processo de ensino-aprendizagem e, por conseguinte, no bem-estar do docente e dos demais integrantes.

Na próxima dimensão será abordada a importância da formação inicial e continuada para o bem-estar do professor.

3.4 Formação inicial e permanente

Percebe-se nas falas dos professores, que diante das frequentes mudanças no contexto escolar se faz necessária uma formação inicial voltada para a realidade existente nas escolas, uma formação continuada e um espaço para a troca de experiências.

Conforme Esteve (1999), uma das estratégias para evitar o mal-estar docente é diminuir as deficiências da formação inicial do docente; como houve uma mudança

no papel do professor e no contexto em que ele vai atuar, necessita-se rever a formação inicial. Isso é possível através da busca por uma maior adequação as novas exigências e dificuldades apresentadas no processo de ensino.

Nas falas os entrevistados revelam como foi a sua preparação na formação inicial, para enfrentar a realidade da sala de aula e as suas experiências como professores:

[...] a tua faculdade, 'né', faculdade de licenciatura plena, que eu fiz pelo menos, não prepara pra 'ti' dar aula [...] pro público, assim, da linha popular, 'né'. Ela te prepara para um público, com se fosse os teus colegas, com aquela sala de aula bonita, com toda aquela estrutura. 'Tu' sai dali, vai trabalhar, 'tu' te apavora [...] Então 'tu' tinha de seguir aquilo [...] 'Tu' chegava em casa, fazia o teu plano de aula, pra no outro dia, eu ir lá no segundo ano [...] 'Hã' [...] E dá aquela aula [...] Mas, surgiam situações assim, 'ó' [...] Fora do comum [...] Que aquela aula não servia [...] Eu tinha de improvisa [...] Ai [...] Foi horrível [...] (ENTREVISTADA 01).

[...] era uma coisa que não foi a realidade quando a gente chegou em sala de aula, não foi essa realidade que a gente encontrou, então era um aluno X, a gente chegava lá era XY e até hoje a gente chega, cada um é um, 'tu' tem que aprender como lidar com eles, isso foi da minha experiência, não tive nem na faculdade, na minha formação acadêmica [...] (ENTREVISTADA 03).

[...] a gente faz a faculdade, na faculdade tudo é lindo, maravilhoso, as possibilidades, as coisas, é tudo tranquilo, não vai ter problema nenhum [...] tudo dá certo, no livro a teoria é uma beleza [...] E na prática é totalmente diferente, então o despreparo do professor em relação à prática ali, a vida como ela é 'né' (ENTREVISTADA 04).

[...] na época que eu fiz, me formei em 92 faz bastante tempo, a gente, nós, a gente via a realidade do aluno no momento do estágio. Então era tudo aula assim, as aulas eram mais dentro do didático e utópicos. Utópicas porque quando 'tu' vai fazer estágio que 'tu te dá', que 'tu' vê alunos com "n" problemas e várias coisas, que na hora acadêmica não é passado isso, então eu aprendi, eu aprendi a realidade depois que eu entrei, que eu fiz o concurso que passei e assumi como professora (ENTREVISTADA 06).

Nas entrevistas fica evidenciado que a formação inicial necessita ser a mais próxima possível da realidade que o professor vai enfrentar. Como não é possível prever, durante a sua formação, o perfil da clientela que o professor vai enfrentar, faz-se necessário prepará-lo para todas as possibilidades que poderá encontrar.

Esteve (1999) afirma que ao chegar às escolas o professor iniciante vai se deparar com uma realidade, que muitas vezes não corresponde com as ideias transmitidas em sua formação. Por isso, a formação inicial poderia oferecer maior atenção à prática e não se ater somente a teoria, abordando a organização do traba-

lho, a interação na sala de aula, a articulação e a manutenção das regras; prevenindo, assim, situações desconfortáveis para os futuros professores.

A respeito do que pensam os professores entrevistados sobre a formação inicial e a necessidade de contato com a realidade existente nas escolas, as falas a seguir são elucidativas:

[...] Eu acho assim que durante essa formação a gente teria que ter um contato mais presente com a realidade. Então, na minha época quando eu terminei a minha faculdade não se falava em deficiência, nem se falava em inclusão, nem se sabia o que era isso, acho que ficava alguma coisa lá para a psicologia, o que era, conceitos [...] Nesse sentido a gente está indo buscar [...] É aquela coisa, é uma teoria, mas quando você chega numa sala de aula e se depara com isso é totalmente diferente (ENTREVISTADA 02).

[...] Eu acho assim, que o profissional quando ele está lá na universidade, ele tem que ser preparado bem. Eu acho que tem que ajudar, alertar, que a educação mudou muito [...] As dificuldades, não é lá só porque a escola não tem condições, mas isso porque toda a sociedade mudou, o mundo mudou [...] A gente fica pensando no meu tempo, mas hoje há um novo tempo, é um novo tempo e a gente tem que reavaliar [...] A universidade também tem que preparar esses profissionais, eu não sei como, num estágio mais avançado, numa observação maior e assim discutir mais, como encantar esses alunos, para que outras coisas não encantem primeiro (ENTREVISTADA 08).

No entendimento de Jesus (2007), o grau de mal-estar docente está atrelado ao modo como o professor lida com as fontes que desencadeiam este mal-estar. Para o autor, a formação educacional pode ajudar o professor a desenvolver competências e estratégias para lidar com as dificuldades encontradas. A formação do professor necessita ser mais do que a formação específica em termos de aprendizagem dos conteúdos que o professor desenvolve com seus alunos; necessita evidenciar estratégias que permitam ao professor conduzir de maneira mais eficaz o processo de ensino.

Kuenzer (1999) afirma que não existe um modelo de formação para professores. O professor necessita estar capacitado para trabalhar com a diversidade que irá encontrar para, dentro desta realidade, fazer a seleção de conteúdos, escolher caminhos metodológicos e a forma de avaliação, para intervir na realidade do aluno, possibilitando novos conhecimentos. Não basta só ao professor ser competente para expor seu conteúdo e cativar a atenção do aluno; exige-se que ele seja competente para realizar a leitura da realidade do aluno e organizar situações de aprendizagem.

O professor tem que estar preparado para acompanhar as mudanças que acontecem na escola, sendo necessária a constante atualização. Nesta perspectiva, o professor também é um eterno aprendiz, pois, a cada situação encontrada lhe é exigida uma nova forma de agir.

Em sua essência, ser professor hoje, não é mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária (GADOTTI, 2003, p.15).

Os professores entrevistados abordam a importância de continuar estudando, da atualização contínua e, também, a reflexão sobre suas práticas em sala de aula.

[...] nós precisamos de muitos momentos de troca, muitos momentos de estudo. Sabe, eu acho que aí que a gente conseguiria ajudar os professores, juntar esses professores antigos com esses novos, fazer essas trocas, essa ajuda mútua, esse estudo. Porque eu acho que a gente tem que estar estudando sempre, muitas coisas mudaram, nossas crianças mudaram. A gente não pode fazer as coisas que a gente fazia dois, três anos atrás. Tem que ser diferente, a gente não faz a diferença sozinha, a gente faz diferença na troca, a gente faz diferença no convívio, com outros professores, com a coordenação. Eu acho que isso seria importante, esses momentos de troca, junto com essa formação continuada, dentro da escola [...] (ENTREVISTADA 02).

[...] Fiz parte uma vez de um grupo de pesquisa, que eu aprendi um pouquinho nesta área de planejar. Ir lá aplicar e fazer um registro da minha aula, o que foi legal o pensar, o que deixei a desejar, o que poderia ter sido diferente, aí fazia um registro, relia as minhas memórias. Aí eu comecei a refletir um pouquinho a minha prática (ENTREVISTADA 03).

Nota-se, também, nos relatos dos professores, a necessidade da troca de experiências entre os seus pares, e o quanto esta ação pode ser enriquecedora para a inovação prática em sala de aula.

As propostas de formação necessitam ser diferenciadas. Ir além de oferecer cursos, seminários, palestras, aulas de atualização; elas podem desenvolver atividades de troca, que favoreçam a auto-formação partilhada, através da organização dos

próprios professores, possibilitando reflexões sobre a prática em sala de aula e o aprofundamento das questões pertinentes ao desenvolvimento de suas atividades. “Espaço que favoreçam um exercício autônomo e sistemático das relações entre os seus fazeres, saberes, poderes” (LEITÃO, 2004, p.28).

A importância de um espaço para os professores estudarem e discutirem sobre a realidade que estão atuando, trocar ideias e experiências, conhecer novas possibilidades de ensino, avaliar seu trabalho e também se conhecer, é expressa nas falas a seguir.

Eu acho que é um trabalho em conjunto sabe. Teríamos que ter mais reuniões, mais encontros e formação. Nessas reuniões e nesses encontros teriam que ter formação, sabe. Nós teríamos que ter mais conhecimentos sobre essas deficiências e daí mais trocas, aqueles bem pedagógicos, como trabalhar, o que fazer, como avaliar, como planejar uma aula. Nós temos que mudar toda a estrutura pedagógica, para trabalhar com esse aluno dentro da sala de aula, tudo tem que mudar [...] (ENTREVISTADA 02).

Uma vez por semana nós temos um tempo, ‘né’. Porque a gente adequou o nosso horário e assim nos impomos na verdade, para poder ter esse espaço para discussão, para conversar, para chorar se for preciso, a gente chora também, a gente conversa, a gente ri bastante, a gente troca ideias, a gente se pergunta o que está faltando, ou o que está precisando melhorar. Então essas conversas é uma vez por semana que a gente faz durante uma hora e meia [...] (ENTREVISTADA 08).

Nesse sentido, Jesus (2007) considera que a formação continuada é imprescindível para o desenvolvimento e a realização do professor como profissional. Ela favorece o trabalho em equipe e tem como origem a realidade do professor, sendo norteadada pelos problemas concretos do dia a dia da escola. Desse modo, pode colaborar na solução dos possíveis problemas encontrados na ambiente escolar.

Nos depoimentos a seguir, os entrevistados relatam a importância de a formação continuada estar centrada na realidade, pois, muitas vezes, sentem-se desmotivados em participar dessa atividade, pois os assuntos não são de seu interesse.

As peculiaridades da escola, as peculiaridades locais, o centro de interesse dos professores não é respeitado e não é nem ao menos perguntado. Esse é o detalhe, é como se você sintetizando de uma forma bem simplória. é a mesma coisa que você detestar futebol e eu te dizer, sábado de manhã você vai estudar futebol. Aí você estava programando para ficar lá com o teu filho, com o teu marido na tua casa sei lá eu. E não, você vai, deixar tudo aquilo que é importante pra ti, para ir ver algo que não tem nada a ver com o teu cotidiano (ENTREVISTADO 05).

[...] reuniões realmente voltadas para o que interessa e não para fofocada [...] Às vezes eu fico pensando, ficava pensando, olhando, assistindo aquelas reuniões. Meu Deus, o que eu estou fazendo aqui, porque eu não estou em casa, 'heim'? Fazendo um milhão de coisas que eu tenho para fazer, preparando aquela aula que eu tenho que dar segunda-feira, estou aqui no sábado [...] (ENTREVISTADA 06).

Conforme Jesus (2007) a formação continuada do professor precisa incluir mais do que a transmissão de conhecimentos. Ela necessita favorecer a troca de experiências entre profissionais e ser um meio de tomada de consciência da nova prática; além de reduzir o isolamento e propiciar a criação de estratégias para a solução de problemas. Neste sentido, a cooperação entre professores é um caminho para o bem-estar e a inovação docente.

Na opinião dos professores entrevistados, é muito importante que a escola favoreça um espaço para que eles sejam ouvidos, troquem experiências e dividam suas angústias e seus problemas. Esse momento necessitaria ser frequente; desta forma, os docentes se sentiriam mais fortalecidos para desempenhar suas atividades. “[...] Curso de formação; um momento de encontro de professores. Um momento, assim, de apoio, de discussão, de dinâmica, de descontração que você fortaleça, forme, informe” (ENTREVISTADA 08).

[...] Tem que estudar. Tem que ter os minutinhos para desabafar, que eu acho que tem que ser semanal para não ficar acumulando, para aquela coisa não sair da garganta ligeiro. Para aquela coisa ficar resolvida, porque eu não posso resolver um problema emocional, ou qualquer outro problema assim daqui um mês. Eu tenho que resolver imediatamente, tem coisas de escola, que tem que ser rápido, mas assim um momento por mês. Um momento de cada 15 dias de estudo, fundamentação (ENTREVISTADA 02).

Formação ela tem que estar sempre, a gente teria que estar sempre em formação. Poderíamos também fazer assim, 'oh' [...] A escola poderia pensar uma maneira de ouvir mais esse professor que às vezes (ENTREVISTADA 03).

As falas evidenciam a necessidade de a escola disponibilizar um horário para a formação continuada dos professores. Para que essa formação atinja os seus objetivos, além do tempo disponibilizado pela escola, ela deverá disponibilizar um material adequado para o aperfeiçoamento dos docentes, novas técnicas e profissionais das mais diversas áreas para intermediar as experiências dos professores e

criar estratégias para minimizar as dificuldades encontradas; com isso, melhorando a qualidade do ensino.

Para Gadotti (2003), muito da dor, muito do sofrimento dos docentes poderia ser prevenido se a formação inicial e continuada fosse centrada mais em hábitos, atitudes e valores, e menos em técnica. O professor precisa se perguntar por que ensinar e como deve ensinar antes de se questionar o quê deve ensinar; necessita aprender a se organizar no seu trabalho, sistematizar, avaliar dialogicamente, aprender a ser mais cooperativo, pois o individualismo de sua profissão desencadeia angústia e ansiedade.

Ser professor é um desafio constante, e seu trabalho depende de diversos aliados para poder acontecer. Se o professor não estiver preparado e não tiver o suporte necessário para manejar as situações que encontrará em seu cotidiano, possivelmente essas dificuldades lhe desencadearão o mal-estar. Muitos dos fatores que afetam a qualidade de seu trabalho e o seu bem-estar, não dependem exclusivamente do professor. É um conjunto de fatores que dependem de ações governamentais, dos gestores, dos funcionários das escolas, dos pais e da sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bases para a realização desta pesquisa, inicialmente, foram as próprias inquietações, sendo professora da rede de ensino estadual. Percebe-se a docência como uma profissão que proporciona diversos desafios e que exige qualificação constante para acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade; vivencia-se a grande falta de professores nas escolas, em decorrência dos laudos médicos.

Diante dessa realidade, a pesquisa teve como objetivos investigar qual o significado do mal-estar docente, quais as possibilidades de prevenção – na visão dos professores –, além de pesquisar as formas de prevenção para melhorar a qualidade de vida do docente.

Os relatos dos professores entrevistados foram ricos em informação, sendo que eles narraram as suas vivências como docentes, explicitando o que significava mal-estar no seu entendimento.

Após a realização das entrevistas, trabalhou-se na aplicação do método, para a compreensão das informações; foi realizado um mergulho nas vivências de cada entrevistado, para entender, da melhor maneira possível, a descrição de cada um sobre o mal-estar docente e, com isso, penetrar nos aspectos e essências dos fenômenos, que iam se revelando em suas falas. Assim, foram construindo-se as dimensões fenomenológicas, que abrangem os aspectos mais marcantes trazidos por cada entrevistado e, desse modo, foram encontradas dimensões que compõe cada essência. Com isso, foi se revelando o significado de mal-estar docente, e quais as possibilidades de prevenção, a partir das falas dos entrevistados.

Pondera-se que o objetivo proposto na pesquisa foi atingindo, pois, as entrevistas, a compreensão das vivências de cada entrevistado e as referências de literatura pesquisadas, proporcionaram descobertas sobre o quê significa mal-estar docente e, também, a elaboração de apontamentos para possíveis fatores que podem melhorar a qualidade de vida do professor, levando, conseqüentemente, a prevenção.

O significado do mal-estar docente é muito singular e complexo. Uma vez que cada ser humano tem uma maneira diferente de sentir, dependendo de como vivencia as experiências da sua docência. No entanto, percebeu-se, nos relatos dos pro-

fessores, que há elementos que são muito significativos para a compreensão do significado do mal-estar docente para cada entrevistado.

Com base nas essências e suas dimensões encontradas como resultado desse estudo entendeu-se que mal-estar docente é algo que causa desconforto físico e emocional. Os fatores mais significativos estão relacionados à profissão e como eles se sentem valorizados como profissionais. Essa desvalorização vivenciada pelo professor, passa pela melhoria do salário que recebe, pelo reconhecimento da sociedade, pelo reconhecimento de seus direitos, pela carga de trabalho e pelas condições adequadas de trabalho. Os professores queixam-se que, cada vez mais, esses aspectos não estão sendo levados em consideração para a qualidade de ensino e para a sua qualidade de vida.

Outro aspecto importante que foi se revelando durante o estudo, está vinculado aos relacionamentos que o professor tem que administrar no seu dia a dia. Por vezes, ele não conta com o apoio de outros profissionais e nem com a cooperação dos docentes. O clima no ambiente escolar, muitas vezes, não é tão harmonioso o quanto ele gostaria, pois, o atrito entre colegas, as relações com os alunos e com a família dos alunos entram em choque com os seus valores. Assim, o professor vai entrando em um mal-estar e, com isso, apresenta laudos médicos para se afastar do trabalho, falta ao trabalho; outros acabam diminuindo sua carga horária, ou se exonerando da profissão.

O estudo apontou que ser professor na escola pública é muito complexo. É conviver com inúmeras dificuldades, que acabam afetando a saúde do professor, gerando o mal-estar. Não existe um fator específico; é um conjunto de elementos que foram se aglutinando ao longo da história da educação.

A prevenção do mal-estar docente necessita de um olhar de toda a sociedade em torno da escola; depende de políticas públicas, dos sindicatos dos professores, do setor administrativo da escola, para oferecer, ao professor, o apoio de outros profissionais, que o ajudem em seu objetivo, que é a aprendizagem do aluno. Isso é um trabalho em conjunto, para favorecer um ambiente que propicie o desenvolvimento do trabalho docente. Mas, além do investimento em infra-estrutura e materiais que possibilitem inovar as aulas e deixá-las mais atraentes, o profissional necessita de mais tempo para a preparação das mesmas. Para o professor se sentir bem em seu ambiente de trabalho e ter condições para trabalhar, toda essa estrutura necessita

de um profissional preparado para atuar na escola de hoje, com a grande diversidade de realidades que lá se encontram.

A formação inicial e continuada necessita levar em consideração as diversidades encontradas na escola. A profissão de professor requer atualização permanente, é um eterno aprender. Tendo em vista que a sociedade está em constante mudança, o professor necessita acompanhar essas mudanças para compreender a realidade do seu aluno. Desta forma, o professor precisa estar sempre em formação e refletindo sobre sua prática.

A formação continuada necessitaria partir da realidade do professor, lhe oferecendo subsídios para entender o aluno, dar espaço para os professores partilharem suas experiências e refletir a respeito de suas ações em sala de aula e, desta forma, estar sempre se atualizando.

Fica evidenciado, nas falas dos professores, que o dia a dia esta cada vez mais atarefado e, muitas vezes, no meio de todas as suas atribuições, acaba esquecendo os aspectos relacionados à sua qualidade de vida. Nesse ponto, a formação inicial e continuada poderia favorecer momentos de autoconhecimento para o professor, para que ele seja capaz de cuidar-se e olhar-se com mais cuidado, tanto para sua saúde física como mental.

Nesse sentido, a educação estética pode ser uma alternativa para o professor olhar para suas intuições, sensações e sentimentos, que são desencadeados pelas situações vivenciadas em seu trabalho. A educação estética propicia momentos de autoconhecimento e ajuda a reduzir a dicotomia entre a razão e o imaginário, a perceber com mais clareza os sentimentos e as emoções, que podem auxiliar o professor a elaborar e a ressignificar suas vivências.

Segundo Genari (1997), a proposta da intratextualidade e da intertextualidade é considerada como uma relação entre a interioridade e o mundo exterior e essa relação tem como objetivo o desenvolvimento multidimensional humano, que encontra no estético uma ocasião ímpar para favorecer o amadurecer da personalidade e promover um processo de autoeducação nas etapas da vida.

O fator relevante na prevenção do bem-estar do professor está relacionado com um programa de acompanhamento da sua saúde. Isso seria feito com exames periódicos para acompanhamento, vigilância das condições de trabalho e uma avaliação dos riscos presentes no local de trabalho e nas condições de trabalho que po-

dem afetar a saúde, além de assessoria ao professor, supervisão, apoio pedagógico e psicológico para a melhor evolução de seu trabalho com o aluno.

Várias foram as descobertas proporcionadas por esse estudo, que impulsionaram novos questionamentos e a abertura de novos caminhos, o que não significa a conclusão do mesmo. Pelo contrário, servem de embasamento para um futuro aprimoramento e redimensionamento das pesquisas que tenham as questões do contexto escolar como temática central.

Outros questionamentos surgiram durante a realização deste estudo, dentre eles, a falta de um psicólogo escolar e de um assistente social. Nas escolas não existem esses profissionais, que teriam papel muito importante no apoio ao professor, aos alunos e as suas famílias. Além de tudo isso, faz-se necessário capacitar profissionais da área da saúde do trabalhador, para o desenvolvimento de ações específicas nas escolas.

Do mesmo modo, os funcionários que atuam nas escolas, tais como as merendeiras, os guardas, as secretárias, as pessoas que trabalham na cantina da escola, na limpeza e outros, também atuam como educadores. No entanto, não possuem nenhuma formação em educação e não recebem nenhuma orientação, quando começam a trabalhar, da importância do seu papel no contexto escolar. Esses profissionais merecem mais atenção, e torna-se possível uma pesquisa com intuito de saber o que eles pensam a esse respeito.

Entende-se que a amplitude da problemática abordada nesta investigação é muito ampla; por esse motivo, abre-se a outras sugestões de pesquisa, como perquirir junto aos professores que abandonaram o magistério, quais os motivos que os levaram a adotar tal atitude. E, também, seria importante pesquisar o porquê de muitos destes profissionais nunca terem se afastado de suas atividades, para descobrir quais os mecanismos usados para convier às diversidades do magistério, ou quais as possibilidades de resiliência encontradas neste contexto.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagem e auto-imagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BATISTA, Analía Soria; CODO, Wanderley. Crise de identidade e sofrimento. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 60-84.

BATISTA, Analía Soria; ODELIUS, Catarina Cecília. Infraestrutura das escolas públicas. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 161-73.

BATISTA, Analía Soria; PINTO, Ricardo Magalhães. Segurança nas escolas e *burnout* nos professores. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 312-23.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRANDÃO, Márcia Maria. Em busca da formação do outro: caminhos alternativos. In: BUENO, Belmira; CATANI, Bárbara; SOUSA, Cyntia Pereira de (Org.). **A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras, 1998. p. 71-82.

BRITTO, Katia Maria. **Múltiplos olhares sobre o mal-estar e o bem-estar docente em uma escola da rede municipal de Porto Alegre**. Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo; Cultrix, 1982

CARDOSO, Marla. Retomando seu valor. **Proteção** – Revista Mensal sobre Segurança e Saúde do Trabalho, São Paulo, n.178, p.40-58, out. 2006.

CARVALHO, Anésia de Souza. **Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

CODO, Wanderley; SORATTO, Lúcia. O educador esquecido. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 365-67.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. Burnout: “Síndrome da Desistência”. In: In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 237-54.

COMIOTTO, Mirian Sirley. **Adultos médios: sentimentos e trajetória de vida – estudo fenomenológico e proposta de auto-educação**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992.

CPERS – Sindicato. **O ensino público pede socorro: pesquisa nas escolas públicas da rede estadual**. CPERS/Sindicato, Gestão 2009/2011.

DAHLKE, Rüdiger. **Qual é a doença do mundo? Os mitos modernos ameaçam o nosso futuro**. São Paulo: Cultrix, 2001.

DANNENBERG, Ronam. Carreira do magistério não atrai estudantes gaúchos. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 8, 12 jul. 2010.

DIAS, Elizabeth Costa. Ministério da Saúde do Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos a educação (do) sensível**. Curitiba: Unificado, 2001.

_____. **Itinerário de uma crise: a modernidade**. 2. ed. Curitiba: UFPR, 2002.

_____. **Fundamentos estéticos da educação**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

ENDLER, Antônio. **Poesias do Cotidiano**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FÁVERO, Altair. Políticas de formação pedagógica: possibilidades de superar o mal-estar docente. In: SEMINÁRIO Internacional sobre Filosofia e Educação. **Racionalidade, diversidade e formação pedagógica**. Passo Fundo, RS: 2008.

FÁVERO, Natália. Rede estadual busca professores temporários. **Jornal O Nacional**, Passo Fundo, RS, p. 7, 26 jul. 2010.

FREDRIKSSON, Ulf; BAUNAY, Yves; JOUEN, Elie. Conflitos e tensões na profissão docente. **Revista A Página da Educação**, ano 10, n. 105, ago./set. 2001. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=105&doc=8489&mid=2>>. Acesso em: 10 maio 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FUNCH, Sobe Bjarne. Tipos de apreciação artística e sua aplicação na educação de museu-livro. In: FRÓIS, João Pedro (Coord.). **Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares**. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 2000. p. 109-26.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GALEFFI, Dante Augusto. Educação estética: abordagens e perspectivas. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97-111, jun. 2007.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi; ASSUNÇÃO, Ada Avila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-99, maio/ago. 2005.

GENNARI, Mario. **La educación estética – arte y literatura**. 1.ed. Barcelona: Paidós, 1997..

GENTILE, Paola. A educação vista pelos olhos do professor. **Revista Nova Escola**, ed. 207, nov. 2007. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br>>. Acesso em: 10 maio 2010.

GIORGI, Amedeo. **Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh, Pennsylvania: Duquesne University Press, 2009.

_____. **The descriptive phenomenological method in psychology: a modified Husserlian approach.** Pittsburgh, Pennsylvania: Duquesne University Press, 2010.

GLOCK, Clarinha; GOTARDO, Grazieli. Especial Saúde – Os principais riscos à saúde do professor. **Jornal Extra Classe**, Porto Alegre, ano 14, n. 134, jun. 2009.

GOMES, Luciana. **Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites.** 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Rio de Janeiro, 2002.

GOMES, Luciana; BRITO, Jussara. **Desafios e possibilidades ao trabalho docente e a sua relação com a saúde.** Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Estudos e Pesquisas em Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, p. 46-62, 2006.

GOULART, Janete de Aquino; SANTIAGO, Anna Rosa Fontella; DRUGG, Ângela. Afastamento para tratamento de saúde: sintoma institucional e recurso precário no enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho docente. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 372-94, set. 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JATENE, Adib. **Conselho Nacional da Saúde.** Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996. Disponível: <conselho.saude.gov.br/docs/resolucoes/reso196.doc>. Acesso em: 10 maio 2010.

JESUS, Saul Neves. **Professor sem stress: realizações e bem-estar docente.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

KUENZER, Acácia Zeneida. As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrando. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 68, p. 163-85, dez. 1999.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 65-88, mar. 2003.

LEITÃO, Cleide Figueiredo. Buscando caminhos nos processos de formação/auto-formação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, p. 25-39, set./out./nov./dez. 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1995.

_____. **No fundo das aparências**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **A violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. **Elogio da razão sensível**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MARCHESI, Álvaro. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINS, João Batista. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, PR, v. 8, n. 2, jul./dez. 2003.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1994.

MCCANN, Michael (Coord.). Capítulo 94: Servicios de educación y formación. Parte XVII, Servicios, v. III, p. 1-15, 01 jan. 2001. In: INSHT – Instituto Nacional de Seguridad e Higiene en el Trabajo. **Enciclopedia de la OIT**, Ministerio de Trabajo e Inmigración, Gobierno de España. Disponível em: <<http://www.insht.es/portal/site/Insht/menuitem>>. Acesso em: 09 jan. 2010.

MELLO FILHO, Julio. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

MENDES, Clenda. Professores estão mais estressados. **Jornal O Nacional**, Passo Fundo, RS, 04 jun. 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Livraria Bastos, 1971.

MINAYO, MCS. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, MCS. et al. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 09-29.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **O professor como pessoa**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.

MÜLL, Eldon Henrique; ESQUINSANI, Valdocir (Org.). **O diálogo ressignificado do cotidiano escolar**. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 07-14.

OIT, Organización Internacional del Trabajo. **Empleo y condiciones de trabajo del personal docente**. Ginebra: OIT, 1981.

ORMEZZANO, Graciela R. **Imaginário e educação: entre o *homo symbolicum* e o *homo estheticus***. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. p. 60-84.

_____. Educação estética: abordagens e perspectivas. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p.15-38, jun. 2007.

_____. **Educação estética, imaginário e arteterapia**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

SCHWINGEL, Roberta. **Burnout em docentes e funcionamento institucional**. Trabalho de Conclusão de Curso. Pesquisa realizada na UNIVATES, com docentes, e apresentada no VII Congresso de Stress da ISMA-BR e IX Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho, jun. 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SILVA, Mariana Cunha da; CETRA, Silvana Regina; DIEHL, Vanessa. SOE e SSE: Setores do espaço escolar – elementos importantes ou acessórios da escola. Cadernos FAPA, n.1, p. 18-23, 1º sem. 2005. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cadernosfapa/php/home.php>>. Acesso em: 10 maio 2010.

SINPRO/RS. Espaço Jurídico. Saúde do professor: um olhar criativo sobre o tempo livre. **Jornal Extra Classe**, Porto Alegre, ano 10, n. 92, junho 2005. Disponível em: <<http://www.sinpro-rs.org.br/extraclasse/mai09/sindicato10.asp>>. Acesso em: 15 maio 2010.

_____. Espaço Jurídico. Meio ambiente de trabalho, uma questão de saúde do professor. **Jornal Extra Classe**, Porto Alegre, ano 14, n. 133, maio 2009. Disponível em: <<http://www.sinpro-rs.org.br/extraclass/mai09/sindicato10.asp>>. Acesso em: 09 jan. 2010.

SORATTO, Lúcia; OLIVIER-HECKLER, Cristiane. Escola: uma organização multiprofissional. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002a. p. 122-36.

_____. Os trabalhadores e seu trabalho. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002b. p. 89-110.

STOBÄUS, Claus; MOSQUERA, Juan José; SANTOS, Bettina Steren dos. **Mal-estar e bem-estar na docência**. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 30 maio 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

THIELE, Marisa Elizabetha Boll; WEBLER, Rita Melânia. **Um olhar sobre a saúde do professor: desafios e possibilidades**. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos>>. Acesso em 10 maio 2010.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. Pesquisa Nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004.

VASQUES-MENEZES, Iône; CODO, Wanderley; MEDEIROS, Larissa. O conflito entre o trabalho e a família e o sofrimento psíquico. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 255-60.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Professor,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa tem como objetivo identificar o conhecimento dos professores sobre o significado do mal estar docente e que possibilidades de prevenção os professores encontram na sua formação inicial e/ou continuada. Não haverá riscos, nem desconfortos, nem gastos de qualquer natureza, nem receberá pagamento nem gratificações pela sua participação. Poderá solicitar esclarecimentos sempre que sentir necessidade poderá interromper sua participação a qualquer momento sem qualquer penalização ou prejuízo. Consentindo sua participação, você responderá de forma livre e espontânea há uma entrevista feita pela pesquisadora, que será gravada para auxiliar na transcrição dos dados e posteriormente serão destruídas Tudo o que for dito, registrado ou escrito será utilizado para fins científicos, assegurando seu anonimato.

Surgindo qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento, poderá entrar em contato com a responsável pela pesquisa Jussara Morandini Strehl, Psicóloga registro no conselho Nº: 07/6286, residente na Rua Benjamin Costant 400/403, - Passo Fundo. Telefones (054) 3311-4307 ou 3045-3133 E-mail: jmorandini@upf.br

Declaro que obtive todas as informações necessárias e esclarecimento quanto às dúvidas por mim apresentadas e, por estar de acordo em participar da pesquisa, assino o presente documento em duas vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em minha posse.

_____, _____ de _____ de 2010.

Jussara Morandini Strehl
Pesquisadora Responsável

Sujeito da Pesquisa

APÊNDICE B – Roteiro da pesquisa**ROTEIRO DE PESQUISA**

Escola: (A) - (B) - (C) - (D)

Nome: _____

Pseudônimo: _____

Idade: _____ Estado Civil: _____

Filhos e Idade: _____

Formação: _____ (ensino Médio)

_____ (Graduação)

_____ (Especialização)

_____ (Mestrado)

_____ (Outra formação)

Em quantas escolas trabalha? _____

Qual a carga horária? _____

Quantas matérias leciona? _____

Exerce outra atividade além do Magistério? _____

Há quanto tempo atua no Magistério? _____

Qual a distância da sua casa a escola? _____

Qual o motivo que levou a afastar do trabalho (doença)? _____

Quanto tempo ficou afastado (a)? _____

Já teve outros laudos na sua carreira de Magistério (motivo)?

O que significa mal-estar docente para você?

APÊNDICE C – Entrevistas

ENTREVISTAS

» 1ª Entrevistada

A entrevistada entende que o mal-estar docente decorre de dois aspectos: o primeiro está relacionado com as condições econômicas do professor, que ganha mal e sempre estará dependente de alguém. Isso o desestimula, pois, como irá participar de um curso de aperfeiçoamento se os cursos que normalmente são disponibilizados são muito caros; o segundo aspecto está relacionado com a sua formação acadêmica, uma vez que a faculdade de licenciatura plena não prepara o futuro professor para lecionar para o público que irá encontrar nas escolas.

A formação acadêmica prepara o professor para dar aulas para seus colegas em uma sala bonita e com toda a estrutura. No entanto, ao sair da faculdade, o professor se apavora com o tipo de população que existe dentro das salas de aula. São alunos sem boas maneiras, sem educação, e o professor está na escola para transmitir conhecimento e não para educar. Professor não é pai, não é mãe, não é parente e está na escola para ensinar, ser respeitado e respeitar os outros. Contudo, o aluno está protegido por uma legislação que só lhe dá direitos sem haver a contrapartida dos deveres. O aluno tem o direito de agredir o professor verbalmente, psicologicamente e até fisicamente. O professor começa a conviver com uma classe social com a qual ele não possui relação e que não acrescenta nada em sua vida. Ele vai esquecendo a pessoa educada que era e vai aprendendo, com essas pessoas, a ser agressivo, ignorante e sem boas maneiras. É angustiante entrar na sala de aula e saber que existem alunos traficantes e prostituídos, que estão ali para zombar do professor. Eles se aproveitam da estrutura frágil do ensino e geram medo no professor.

Essa situação não vai mudar e tende a piorar se não forem tomadas algumas medidas; virou uma bola de neve, pois na escola não existe mais conhecimento. A entrevistada sente-se como um agente penitenciário e não como uma professora. Para ela, dentro da escola os alunos são fruto de uma sociedade desestruturada,

são pessoas agressivas e o professor tem que se cuidar para não ser agredido. Se o aluno agride a professora é porque ela provocou, se a professora agride um aluno ela é criminosa e tem que ir para a cadeia. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA tira a autonomia do professor, pois ele não tem mais autoridade. Os alunos estão amparados por todos os direitos. O professor tem que se controlar muito, além de ter medo de ser agredido tanto dentro como fora da escola. Existem professores que tem receio do carro ser arranhado, pneu rasgado; o professor acaba sendo perseguido pelo aluno. O fato de haver punição para o menor está refletindo dentro da sala de aula. É um problema de interpretação da lei.

A professora relata que no começo da carreira de magistério chegava em casa e fazia seu plano de aula, mas, ao retornar à sala de aula, aquele planejamento não servia, uma vez que surgiam situações fora do comum e ela tinha de improvisar. Essa circunstância foi classificada como horrível, pois ela tinha medo de enfrentar esses acontecimentos inesperados e, então, ficava doente. Tinha dores de garganta, que é classificado como o seu instrumento de trabalho, logo, não podia ir trabalhar.

A entrevistada entende que as pessoas deveriam ir à escola por elas mesmas, para melhorar de vida, sendo desnecessário o professor insistir para que o aluno estude. Acredita que os alunos vão para a escola obrigados pelos pais, pelas mães, pela lei; eles não querem aprender para no futuro ter um trabalho com uma boa remuneração, já que o traficante e a prostituta ganham mais. Existe uma desmotivação cultural das pessoas, elas não querem aprender, querem consumir para serem aceitas na sociedade. O aluno não quer aprender, é difícil pensar. O professor tem de estimular o conhecimento do aluno, que não está interessado em aprender. Como o professor não vai se afetar com a apatia do aluno? Isso gera um mal-estar horrível, porque você não está exercendo a profissão de educador.

A sociedade quer que o professor tire o traficante da droga, a prostituta da rua; quer que ele seja o psicólogo que ele não é. O professor tem de ser o pai daquele sujeito, que nem ele mesmo sabe quem é.

Para a entrevistada, o professor é desvalorizado diante das outras profissões; ele não tem tempo de preparar uma boa aula e de pesquisar. Por sua vez, a escola não tem recursos e o material didático se resume ao quadro-negro e ao giz. Do mesmo modo, o aluno não dispõe de recursos para fazer uma cópia, mas tem dinheiro para comprar droga.

Percebe que a situação da escola particular é diferenciada, pois tanto a escola quanto o aluno dispõe de recursos e o professor consegue exercer a sua profissão. Relata que, no passado, o ensino público era diferente, pois estudou em uma escola estadual onde os alunos e os pais eram comprometidos; os alunos estudavam, as escolas dispunham de recursos humanos; hoje o diretor faz tudo.

Outro aspecto que é levado em consideração diz respeito à situação financeira das pessoas, que ficou mais difícil em função do consumismo. O professor tem que acompanhar esse ritmo, e quem é pobre fica cada vez mais pobre. Muitas vezes o aluno possui um telefone celular melhor do que o da professora, se veste melhor; porém, em muitos casos, não tem dinheiro para pagar, mas tem. A sociedade está empobrecendo em função desta globalização, deste consumismo.

A falta de um aprimoramento tecnológico afeta diretamente o professor, pois existem professores que não sabem o que é um *pen drive* e, no entanto, os alunos possuem um domínio sobre a tecnologia, já que conferem e-mail no celular, mandam mensagem e escutam música dentro da sala de aula.

O professor gostaria de ter mais tempo para pesquisar, para planejar aula, olhar novidades; isso ajudaria diminuir o seu mal-estar. Para lidar com todo esse mal-estar, o professor tem que fazer um programa de fim de semana para relaxar, esquecer tudo o que passa, que ganha mal.

» 2ª Entrevistada

Mal-estar docente, para a entrevistada, é quando não existe apoio da família e da escola para desenvolver o seu trabalho com os alunos; como trabalha com crianças com déficit cognitivo, muitas vezes a família não tem paciência para esperar os resultados da evolução da criança e, por vezes a gente acaba levando estas angústias para casa.

Geralmente a professora se sente impotente sozinha, e isto afeta o emocional; às vezes sente dor de cabeça, perde o sono, fico remoendo os problemas, se sente mal, fica ansiosa. Trabalha a criança durante o ano todo, mas os outros professores não estão preparados para receber essas crianças, não tem um apoio, não tem formação.

A professora tem revolidado suas angústias através do diálogo com a coordenadora e com seus colegas; não revolve sozinha. Procura refletir sobre sua prática, procura estar sempre estudando, se atualizando; acredita que é através da troca com os colegas que consegue se fortalecer, realizar seu trabalho.

Para a professora, a formação acadêmica não preparou os professores para a inclusão; agora que estão começando a pensar e a trabalhar com a inclusão. A escola deveria proporcionar mais encontros de formação, mais conhecimento sobre deficiências, como trabalhar, como avaliar, para preparar o professor para a inclusão, pois a inclusão, da maneira que está acontecendo, está angustiando muito os professores, eles não se sentem preparados, tem muitos alunos na sala de aula, não tem recursos, não tem monitoramento. A formação continuada é vital para o bom trabalho do professor.

A experiência e a prática vão ajudar o professor; ele tem que ir se ajustando para ir acontecendo à inclusão.

O professor tem que ter um olhar diferente para cada aluno, tem que estar receptivo para receber esse aluno; hoje os alunos são diferentes, eles não param quietos, eles têm muitas informações, é muita diversidade para o professor trabalhar, e tem que ter estratégias diferentes para cada aluno; ainda tem o número excessivo de alunos por turma, sendo que o ideal seria diminuir o número de alunos nas salas de aula. O professor tem que atingir esse aluno, ele não tem material, ele não faz o tema, ele tem o tempo de sala de aula para aprender, estudar, o professor não tem saúde para trabalhar com tudo isso.

Estão exigindo muito do professor, provinha Brasil, e outra avaliação, estão avaliando o aluno e o trabalho do professor, mas os recursos que esses professores tem para trabalhar, para conseguir seus objetivos, isso não é levado em conta.

A professora relata que ela mesma compra seu material, jogos, pois não tem recursos na escola, apesar de ganhar pouco, ainda investe nos recursos. Os professores antigos parecem mais estruturados, aguentam mais essa realidade; os novos desistem quando se deparam com uma realidade muito diferente do que foi passado pela faculdade. O pessoal novo não está conseguindo trabalhar, pois não é só o conhecimento do conteúdo, tem que trabalhar com as diversidades da sala de aula, problemas emocionais dos alunos. Durante a formação o professor deveria ter mais contato com a realidade.

A professora já trabalhou com adolescentes, mas prefere trabalhar com alunos menores, e se especializou para trabalhar com esse tipo de criança, para se adaptar dentro do magistério. Relata que foi adquirindo seu próprio conhecimento pensando no que as pessoas diziam dela, foi percebendo que não tinha muita paciência, foi se conhecendo, conversando com os familiares, foi pensando em suas ações, ponderando entre o certo e o errado. O autoconhecimento é fundamental e a nossa vida está tão corrida, que dificulta o parar e pensar; tem que saber separar, a gente é amiga, filha, namorada, esse agito do dia a dia, a gente tem que extravasar, falar outra coisa que não seja escola. Tem que aprender a desligar, nossa profissão é muito cruel, pois nós temos que levar trabalho para casa. O professor tem que se policiar, para não pensar só em trabalho.

O que ajudaria é a troca entre os professores, nós temos que mudar, as crianças mudaram, nós também temos que mudar; uma vez por semana para desabafo, para trocar o que está acontecendo e, também, necessita de tempo para estudar fundamentação teórica.

» 3ª Entrevistada

Para a entrevistada, mal-estar docente é o resultado de uma série de fatores, que deixam as pessoas tristes e decepcionadas. É viver um conflito interno muito grande.

Dentre os fatores que levam ao mal-estar docente foram citados a falta de reconhecimento dos direitos dos professores, as greves e a falta de estrutura nas escolas. Os professores cumprem horas a mais e trabalham em turnos intermediários, sem regra e diretos claramente estabelecidos. Não podem existir dois pesos e duas medidas para o mesmo assunto. As greves promovidas geram brigas e bate-boca entre colegas, gerando nervosismo, tristeza e ansiedade na entrevistada, que assim chegava à sala de aula, além da decepção com a classe. A falta de estrutura das escolas é evidenciada com a realização de uma reforma durante o ano letivo, que produzia muito pó e barulho. Isso obrigava a manutenção da porta da sala de aula sempre fechada, além do aumento no tom de voz e a circulação dentro da sala de aula para atender todos os alunos. A afonia e o cansaço eram comuns no final do turno.

A professora aponta que há necessidade de se trabalhar com alunos problemáticos, alunos repetentes, desmotivados; a mistura de idades e de interesses, as dificuldades de aprendizagem e as limitações físicas exigem mais atenção do professor. Estes fatores exigem que o professor aprenda a trabalhar com essas diferenças e potencializar o aluno.

Muitas vezes o professor não está resolvendo esse problema, não está ensinando, não está construindo o conhecimento e não tem espaço para questionar isso dentro da escola. A escola está se enganando, o aluno reprova e o professor não alcança o seu objetivo. Isso tem de mudar. Pois isso afeta o professor e o aluno, e este acaba abandonando a escola. No entanto, o professor vibra quando um aluno, que tinha alguma dificuldade, consegue um progresso. É uma conquista.

A entrevistada refere-se que o professor tem de assumir o papel de pai, mãe, psicólogo, enfermeiro, guarda, intérprete e, ainda, tem de ensinar. Esses papéis não cabem ao professor, que não tem estrutura emocional para suportar toda essa carga de sentimentos. Porém, ele vive essa situação que o angustia, somatizando, ficando doente. A escola deve focar na aprendizagem e não em resolver todos esses problemas.

Na sua visão, o professor não pode ser o Bob Esponja, personagem de desenho animado que tem de absorver tudo. Isso gera estresse e cansaço, que acaba refletindo no relacionamento com a família.

Entende que a escola deveria criar um meio, um modo de ouvir mais os professores e ter uma rede de apoio para dividir esses problemas. O espaço para formação, hoje existente, deveria dar orientação e ser um espaço para dividir as angústias. Hoje, essas reuniões servem para dar avisos, repassar tarefas, além das que o professor já tem, não acrescentando nada em sua prática. Elas deveriam ser parte de um estudo, pois a educação não pode ser movida pelo senso comum – pelo “achômetro” – deve estar fundamentada na teoria, na prática, nas experiências do professor. Essa reflexão é rara. O professor tem de repensar a prática pedagógica.

Acredita que a formação acadêmica não condiz com a realidade, pois foi formada para um tipo de aluno, e a realidade lhe apresentou outro. Aprendeu com a troca de ideias com os colegas, com a leitura, com pesquisas, com os registros das aulas e refletindo sobre a sua prática. Entende que conversar com os colegas é muito importante para discutir a realidade, e que a formação é contínua.

Para a entrevistada, o professor continua na profissão porque gosta, e ela está em uma zona de conforto, pois é concursada e possui estabilidade. No entanto, acredita que tem potencial para estar em uma situação melhor, mas dispõe de pouco tempo para se dedicar à mudança.

Almeja, no futuro, dispor de tempo para trabalhar, fazer as coisas que gosta e ter tempo para a família.

» 4ª Entrevistada

Para a professora entrevistada, o mal-estar docente está relacionado com a desvalorização do magistério, com a má remuneração, com a sobrecarga diária de trabalho, pois o professor tem que trabalhar 60 horas para conseguir um salário que lhe dê o seu sustento e o de sua família. Além da sobrecarga de trabalho, existe a sobrecarga em sua vida particular; às vezes, ele não dispõe de tempo para almoçar com a família. O final de semana, que seria de descanso, de lazer e de tempo disponível com a família, é usado pelo professor para preparar aula e corrigir provas. O professor, por si só, não dispõe de recursos financeiros que lhe possibilitem pagar uma empregada doméstica, para lhe ajudar nos afazeres de casa. Ele está rodeado de cobranças dos pais, da escola, dos diretores e até da própria família por trabalhar tanto e não dispor de tempo para a mesma.

Mesmo o professor que trabalha 40 horas na escola, trabalha, na verdade, 60. Pois, leva trabalho para casa e isso acaba desgastando e ocasiona, muitas vezes, problemas familiares.

O professor dedica-se tanto, dá o melhor de si para as suas atividades e esquece-se de si mesmo. Quando vê está doente. Às vezes essa doença é para o resto da vida, ficam sequelas físicas e emocionais. Teria que saber trabalhar, ter hora de lazer e de estar com a família.

Relata que tem um problema no braço que lhe incomoda até hoje e que, às vezes, lhe impossibilita a realização de algumas tarefas domésticas. Essa lesão foi desencadeada pela realização de esforço repetitivo, pois utilizou muito o mimeógrafo para rodar matriz.

Outro aspecto mencionado é a falta de recursos nas escolas, pois a escola só possui quadro-negro e giz, enquanto as crianças têm um vulcão de informações fora da escola, pela televisão, internet, *lan house*.

Apointa, também, a violência na sala de aula como uns dos problemas vivenciados nos dias de hoje na escola. As brigas entre alunos, o desinteresse nos estudos, a diversidade de alunos com distintas dificuldades dentro da sala de aula: alunos com necessidades especiais, surdos, mudos, deficientes, e o professor não é preparado para esta inclusão, e, desse modo, nasce a frustração de não conseguir atingir o objetivo. Isso abate o professor. Ele estudou, se dedicou e não consegue dar a sua aula. Não é culpa do professor, é da sociedade. As escolas viram um depósito de crianças, onde querem que o professor eduque, discipline e, também, transmita valores. Os pais estão transferindo os deveres da família para a escola. Isso vai esgotando; essa situação de fracasso, de impotência diante da turma, deixa uma marca de tristeza e decepção.

Durante a formação acadêmica tudo é lindo, tudo é maravilhoso; é tranquilo, não haverá nenhum problema. Mas, durante o estágio, na periferia, vivenciou uma realidade totalmente diferente do mundo vivenciado em sala de aula. Alunos armados, furtos, roubos. Vi a vida como ela é. A formação acadêmica deve ser mais realista.

A professora sempre procurou se aperfeiçoar e se esforça para que sua sala de aula fique no local mais adequado para motivar as crianças. Hoje tem alunos já formados que se lembram dela, esse é um retorno muito bom.

Como sugestão para a redução do mal-estar docente, a professora afirma que se faz necessária uma maior união da classe dos professores, uma reciclagem do professores, uma remodelação da escola pública, que a torne mais moderna e mais segura, além do comprometimento da comunidade escolar

» 5º Entrevistado

Mal-estar docente, para o professor, é muito amplo: é ter que trabalhar em algo que está habilitada, mas sem condições para exercer a função; é falta de identidade com a profissão, falta de identificação docente com o próprio aluno; ter chegado ao ponto que precisa se manter na profissão, pois é difícil reiniciar em outra; não

estar satisfeito com a profissão; se o professor não estiver bem, não estar feliz onde ele está; o trabalho não anda, não tem estímulo para trabalhar, planejar, fazer uma aula melhor; não se sente integrante da escola; não se sente comprometido; ele vai ficar doente.

Quando fiquei doente fiquei três anos sem férias, em virtude do mestrado, quando me deu o AVC estava dentro da sala de aula, foi uma das maiores decepções que tive com meus colegas, me deixaram lá no hospital sem documento, fiquei como indigente.

Analisando a forma como as escolas funcionam, o entrevistado faz um paralelo entre a escola particular e escola pública: uma funciona e outra não, pela forma que é administrada. Na escola pública há muita proteção, há privilégios para alguns. Na escola particular tudo é mais organizado. Na escola pública você vai levando, até o conteúdo a ser dado vai se ajustando, pois falta um professor, você pega os períodos dela, mas você não o material para aquela aula, não veio preparado; na escola particular isso não acontece. O planejamento é a diretriz, não que ele seja engessado, é uma diretriz.

É necessário os professores terem tempo para planejar juntos, conversar, trocar ideias para um trabalho interdisciplinar.

Se as escolas estaduais fossem privatizadas, o compromisso seria outro, o horário seria outro, a organização seria outra, o salário seria outro, e os laudos não seriam tanto.

A escola estadual chegou nesse tipo de desorganização pela falta de especialização de quem administra e coordena as escolas; quem coordena são os professores que, às vezes, sobram períodos e você tem que lecionar uma disciplina que não gostaria

As reuniões nas escolas, que acontecem nos sábados, deveriam ser mais práticas, focada para o trabalho do professor, em virtude de que o professor tem outros compromissos.

Os cursos de formação na escola não funcionam porque já vêm engessados, não vêm de encontro com que o professor precisa; essa formação da escola está longe do real, do ideal. O professor não tem identificação com os temas propostos, ele foi excluído do processo; a escola não é consultada. Simplesmente são obrigados a fazer e, ainda, no sábado pela manhã, momento destinado para estar com a família, ou para fazer o que você quiser, e você tem que estar na escola para fazer

uma coisa que não tem nada a ver com teu cotidiano; isso contribui para que o professor adoença.

O professor necessita se atualizar, mas ele ganha pouco, tem família para ajudar, sustentar, não tem liberação de horário para fazer uma especialização; e para que investir se você não é valorizado, aí você encontra aqueles professores que dão aulas com aqueles cadernos amarelados, que perderam o estímulo de trabalhar, o amor pela profissão, isso faz com que o professor adoença com certeza.

O estado deveria oferecer mecanismos que facilitassem a atualização do professor, como liberação para cursos; as especializações são caras, e o estado não valoriza; as dificuldades são imensas, o valor, o tempo, você tem que abrir mão da família, amigos; para isso você precisa ser estimulado, só fazendo isso se houver retorno.

Faltam profissionais especializados nas escolas, o supervisor e o administrador deveriam ter mais preparação.

O mal-estar docente só vai mudar quando houver uma avaliação séria, quando tiver uma reformulação total na educação, começando onde o professor trabalha; muitas vezes ele mora ao lado da escola e tem que atravessar a cidade para ir trabalhar; você conhece a realidade. Se o professor passasse por uma prova de conhecimento seria um desastre; não existe apoio da própria equipe de professores, onde um desfaz do trabalho do outro, desvalorizando o trabalho do outro; isso vai gerando a insatisfação do professor.

O professor está doente enquanto profissional; essa doença profissional afeta o pessoal.

» 6ª Entrevistada

Mal-estar docente, para a professora entrevistada, é não ser reconhecida como pessoa, não ter seus direitos reconhecidos.

No ano de 2009 a professora pediu exoneração de 20 horas, pois ela tinha que lecionar 40 horas em três escolas diferentes; seu concurso e sua habilitação é para língua estrangeira, mas em uma das escolas teria que preencher sua carga horária com a disciplina de ensino religioso, a qual não está habilitada; ainda tinha que participar das atividades extracurriculares das três escolas; isso estava deixan-

do a professora muito angustiada, principalmente por estar lecionando uma disciplina para a qual não estava habilitada. Pediu as licenças as quais tinha direito, mas foi negada; então, para o seu bem-estar, pediu exoneração de 20 horas. Ela sentiu-se desrespeitada como ser humano. Fui lá, assinei um papel, me exonerei; ninguém quis saber os motivos. O que dói é que sei que necessitam de professor de língua estrangeira. Ninguém te escuta. Eu me decepcionei. No início do ano passado tive desidratação, depois baixou minha imunidade, tive problemas ginecológicos, alergias, depois veio à gripe A, fiquei pensando no meu filho, e ainda tinha que trabalhar nos sábados, achei melhor me exonerar 20 horas. A professora relata, ainda, gastos com sua saúde, com um tratamento que teve que fazer.

Também refere que o descaso com o professor da rede estadual está aumentando, os alunos estão desinteressados, o número de colegas doentes, física e mentalmente, está cada vez maior; a remuneração é baixa, não existe apoio psicológico para o professor, existem pais ausentes, alunos, de modo geral, agressivos, desanimados, sem respeito pelo professor; falta incentivo para o aperfeiçoamento do professor, falta material didático, especialmente em língua estrangeira; não tem livros, não tem recursos, e o material é caro para o professor adquirir de seu próprio bolso.

As salas de aulas são repletas de alunos; 40 alunos para ensinar língua estrangeira, onde a maioria bagunça a aula, é quase impossível. Relatou, também, sobre as carências dos alunos: tem alunos que vão com fome para a aula, e a escola está impotente frente a tudo; essa situação vai te deixando triste, vai te desgastando; a tua disciplina vai ficando para o segundo plano.

A professora refere-se à diferença da escola pública e da particular, que possui material diversificado, colorido, lúdico; enquanto, na escola pública tem um aparelho de CD, o Xérox (que é preto e branco), quadro-negro e giz, quando dá pra escrever no quadro, pois é muito liso; são raras escolas que possuem quadro branco; data show é um luxo.

Faltam funcionários para organizar a escola, se trabalha no meio de sujeira, poeira. A maioria dos professores tem renite; a entrevistada já trabalhou em uma escola em que não dava para ir ao banheiro, de sujo.

Falta de recursos, de um olhar, é muita exigência; carga horária para cumprir, reuniões, nunca perguntam como você está. Você tem que levar material para casa para corrigir, para organizar, fazer material para as aulas, para rever; o professor tem que descansar, mas como?

Durante a sua formação, a professora não teve contato com a realidade dos alunos, as aulas eram didáticas e utópicas; quando vai para o estágio vê os alunos com muitos problemas, que na faculdade não aprendi; aprendi com a realidade quando comecei a dar aula. Na universidade tudo é muito bonito, mas no momento que você entra na sala de aula tem aluno com piolho, que desmaia na tua frente, e você não sabe o que fazer; a realidade é diferente. A professora se refere às escolas de periferia; os alunos brigando, se jogando uns contra os outros, não estudei para educar assim; as regras básicas, valores, isso tudo angustiava muito a professora; aluno jogando assento de cadeira, ter que chamar o conselho tutelar, mas não tem nada para se fazer, a direção da escola também não sabe o que fazer. A professora está grávida, antecipou laudo gestante, pois a escola era muito longe de sua casa, sendo que tinha uma escola mais perto, e, por medo de ser agredida e pela saúde do bebê.

A professora também lembrou que quando estava se formando na faculdade era um tempo de muita greve, via os professores fazendo manifestações, pensei, para isso que estou me formando, e a situação do magistério esta cada vez pior, quando fui fazer o psicotécnico e apresentar os exames, a psicóloga chamou a atenção que pediam um monte de exames porque o magistério era uns do setor públicos que tinham mais laudos, e isso faz uns 10 anos.

Aponta, em sua entrevista, que têm muitos professores que não tem condições psicológicas de estar em sala de aula, mas ficam porque precisam. Era necessário ter uma avaliação psicológica para dar acompanhamento ao professor, o plano de saúde não oferece consulta psicológica. Fiz exame médico e psicológico para entrar, depois não tive nenhum acompanhamento.

As reuniões na escola deveriam ser voltadas para o que realmente interessa, a coordenação pedagógica tem que se preocupar mais com o professor, pois ele é que faz a escola andar; tem que olhar para o professor, tem que cuidar desse professor. O professor tem que ser valorizado não pela quantidade de períodos, mas porque estudou. Existe, também, a desvalorização dos colegas, sendo que todas as disciplinas são importantes.

A coordenadoria deveria se preocupar com a reciclagem do professor, não vim com formações prontas que não são interessantes. Dar espaço para o professor procurar formação, já que não ajuda financeiramente, pelo menos liberar o ponto

para o professor se atualizar; é muito difícil o professor conseguir uma licença para qualificação.

Para os professores os deveres estão acima dos direitos.

Para reverter esse mal-estar docente, tem que existir escolas sadias. O aluno tem que ir à escola porque quer estudar, porque a escola é gostosa, o ambiente é bom, o banheiro é limpo; tem que ter o mínimo. Cada um tem que fazer a sua parte. O professor deve ser valorizado pela sua formação e valorizar sua remuneração.

» 7ª Entrevistada

Mal-estar docente, para a professora entrevistada, é não estar bem física e psicologicamente para exercer a profissão.

Refere-se que sempre teve dificuldade para enfrentar a sala de aula pela bagunça, os alunos não respeitam e a pressão vai acumulando. Tem alunos bons, mas tem aqueles que movimentam a aula, para que ela não saia direito; tem outros que não respeitam o professor, gritam, falam alto, falam bobagem; tem alunos que usam os outros para descarregar seus problemas, praticam *bullying*. Muitas vezes o professor não consegue controlar a situação, tem que chamar a direção; o professor necessita de apoio para resolver os problemas. O ambiente bom de trabalho ajuda muito, se o professor tem apoio dos colegas, direção.

No imaginário do professor consta que na sala de aula todos querem aprender, que perguntem que troquem ideia; imagina o aluno ideal. Não imagina que irá trabalhar com diferenças tão gritantes, como a falta de respeito e a bagunça geral. O professor idealiza uma situação, não tem uma ideia formada do que é trabalhar com o aluno, durante a sua formação.

No estágio, a professora já começou a sentir dificuldade, pois ela era muito quieta, fechada, não conseguia se relacionar bem com o seu aluno; com o passar do tempo, com a sua prática, e enfrentando a realidade, seu relacionamento foi melhorando, sendo que cada situação vivenciada é diferente, nunca sabe o que esperar. Nada é perfeito, tem que saber administrar. Tem também o relacionamento com os colegas, que às vezes não se entendem bem, isso chateia, mas acaba guardando as coisas.

Como a depressão tem que ir ao psiquiatra, se tratar, tomar remédio, tem que se ajudar com seus pensamentos, tem que mudar os pensamentos negativos, faz uns 10 anos que toma medicamento, desde o primeiro laudo; fica tranquila com o apoio dos remédios.

Cada pessoa tem um organismo e enfrentam os problemas de forma diferente, uns problemas se tornam físicos e outros psicológicos. Os dias de férias ajudam o professor a se recompor.

Outro fator do mal-estar são as somas dos problemas particulares com o trabalho da escola, é uma mistura. Não se consegue separar a casa do trabalho e, também, se leva trabalho e problemas da escola para casa. Esse ano, algo que afetou foi à ampliação do horário na escola; tem que acordar mais cedo, cada vez exigem mais do professor, eles ficam mais estressados, o tempo na escola é insuficiente, tem que levar trabalho para casa. O professor necessita mais tempo na escola para se organizar e levar menos trabalho para casa.

» 8ª Entrevistada

Para a professora entrevistada, mal-estar é um desconforto. Não estar bem no trabalho acontece por vários motivos: pela estrutura da escola, pela alta de consideração e valorização profissional, com o acúmulo de funções, pois o professor tem que resolver vários problemas, que às vezes nem são de sua competência, como situações familiares dos alunos.

É um desgaste muito grande do professor, tanto físico como psicológico; a falta de disciplina dos alunos, a falta de estudo, falta de colaboração, o rendimento não esperado, o trabalho não é satisfatório; isso desgasta.

Existem várias situações que acontecem fora da escola, mas influencia dentro dela, como a desestruturação familiar. As crianças não têm o mínimo necessário para se sentir confortável: alimento, agasalho, não tem ajuda para as tarefas escolares, não tem apoio quando necessitam. Hoje, a família está precisando muito de ajuda, como a escola também está precisando da família; a educação está fragmentada, sendo necessário conjugar família e escola.

A escola deveria estar bem estruturada, organizada, com gestores que tenham visão de toda a situação, tanto pedagógica, quanto metodológica; o grupo de

professores deveria ser comprometido, o magistério está desestruturado, não tem apoio, pois às vezes vêm projetos prontos que a gente nem entende para que servem; assim fica difícil o comprometimento. É interessante trabalhar com projetos, mas quando eles fazem parte da realidade da escola.

A professora refere-se, também, que na escola pública falta estrutura física. Salas de aula lotadas, falta eliminação nas salas de aulas, falta material, falta um ambiente aconchegante, acolhedor para as crianças gostarem de ir para a escola, a qual é um ambiente frio, escuro, que não tem condições; a estrutura física também não estimula. No que se refere aos recursos humanos, falta coordenador, que é essencial porque ele faz a ligação professor-aluno-sala de aula-fora da sala de aula; também, ele contribui muito para o trabalho de todos, falta orientação educacional.

A professora observa que têm muitos professores que não tem mais o ânimo de entrar na aula, isso é triste como profissional, você escolheu esta profissão, está quase se aposentando, e não tem prazer em realizar seu trabalho, está triste, doente, com problemas de articulação, coluna, enxaqueca; é depressão, isso é muito sério, tem que ficar tirando laudo. Teria que ter em projeto para cuidar do professor, dar apoio ao professor; hoje cada um se preocupa consigo, os professores necessitam se fortalecer como colega.

Na escola onde atuo há um coleguismo; quando um colega fica doente os outros ajudam; para não mandar os alunos embora, as colegas trabalham a mais. O problema é quando é um laudo muito longo e a coordenadoria não manda outro professor para substituir. Nessa escola acontecem reuniões semanais, é um espaço para discussão, para conversar, chorar, rir, trocar ideias, a gente fala o que está precisando melhorar, esse espaço faz a diferença.

O profissional, quando está na universidade, tem que ser mais bem preparado, tem que alertar que a educação mudou, que as dificuldades não são apenas porque a escola não tem condições. Teria que ter um estágio mais avançado, mais observação; deveríamos discutir mais como encantar os alunos, antes que outras coisas os encantem primeiro. Ainda recebemos estagiários nas escolas usando livros e exercícios, sendo que hoje existem outros recursos para trabalhar. A formação deve preparar o profissional para a realidade que ele vai enfrentar.

Para minimizar essa situação, os cursos de formação continuada, que são um momento de encontro de professores, deve dar apoio, ser um espaço para dis-

cussão, de dinâmica, de descontração, para fortalecer o professor, formar, informar, descontrair.

A professora aponta que a mídia, através da TV no canal aberto, não valoriza a educação, pois não tem nenhum programa só para a educação como tem para o esporte, e isso reflete em todos os setores, pois a falta de educação repercute no meio ambiente, na violência, no uso de droga. A educação nunca está em destaque.

ANEXO



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER 216-2/2009

O Comitê de Ética em Pesquisa – UPF, em reunião no dia 28/10/09 analisou o projeto de pesquisa “**Narrativas de professores sobre o mal estar docente**”, CAAE nº 0148.0.398.000-09 de responsabilidade da pesquisadora **Jussara Morandini Strehl**.

O projeto objetiva estabelecer propostas de prevenção através da formação inicial e continuada. A pergunta da pesquisa é “Qual o significado do mal estar docente e que possibilidades de prevenção os professores encontram na sua formação inicial e/ou continuada?”. Trata-se de um estudo a ser realizado com doze professores de quatro escolas da rede do ensino público estadual que se afastaram de suas atividades por motivo de doença na cidade de Passo Fundo/RS. O critério de seleção o convite em quatro escolas àqueles que desejarem voluntariamente participar da investigação, independente de idade e sexo. Os participantes responderão a uma entrevista semi-estruturada.

Após a análise o Comitê considerou o projeto relevante e de valor científico. Foram apontadas pendências no projeto, as quais foram devidamente atendidas pela pesquisadora. Os direitos fundamentais dos participantes foram garantidos no projeto e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado. O protocolo foi instruído e apresentado de maneira completa e adequada. Os compromissos da pesquisadora e das instituições envolvidas estavam presentes.

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

A pesquisadora deverá apresentar relatório a este CEP ao final do estudo.

Situação: PROTOCOLO APROVADO

Passo Fundo, 24 de novembro de 2009.